

Universidade Federal de Juiz de Fora  
Pós-Graduação em Ciências Sociais  
Mestrado em Ciências Sociais

Aline Rocha Nery

**“BEM-VINDOS AO NOSSO NORDESTE!”**  
**UM ESTUDO SOBRE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E TURISMO NA FEIRA DE**  
**SÃO CRISTÓVÃO – RIO DE JANEIRO**

Juiz de Fora  
2011

Aline Rocha Nery

**“Bem-Vindos ao nosso Nordeste”! Um estudo sobre Representações Sociais e Turismo  
na Feira de São Cristóvão – Rio de Janeiro**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, área de concentração: Diversidade e Fronteiras Conceituais, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Euler David de Siqueira.

Juiz de Fora  
**2011**

Aline Rocha Nery

**“Bem-Vindos ao nosso Nordeste”! Um estudo sobre Representações Sociais e Turismo  
na Feira de São Cristóvão – Rio de Janeiro**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, área de concentração: Diversidade e Fronteiras Conceituais, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Aprovada em 31/03/2011.

BANCA EXAMINADORA

---

Professor Doutor Euler David de Siqueira (Orientador)

Universidade Federal de Juiz de Fora

---

Professor Doutor Rafael José dos Santos

Universidade de Caxias do Sul

---

Professora Doutora Vera Maria Guimarães

Universidade Federal de Juiz de Fora

Para Vinícius, pelo companheirismo incomensurável.

## AGRADECIMENTOS

A Deus e aos amigos espirituais, por me ampararem na caminhada e orientarem meus passos;

Aos meus pais, José Maria e Maria do Carmo, meus maiores exemplos de força e superação. A vocês o meu agradecimento eterno por todo o amor, cuidado, respeito e orientação. Obrigada por vibrarem com cada conquista minha, e estarem sempre ao meu lado. Amo vocês!

Ao Vi, por estar comigo em cada momento desta trajetória. Por me acompanhar nas idas a campo, mesmo odiando o Rio de Janeiro e detestando tumulto; por me incentivar, agüentar minhas crises de ansiedade, dar colo, virar madrugadas, atuar como marido, amigo e terapeuta... por me fazer tão feliz...

A minha irmã Karine, pelo apoio e estímulo constante, assim como à minha família em geral, pela torcida;

Ao meu orientador Euler, a quem muito admiro. Por estar sempre ao meu lado mesmo “do outro lado do mundo”. Pelas horas de conversas via skype, orientações, pelo exemplo de profissional... Por respeitar meus momentos;

Aos trabalhadores da Feira de São Cristóvão, por partilharem comigo suas histórias;

A Evandro Teixeira, pelo carinho e acolhidas no Rio de Janeiro; por me apresentar “a Feira”;

À Elizabeth Pissolato, Vera e Rafael, pela gentileza de aceitarem compor as bancas de qualificação e defesa; pelas orientações valiosas;

À coordenação do PPGCSO/UFJF e aos professores do Programa, em especial João (Dal Poz), Rubinho (Rubem Barboza) e Jurema (Brites), pelos ensinamentos no decorrer desta caminhada;

Ao nosso querido secretário Chico, sem o qual “o que seria de nós”? Pela solicitude de sempre, inigualável;

À Capes, pela bolsa de estudos que me foi concedida, sem a qual este trabalho não teria sido possível;

Aos colegas da turma de mestrado e doutorado, em especial Tuko, Renata e Rodrigo, pelo companheirismo e amizade;

À Suzana Quinet, pelas palavras de encorajamento e estímulo responsáveis pela minha opção de tentar a seleção do mestrado em 2009; muito obrigada!

À Natália e Fabiane, pessoas lindas com quem tive a oportunidade de trabalhar. Pelo incentivo e pelas horas trabalhadas em meu lugar aos sábados, enquanto eu fazia a especialização, sem exigirem-me nada em troca. Sou muito grata a vocês!

Aos amigos da Baldi Jóias, em especial Bel, Bia e Mônica;

À Gi e Rodrigo, pela maravilhosa acolhida no Rio durante todo o mês de julho de 2010; palavras são insuficientes para demonstrar-lhes toda minha gratidão!

À tia Nilcea, em especial, por me ouvir quando eu apenas precisava falar. Pelo interesse, orientações e estímulos preciosos, quando o cansaço se fazia presente;

A todos os meus amigos que me acompanharam nesta jornada. Por entenderem minhas ausências, me escutarem e torcerem por mim;

À Débora, por me ajudar neste processo fantástico do autoconhecimento;

Ao Léo, pela gentileza da transcrição do resumo;

Enfim, a todos que compartilharam comigo este caminhar, o meu muito obrigada!

Aline.

Por isso é que agora vou assim,  
no meu caminho. Publicamente  
andando. Não, não tenho  
caminho novo. O que tenho de  
novo é o jeito de caminhar (...)  
(Thiago de Mello)

## RESUMO

Os lugares turísticos podem ser compreendidos enquanto espaços cujas relações estabelecidas ultrapassam em vários aspectos o mero ato de consumo. Espaços de trocas materiais e simbólicas, possibilitam o compartilhamento de valores, significados e experiências.

Localizada no bairro de São Cristóvão e reduto da cultura nordestina na cidade do Rio de Janeiro, estima-se que a Feira de São Cristóvão tenha sua origem datada do ano de 1945, com a chegada de retirantes nordestinos na cidade. Espaço de acolhimento, de celebração, a Feira vai crescendo com o decorrer dos anos e passa a ocupar todo o entorno do Pavilhão de São Cristóvão, sendo montada e desmontada todos os finais de semana.

Decorre do ano de 2003, no entanto, o que vem a ser um divisor de águas na história da Feira. Após permanecer cerca de 58 anos ao ar livre, a mesma é transferida para dentro do Pavilhão de São Cristóvão e transformada no Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas, em um acordo envolvendo interesses distintos. A partir de então, novos contornos passam a ser assumidos. As barracas ganham cobertura oficial e lugares fixos dentro do Pavilhão, e muitas readaptam-se para atender à nova demanda. Novos atores sociais entram em cena. A Feira de São Cristóvão passa a ser divulgada como “um reduto nordestino na cidade do Rio de Janeiro”, atraindo, atualmente, mais de 250.000 visitantes por mês. Ao mesmo tempo, discursos como “o Nordeste é aqui” ou “um pedaço do Nordeste no Rio de Janeiro” se articulam povoando o imaginário dos turistas com a ideia de um lugar único e especial.

Reflexo da cidade, a mesma abriga e concentra a complexidade nas esferas econômicas, política, social e cultural. Conflitos, olhares e interesses distintos disputam lugar no que vem a se tornar um dos pontos turísticos da cidade do Rio. Significados múltiplos são construídos e compartilhados neste novo espaço, ressignificado constantemente através das práticas sociais.

O presente trabalho visa mapear as representações sociais e o imaginário sobre a Feira a partir do olhar de alguns de seus trabalhadores. Na pesquisa, guiada pela teoria e pelos pressupostos metodológicos da antropologia, busca-se delinear as categorias de pensamento relacionadas à Feira e as estruturas simbólicas que as permeiam, percebendo de que forma o turismo emerge nestas representações.

Os depoimentos obtidos são discursos carregados de valores e sentimentos, e as representações analisadas misturam-se umas às outras nas falas dos trabalhadores da Feira, na medida em que estes compartilham vários significados referentes a este espaço. Uma vez que a Feira, reflexo da cultura urbana e seus diferentes modos de vida, guarda estreita relação com certos aspectos mais perenes da vida social, acredita-se que o estudo do imaginário e das representações sociais, analisadas da antropologia social, possa contribuir para reflexões acerca de algumas das questões que perpassam a atividade turística e o meio urbano, em seus vários aspectos.

Palavras-chave: Etnografia, Feira de São Cristóvão, Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas, Turismo, Representações Sociais.

## ABSTRACT

The touristic places can be comprehended as spaces whose relations established go beyond several aspects the mere act of consumption. Spaces of material and symbolic exchanges, enable the sharing of values, meanings and experiences.

Located in the neighborhood of “São Cristóvão” and stronghold of “nordestina” culture in Rio de Janeiro, it is estimated that the “Feira de São Cristóvão” has its origin dated on 1945, with the arrival of “nordestinos” migrants in the city. Hosting space, of celebration, of trading, the “Feira” gets bigger with the years and starts to occupy the entire area surrounding the “Pavilhão de São Cristóvão”, being assembled and disassembled every weekend.

During the years 2003, however, it comes the watershed in the history of the “Feira”. After being held outdoor for 58 years, it is transferred to the inside of the “Pavilhão de São Cristóvão” and the name changes into “Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas”, in an agreement involving different interests. Since then, new boundaries start to be made. The tents start to be covered and fixed inside of the “Pavilhão”, and many readapt to meet the new demand. New social actors appear in scene. The “Feira de São Cristóvão” starts to be released as “a “nordestino” stronghold in the city of Rio de Janeiro”, attracting, nowadays, over 250.000 visitors per month. At the same time, speeches as “the Nordeste is here” or “one piece of Nordeste in Rio de Janeiro” goes into the tourists’ mind with the idea of a unique and special place.

Reflection of the city, the same holds and concentrates the complexity in the economic, political, social and cultural. Conflict, different perspectives and interests fight for a place in what comes to change into touristic places in the city of Rio de Janeiro. Multiple meanings are constructed and shared in this new space, constantly reframed by social practice.

This paper aims to map the social representations and imagery about the “Feira de São Cristóvão”, now ‘Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas’, from the look of some of its workers. In the research, guide through theory and methodological assumptions of anthropology, seeks to outline the categories of thought related to the “Feira” and the symbolic structures that permeate it, realizing how tourism emerges in these representations.

The statements made are filled with values and feelings, and the analyzed representations are mixed each other in the statements of employees of the “Feira”, the extent that they share several meanings related to this space. Once the “Feira”, a reflection of urban culture and their different lifestyles, closely related to some more permanent aspects of social life, it is believed that the study of social representations and the imaginary, analyzed from the social anthropology, can contribute to reflections on some of the issues that permeate the urban environment and tourism, in its various aspects.

Keywords: Ethnography, “Feira de São Cristóvão”, “Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas” Tourism, Social Representations.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1.</b> Fachada do Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas .....	23
<b>Figura 2.</b> Trio de “forró pé de serra” .....	24
<b>Figura 3.</b> Freqüentadores dançando o “forró pé de serra”, em área afastada do centro.....	24
<b>Figura 4.</b> Pavilhão de São Cristóvão – Década de 1960.....	42
<b>Figura 5.</b> A Feira de São Cristóvão no entorno do Pavilhão .....	46
<b>Figura 6.</b> Souvenirs à venda .....	55
<b>Figura 7.</b> Uma das entradas do estacionamento Central Park .....	59
<b>Figura 8.</b> Interior do estacionamento Central .....	59
<b>Figura 9.</b> Casal de turistas sendo fotografados junto à estátua de Luiz Gonzaga. ....	61
<b>Figura 10.</b> Em uma das bilheterias, fila para a compra do ingresso, em uma tarde de domingo .....	61
<b>Figura 11.</b> Uma das bilheterias do Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas (CLGTN) .....	62
<b>Figura 12.</b> Galeria dos Imortais da Feira de São Cristóvão .....	62
<b>Figura 13.</b> Casal de artistas de rua – “Estátuas Vivas” .....	63
<b>Figura 14.</b> Carrinhos de pipoca e churros em uma das entradas, junto ao parque de diversões .....	63
<b>Figura 15.</b> Parque de diversões montado em uma das entradas .....	63
<b>Figura 16.</b> Vista frontal de uma das entradas .....	63
<b>Figura 17.</b> Pavilhão visto da rua .....	65
<b>Figura 18.</b> Taxistas da Associação dos Taxistas Autônomos “Oxente Táxi” .....	65
<b>Figura 19.</b> Banner afixado próximo às roletas .....	65
<b>Figura 20.</b> Grupo de jovens posando para fotos junto à estátua de Padre Cícero .....	67
<b>Figura 21.</b> Sr. Zé Duda e seu parceiro na “Praça Catolé da Rocha” .....	69

<b>Figura 22.</b> O público assistindo aos repentistas .....	<b>69</b>
<b>Figura 23.</b> Variedade de literatura de cordel .....	<b>70</b>
<b>Figura 24.</b> Painel para fotos .....	<b>70</b>
<b>Figura 25.</b> Gaúcho e sua esposa dançando em frente à um dos palcos principais .....	<b>71</b>
<b>Figura 26.</b> Apresentação do “Boi Palmica” em um dos palcos principais .....	<b>71</b>
<b>Figura 27.</b> Carrapeta, em foto de Arthur Neto .....	<b>72</b>
<b>Figura 28.</b> Araquém, entrevistando um grupo de turistas .....	<b>72</b>
<b>Figura 29.</b> Interior da Barraca “Três Corações” .....	<b>73</b>
<b>Figura 30.</b> Fundos da Barraca “Três Corações” .....	<b>73</b>
<b>Figura 31.</b> Loja de CDs e DVDs .....	<b>75</b>
<b>Figura 32.</b> Avenida principal que estabelece ligação entre os dois palcos principais: palco João do Vale e palco Jackson do Pandeiro .....	<b>76</b>
<b>Figura 33.</b> Rua localizada em área mais periférica .....	<b>76</b>
<b>Figura 34.</b> Barraca vazia utilizada para armazenamento de materiais de construção .....	<b>77</b>
<b>Figura 35.</b> Entrada do restaurante “Baião de Dois”.....	<b>80</b>
<b>Figura 36.</b> Cozinha Industrial. Restaurante “Baião de Dois” .....	<b>80</b>
<b>Figura 37.</b> Grande loja de artesanato localizada na esquina da “Praça Catolé da Rocha”. .....	<b>85</b>
<b>Figura 38.</b> Cartaz em inglês em loja de artesanato .....	<b>85</b>
<b>Figura 39.</b> Área interna do Restaurante “Fome Zero” .....	<b>86</b>
<b>Figura 40.</b> Tabela de preços do Restaurante “Fome Zero”.....	<b>86</b>
<b>Figura 41.</b> Barraca de produtos alimentícios nordestinos .....	<b>86</b>
<b>Figura 42.</b> Casa de Shows “Mistura Brasileira” .....	<b>86</b>
<b>Figura 43.</b> Vista externa do estabelecimento “Recanto dos Maranhenses” .....	<b>87</b>
<b>Figura 44.</b> Interior do estabelecimento “Recanto dos Maranhenses” .....	<b>87</b>
<b>Figura 45.</b> Crianças vendedoras de balas na Feira em momento de descontração no videokê .....	<b>88</b>

<b>Figura 46.</b> Barraca localizada na região acentuadamente periférica .....	<b>89</b>
<b>Figura 47.</b> Instalações e acabamentos de barraca na região acentuadamente periférica ...	<b>89</b>
<b>Figura 48.</b> Área próxima a um dos palcos principais, em noite de show do cantor “Leonardo” .....	<b>115</b>
<b>Figura 49.</b> Área em região periférica, distante do show do cantor “Leonardo” .....	<b>115</b>

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>p. 14</b>
<b>2. TURISMO, CIDADE E ANTROPOLOGIA</b>	<b>p. 17</b>
2.1. A subjetividade na pesquisa Social- Conhecendo a Feira de São Cristóvão	p. 17
2.1.1. O Causo Zé da Onça e Carrapeta	p. 20
2.1.2. Rumo à Feira de São Cristóvão	p. 23
2.1.3. Delimitando o objeto de estudo	p.26
2.2. Etnografando na cidade – Antropologia Urbana e Turismo	p. 28
2.3. Representações Sociais e Imaginário na cidade	p. 35
<b>3. DA FEIRA DE SÃO CRISTÓVÃO AO CENTRO LUIZ GONZAGA DE TRADIÇÕES NORDESTINA: O TURISMO EM CENA</b>	<b>p. 39</b>
3.1. O Bairro de São Cristóvão no início do século XX: imigrações, emigrações e novos contornos	p. 39
3.2. A Feira de São Cristóvão – território simbólico de pertencimento	p.43
3.3. Da Feira de São Cristóvão ao Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas: rumo à turistificação?	p. 49
<b>4. “BEM-VINDOS AO NOSSO NORDESTE” – O CENTRO LUIZ GONZAGA DE TRADIÇÕES NORDESTINAS</b>	<b>p. 56</b>
4.1. Transformando o exótico em familiar	p. 56
4.2. Chegando à Feira	p. 58
4.3. Adentrando o Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas	p. 68
<b>5. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE O TURISMO NO CENTRO LUIZ GONZAGA DE TRADIÇÕES NORDESTINAS</b>	<b>p. 91</b>
5.1. O campo – este constante situar-se	p. 91
5.2. Desvendando as representações sociais dos trabalhadores sobre a Feira de São Cristóvão – RJ	p. 98
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>p. 126</b>
<b>7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>p. 131</b>
<b>8. ANEXO</b>	<b>p. 139</b>

## INTRODUÇÃO

Turismo e cidades guardam uma relação estreita, na medida em que ambos vêm assumindo, ao longo do tempo, varias configurações que acompanham o ritmo das transformações da sociedade capitalista. Na medida em que o turismo

participa da afirmação das cidades no cosmopolismo moderno e da globalização nas esferas da economia e da cultura na pós-modernidade, as formas de se planejar e de se fazer turismo baseado no binômio cultura-cidade tem se tornado um viés não desprezível nos estudos urbanos a partir do momento em que a cidade assume importância na cultura contemporânea, envolvendo a comunicação como uma dimensão importante e agregando à materialidade da cidade também suas representações (Gagliardi, p. 245).

Embora o turismo seja freqüentemente divulgado como uma atividade econômica de grande potencial, ele é, acima de tudo, um fenômeno social, cultural e histórico, que assume formas peculiares em cada época. Ao fundamentar-se no contato com o outro e decorrer da interação entre sujeitos de diferentes culturas, faz com que a alteridade seja uma de suas bases.

Este trabalho procura pensar a relação turismo-cidade a partir de uma etnografia realizada em um grande centro urbano – a cidade do Rio de Janeiro. Mais precisamente na Feira de São Cristóvão, hoje Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas (CLGTN). Existente na cidade do Rio de Janeiro – RJ desde meados da década de 1940, e formada por migrantes nordestinos, a Feira de São Cristóvão vai crescendo no decorrer dos anos e assumindo características peculiares. Data do ano de 2003, todavia, o que vem a ser um divisor de águas na história da Feira: a mesma, que até então funcionava ao ar livre no entorno do Pavilhão de São Cristóvão (no Campo de São Cristóvão – RJ) é removida para dentro do Pavilhão, em um acordo envolvendo interesses distintos. Como consequência, é criado o Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas, que passa a ser divulgado como o mais novo atrativo turístico da cidade do Rio de Janeiro. Neste processo, com claros fins urbanísticos, a cultura emerge como ponto de convergência entre diversos interesses. A feira passa a ser divulgada como “um pedaço do Nordeste no Rio de Janeiro”, um patrimônio da cidade do Rio de Janeiro.

A partir de um projeto arquitetônico, o Pavilhão é reformado e o CLGTN é projetado tendo em vista da construção de todo um imaginário acerca do que vem a ser este

nordeste na cidade do Rio. Em seu interior, a complexidade da cidade se faz presente em uma série de atores sociais, práticas e espaços distintos.

Tendo em vista este contexto, este trabalho possui como objetivo um estudo acerca das representações sociais e do imaginário sobre a Feira de São Cristóvão a partir do olhar de um grupo específico de atores sociais: seus trabalhadores. Através da pesquisa etnográfica realizada em dois períodos distintos, e com o auxílio de técnicas como o diário de campo, a observação participante e a pesquisa qualitativa, busco desvendar algumas das representações dos trabalhadores da Feira sobre a mesma – atentando-me para a forma como o turismo aparece nestas representações.

O estudo das representações sociais pode auxiliar-nos a desvendar, de algum modo, um mundo por trás das falas – mundo este muitas vezes desconhecido, tenso, antagônico. O meu desafio aqui, portanto, consiste em ir além das falas dos sujeitos. De captar, através da etnografia, elementos que dêem sentido ou contradigam as versões apresentadas. De encontrar um equilíbrio, como Geertz sugere, entre os conceitos de experiência próxima advindos de meus interlocutores e meus conceitos de experiência distante. De situar a chuva de informações obtidas na pesquisa de campo junto a uma teoria que me permita compreender o meu campo de análise.

A peculiaridade do trabalho antropológico (seu trabalho altamente descritivo e sua capacidade de detectar perspectivas divergentes e interpretações alternativas) constitui material extremamente interessante para se pensar a realidade social. (Durham, 1986, p.19). Se, por um lado, análises como estas trazem-nos o desafio de escaparmos de uma análise reificante, e nos dificulta fazer generalizações, por outro “ganha-se na apresentação da complexidade das relações sociais e de sua ideologia”. (Velho, 1994, p.92).

Este trabalho, portanto, encontra-se estruturado em quatro partes. Na primeira parte discuto a questão da subjetividade na pesquisa social, apresentando ao leitor os caminhos que me levaram a este objeto de estudo. É estabelecida uma discussão entre antropologia urbana e turismo e sobre as representações sociais e o processo imaginário. A segunda parte realiza uma contextualização da Feira de São Cristóvão no bairro de São Cristóvão, apresentando-a antes e depois da criação do Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas, juntamente ao cenário desta transição. A terceira parte decorre da imersão em campo, e possui como objetivo buscar fornecer uma descrição detalhada da Feira de São Cristóvão nos dias atuais, reflexionando sobre seus espaços, pessoas e práticas e atentando para elementos que remetem ao turismo. Nesta parte, recorro a diversos tipos de materiais

como: vídeos, reportagens da internet e o próprio jornal da Feira para sustentar as discussões. Na quarta e última parte, a descrição etnográfica ganha um tom mais pessoal. Acontecimentos que marcaram o trabalho de campo são apresentados juntamente a sentimentos que vieram à tona no decorrer da pesquisa, acrescidos das análises das representações sociais dos trabalhadores<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> A fim de preservar a identidade dos trabalhadores entrevistados, o nome de alguns deles foram modificados. Dentre os nomes fiéis à realidade, destacam-se: Alex Araújo, Mestre Azulão, Senhor “Zé Duda”, Bernadete, “Chiquita”, Araquém, “Zé da Onça” e “Carrapeta”.

## 2. TURISMO, CIDADE E ANTROPOLOGIA

### 2.1. A subjetividade na pesquisa Social - Conhecendo a Feira de São Cristóvão

*A antropologia é também a ciência dos observadores capazes de observarem a si próprios*  
*François Laplantine*

Um trabalho acadêmico, por mais que se proponha a seguir os padrões de qualidade, traz consigo uma série de marcas daquele que o elaborou. Afinal, nosso interesse por determinado objeto de estudo sempre contém um pouco de nossas angústias, dúvidas e/ou inquietações. São elas, não obstante, que nos movem rumo a caminhos nem sempre tão dóceis, porém comumente desafiadores. Não há como negar que nossa subjetividade faz parte de nosso trabalho tanto quanto uma série de dados que o compõem. Como lidar, no entanto, com esta subjetividade? Ou, em outros termos, como pensar a objetividade na pesquisa social?

Ao iniciar o texto “De que lado estamos”, um dos capítulos de seu livro “Uma teoria da Ação Coletiva”, Howard Becker (1977) incita-nos a uma reflexão acerca da seguinte questão: “ter valores ou não ter valores”, que, ainda tão atual, permeia o campo das ciências sociais. Ao colocar em voga a forma de nos portarmos diante de nossos interlocutores, traz à tona o questionamento acerca da possibilidade de, de algum modo, neutralizarmos a nossa subjetividade.

Para Becker, a questão de termos ou não valores, aparentemente apresentada a nós como um dilema, na verdade não existe, pois, para que existisse, seria preciso supor que é possível fazermos uma pesquisa que não seja contaminada por simpatias pessoais e políticas, o que, de fato, é impossível; afinal, não podemos evitar tomar partidos. Deste modo, o autor sugere-nos que a questão seja alçada a outro nível de discussão, no qual nos interroguemos acerca das seguintes questões: “irá a pesquisa ser afetada por esta simpatia? Será ela útil na construção da teoria científica ou na aplicação do conhecimento científico aos problemas práticos da sociedade? Ou o *bias*<sup>2</sup> introduzido pela tomada de posição a tornará inútil para estes fins”? (Becker, 1977, p.123)

---

<sup>2</sup> Termo inglês comumente usado entre os cientistas sociais, e que, segundo Goldemberg (2009:44-45), pode ser traduzido como viés, parcialidade, preconceito.

De acordo com Becker, não há posição a partir da qual nossa pesquisa seja feita que não contenha *bias* em uma ou outra direção. O fato é que sempre olhamos a questão do ponto de vista de alguém. A própria necessidade da delimitação do nosso campo de observação nos leva a isto, o que nos faz pensar que a questão, portanto, é termos a certeza de que, “independentemente do ponto de vista adotado, nossa pesquisa conseguirá satisfazer aos padrões do bom trabalho científico; que nossas inevitáveis simpatias não tornarão nossos resultados sem validade”. (Becker, 1977, p.133).

Laplantine (2007), ao discutir a questão da subjetividade, concorda com Becker acerca da impossibilidade de uma neutralidade por parte do pesquisador, alegando inclusive que a busca da mesma constitui um perigo. Segundo o autor, é justamente quando almejamos esta suposta neutralidade que corremos o risco de nos afastarmos do tipo de objetividade e do modo de conhecimento específico que objetivamos. A busca desta suposta auto-suficiência faz com que acabemos nos esquecendo do princípio de *totalidade*, que, no estudo de um fenômeno social, “supõe a integração do observador no próprio campo de observação”. Afinal, “parece impensável dissociar aquele que observa daquele que é observado”, uma vez que “nunca somos testemunhas objetivas observando objetos, e sim sujeitos observando outros sujeitos”. (Laplantine, 2007, p.169).

Por que, então, muitos de nós, ainda assim, teimamos em tentar reprimir nossa subjetividade? Segundo Laplantine (2007), isso estaria relacionado a um modelo objetivista utilizado na física até o final do século XIX, quando acreditava-se que um objeto de investigação poderia ser construído independente do observador. Esta seria, também, contemporaneamente, uma das tendências das ciências humanas: a objetivação dos sujeitos sociais em consonância a uma dissimulação do observador. A eliminação do sujeito, neste caso, consistiria uma premissa na busca por um modo de racionalidade que almeje alcançar critérios de objetividade. O autor nos mostra, no entanto, que, curiosamente, a volta do observador ao campo da observação se deu não através das ciências humanas, mas sim pela própria física moderna, ao reintegrar “a reflexão sobre a problemática do sujeito como condição de possibilidade da própria atividade científica”. Segundo o autor, tal modelo objetivista pode ser até útil para mensurações (medir, pesar, quantificar em geral), porém, se apresenta inútil quando aplicado à subjetividade do ser humano, com seus sentimentos, significações, valores, crenças, comportamentos... (Laplantine, 2007).

Uma das alternativas a esta questão consiste em deixarmos sempre claros os limites do que estudamos, delineando as fronteiras além das quais nossas descobertas não podem ser aplicadas sem problemas. (Laplantine, 2007; Geertz, 2001).

Goldemberg (2009:47) afirma que

a pesquisa qualitativa, através da observação participante e entrevistas em profundidade, combate o perigo do *bias* porque torna difícil para o pesquisado a produção de dados que fundamentem de modo uniforme uma conclusão equivocada, e torna difícil para o pesquisador restringir suas observações de maneira a ver apenas o que sustenta seus preconceitos e expectativas.

Um dos problemas da pesquisa qualitativa, todavia, segundo ela, residiria no fato de que os pesquisadores geralmente não apresentam os processos através dos quais suas conclusões foram alcançadas. Ao se referir à questão levantada por Becker (2007) em “Uma Teoria da Ação Coletiva”, que trata das possíveis conseqüências de uma interação de longo prazo com o grupo estudado, devido ao estabelecimento de “sentimentos de amizade, lealdade e obrigação” (o que pode induzir o pesquisador a censurar dados considerados “negativos” para o grupo), sugere que esse *bias* pode ser reduzido observando-se aspectos diferentes, sob enfoques diferentes, bem como reproduzindo-se “cuidadosamente um relato completo de todos os eventos observados, em momentos diferentes do dia ou ano, procurando membros de grupos diferentes da comunidade ou organização”. (Goldemberg, 2009:51).

Outra questão, ressaltada por Geertz (2001), diz respeito ao reconhecimento de que somos todos “observadores posicionados, ou situados” (utilizando-se da expressão de Renato Rosaldo (1991). Esta postura, longe de representar uma fragilidade do trabalho de campo, deve ser vista como um avanço.

O presente trabalho encontra-se assentado sobre estas premissas. É, pois, baseando-me na convicção de que “aquilo que o pesquisador vive em sua relação com seus interlocutores, é parte integrante de sua pesquisa”, assim como que “uma verdadeira antropologia científica deve sempre colocar o problema das motivações extracientíficas do observador e da natureza da interação em jogo (Laplantine, 2007, p.170), que inicio este trabalho relatando os caminhos que me levaram até a Feira de São Cristóvão, já Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas. Nessa “viagem” que me vi levada a empreender, na qual ingressei como turista, e caminho como turismóloga e antropóloga, as descobertas vão sendo efetuadas como na montagem de peças de um grande quebra-cabeça. Se no início as informações são muitas e as dificuldades para me situar em campo se apresentam,

aos poucos alguns aspectos vão se mostrando relevantes para a análise. Para iniciarmos este percurso, no entanto, retornaremos ao ano de 2006, quando pela primeira vez tomei conhecimento DA FEIRA...

### **2.1.1 O “causo” Zé da Onça e Carrapeta**

Estávamos no ano de 2006, época em que eu trabalhava no turno da tarde como estagiária no Museu Ferroviário de Juiz de Fora - MG. As visitas guiadas, os projetos de educação patrimonial desenvolvidos, o contato com pessoas diversas, as histórias ouvidas, enriqueciam aquelas tardes de uma maneira bem singular. Impressionava-me o fato de como cada um que por ali passava experienciava o momento e o acervo de uma forma diversa. Objetos para uns sem significados, para outros, remetiam às lembranças mais profundas do ser. Risos e lágrimas, longe de representarem manifestações unicamente fisiológicas, expressavam-se ali enquanto linguagem, assumindo contornos simbólicos. (Mauss, 2005).

Foi numa tarde dessas que ocorreu meu primeiro contato com a Feira de São Cristóvão, a partir de um caso sobre “Zé da Onça” e “Carrapeta” (artistas trabalhadores da Feira) que me foi contado no Museu por Evandro Teixeira<sup>3</sup> (na época em passagem pela cidade de Juiz de Fora com um colega de trabalho do Jornal do Brasil). Artistas populares antigos da Feira, “Zé da Onça” e “Carrapeta” teriam sido convidados, por intermédio de Evandro, para uma apresentação em um evento na Suíça, onde, junto a demais artistas brasileiros, representariam o Brasil. Como Evandro já estaria no país a trabalho, combinou de encontrá-los no Aeroporto. No entanto, o que ele não contava é que a dupla se perderia ali, sem saber falar a língua local e, tampouco a língua inglesa. Este episódio teria sido suficiente para o estabelecimento de uma grande confusão, que só teria sido resolvida quando as autoridades locais acionadas por Evandro, depois de bastante tempo, finalmente encontram “Zé da Onça” e “Carrapeta” em um canto do Aeroporto. Me chama a atenção o

---

<sup>3</sup> Amigo querido, a quem admiro e agradeço imensamente por todo o apoio e carinho. (Uma das principais referências do fotojornalismo brasileiro - o que só vim a descobrir bem depois, “Evandro Teixeira, nascido na Bahia, começou a sua carreira de fotógrafo em 1958 no jornal Diário da Noite, no Rio. Em 1963, ingressou no Jornal do Brasil, onde está até hoje, cobrindo os principais episódios políticos, sociais e esportivos do país e eventos mercantes do cenário mundial. Além das principais capitais do país, Evandro expôs em Paris, Frankfurt, Zurique, Madri, Veneza, Basel, Nova Iorque, Cuba, México, Buenos Aires, Bogotá. Seu nome e currículo estão na Enciclopédia Internacional de Fotógrafos, onde estão reunidos os maiores nomes da fotografia no período de 1839 até os dias de hoje. Suas fotos fazem parte dos acervos do Museu de Arte Moderna do Rio, Masp e Museu de Arte Contemporânea de São Paulo, Museu de Belas Artes de Zurique, Suíça e Museu de Arte Moderna La Tertulia, Cáli, Colômbia)”. (Fonte: [www.evandroteixeira.net](http://www.evandroteixeira.net)).

fato que se seguiria. Recebidos como artistas pela organização do evento, a dupla teria tido acesso à comida farta e variada, ou à alimentação que quisessem; no entanto, por não haver no local as iguarias com as quais estavam acostumados, teriam praticamente passado fome durante toda a viagem, voltando, de certo modo, decepcionados ao Brasil. Ao chegarem à Feira (divertia-se Evandro enquanto compartilhava conosco essa estória), antes de iniciarem mais uma de suas apresentações, teriam pegado o microfone e começado a compartilhar com os conterrâneos a saga na “Óropa”. Na medida em que iam narrando, a multidão se aglomerava para ouvi-los. E, naquele clima de retorno ao lar, gritavam ao microfone, extravasando seus sentimentos:

\_ “Conterrânos”, vocês acham que lá é chique?

\_ (E a multidão em coro): Nããããoooo!

\_ Vocês acham que lá tem arroz?

\_ Nããããoooo!

\_ Que tem “feujão”?

\_ Nããããoooo!

\_ Que tem buchada? Sarapatel<sup>4</sup>?

\_ Nããããoooo!

\_ E vocês querem ir pra lá?

\_ Nããããoooo!

\_ Por que qual é o melhor lugar do mundo?

\_ É aquiuuuuuu!

E, assim, teriam dado início ao show da noite. (Adaptação minha).

Entre os vários casos contados por Evandro durante nossa conversa, chamou-me a atenção este em particular. Enquanto Evandro relatava sobre a Feira, a produção de seu livro com fotos da Feira “antiga” (ao ar livre) e da “nova” (após sua transferência para dentro do Pavilhão de São Cristóvão), silenciosamente eu ficava me perguntando que lugar seria aquele, capaz de provocar tal manifestação etnocêntrica. Quem seriam aquelas pessoas que encontravam ali segurança afetiva e acolhimento?

---

<sup>4</sup> Comidas típicas nordestinas.

Sem que eu me atentasse para este fato na época, começava naquele momento o início de minha viagem à Feira de São Cristóvão, através da busca por maiores informações e da construção de aspectos subjetivos que moldariam a minha experiência futura. Trata-se do que Santana (2009, p.77) define como a primeira fase da experiência turística: o momento que antecede o deslocamento propriamente dito e durante o qual a viagem em si chega a ocupar uma parte considerável do nosso tempo, que passa a ser “alterado, programado e condicionado *por e para* a ideia” de abandono do cotidiano. Longe de ser gasto apenas com os aspectos práticos da viagem (como a escolha do meio de transporte, de hospedagem, do roteiro a ser feito, e a arrumação da bagagem, por exemplo), é também empregado na construção das nossas expectativas.

Passaram-se alguns meses até que chegasse o mês de novembro de 2006, época em que finalmente surgiria a oportunidade de, talvez, conhecer a Feira! Apresentaria um trabalho em um Congresso em Curitiba – PR, para onde iria a partir de um vôo saindo do Rio de Janeiro, em uma segunda-feira. Combinei com Flávia, amiga que na época também trabalhava comigo no Museu Ferroviário, de passarmos o fim de semana anterior à viagem no Rio. Assim, conheceríamos um pouco a cidade e, na segunda, eu embarcaria rumo a Curitiba. E dessa forma aconteceu.

Fomos para o Rio de Janeiro de ônibus até a Rodoviária, onde Evandro nos aguardava para gentilmente nos levar até o Albergue da Juventude em que ficaríamos hospedadas, no bairro de Ipanema<sup>5</sup>. Após colocarmos “o papo em dia”, combinamos que ele nos buscaria de carro à noite, no Albergue, para irmos à Feira. Logo, algumas horas depois, lá estávamos nós em direção à Feira de São Cristóvão. Éramos quatro: Flávia, Evandro, uma amiga sua (também Flávia) e eu. Como não conhecia o Rio de Janeiro na época, não fazia a menor ideia da distância em que nos encontrávamos de lá. Mas isso, naquele momento, parecia ser o que menos importava.

---

<sup>5</sup> Os Albergues da Juventude, devido aos preços acessíveis e à localização privilegiada (geralmente em áreas centrais, de fácil acesso e próximos a pontos turísticos), constituem opção de hospedagem bastante escolhida por jovens, que nele buscam, além de economia, o estabelecimento de amizades através do contato com pessoas de diversas partes do mundo.

### 2.1.2. Rumo à Feira de São Cristóvão

Muitas expectativas e emoções nos cercavam em direção ao nosso destino. Dentro do carro, eu olhava atenciosamente o cenário daquela metrópole. Devia ser pouco antes das 22h quando adentramos um grande estacionamento, sendo avisados por Evandro que chegamos. Lembro-me que o Pavilhão (onde a Feira está localizada), bem à nossa frente, me chamou bastante a atenção. Afinal, não era bem aquela a ideia que eu fazia de uma *Feira*.



**Figura 01:** Fachada do Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas.  
(Foto: Aline Nery. Junho de 2009).

A música alta ultrapassava as barreiras físicas do Pavilhão e parecia nos convidar a entrar. Assim, após comprarmos nossos ingressos, finalmente, adentramos na Feira. Cheiros variados (como o de milho cozido e churrasco) nos recebiam, junto à fumaça advinda de pequenas churrasqueiras localizadas na porta das barracas, encontradas em várias áreas internas. Uma variedade de músicas se misturava a um grande número de pessoas, também muito diversificado. Na medida em que eu percorria o espaço, minha visão se perdia entre a multiplicidade de cores, sons e pessoas no ambiente.

Aproveitamos a noite como turistas. Apreciamos as barracas, compramos sandálias de couro, comemos, conversamos, rimos, dançamos. Em frente a um pequeno palco de madeira, onde um trio tocava forró “pé-de-serra”, Evandro se divertia fotografando-me enquanto eu era rodopiada e virada de cabeça para baixo por um exímio parceiro de dança, em uma *performance* de atrair a atenção do público que estava ao redor. Evandro estava radiante, gritava “mais, mais”, para que pudesse captar a imagem nos momentos em que eu estava no alto. Meu parceiro de dança, mostrando toda a sua habilidade, me girava cada vez mais. Em meio à tentativa de ganhar fôlego, ao medo de cair e às crises de riso que de vez em quando me acompanham em momentos de tensão, eu não conseguia pedir para ele parar. Foi preciso esperar o fim da música para que eu conseguisse, educadamente, me esquivar da dança.



**Figura 02:** Trio de “forró pé de serra”.  
(Foto: Flávia Paiva. Junho de 2009.  
Arquivo de Aline Nery).



**Figura 03:** Freqüentadores dançando o “forró pé de serra”, em área afastada do centro. Para muitos, ali estaria o “autêntico” forró da Feira, em oposição ao forró eletrônico, tocado nos palcos principais.  
(Foto: Flávia Paiva. Junho de 2009. Arquivo de Aline Nery).

Seguimos para a “Barraca da Chiquita”, que, segundo Evandro, era uma das melhores ali no ramo da alimentação. Comemos carne de sol, conversamos, e, embora eu tenha passado mal devido aos minutos precedentes de forró e ao abuso subsequente da manteiga de garrafa<sup>6</sup>, continuamos nosso passeio, e o tempo transcorreu sem que nos

---

<sup>6</sup> Iguaria típica nordestina utilizada como ingrediente ou acompanhamento de diversos pratos regionais, como a carne de sol e a macaxeira, por exemplo. “A manteiga de garrafa é um tipo de manteiga regional produzida no Nordeste do Brasil que, dependendo da região específica de produção, recebe outras denominações tais

déssemos conta. Por volta das 3h da madrugada, lá estávamos nós voltando rumo ao Albergue em Ipanema.

No dia seguinte, domingo, devia ser por volta das 12 horas quando falamos com Evandro. Ele daria um curso prático de fotografia na Feira à tarde e convidou-nos a ir com ele. Neste domingo era dia de show do “Brega” na Feira, e tivemos a oportunidade de assistir, dentre outros, ao show de Bernadete. Acima dos 50 anos de idade, cabelos curtos pintados de loiro, vestido vermelho e bastante maquiagem, Bernadete cantava e dançava em um ritmo de tirar o fôlego até dos mais jovens. Junto a um outro artista do show brega da Feira, figura engraçadíssima, encenava suas músicas (quase todas com duplo sentido) para delírio e risadas da platéia. Pessoas de todas as faixas etárias, de crianças a idosos, se aglomeravam ali para assistir ao show. Nos intervalos, Bernadete vendia seus CDs. As pessoas a parabenizavam e pediam autógrafos. Fui cumprimentá-la e aproveitei para perguntar sobre algo que me instigara bastante: como ela conseguia dançar por tanto tempo. Bernadete contou-me que tinha um problema sério na coluna que lhe causava muitas dores, e que, assim como eu, também não sabia como conseguia dançar, tampouco por tanto tempo.

Continuamos a percorrer a Feira. Impressionava-me a heterogeneidade dos espaços e de seus freqüentadores. Andamos um pouco e paramos em frente a uma barraca onde estava tocando samba. Dois travestis dançavam em cima de um tambor, enquanto o restante das pessoas sambava no chão ou apenas apreciava a cena. Continuamos a caminhar e nos deparamos com um grupo distinto dançando funk. Mais à frente, caixas de som instaladas nas barracas exibiam música sertaneja. Casais se abraçando e dançando juntos. Roupas, gestos, comportamentos distintos em cada um desses espaços. Emoções vivenciadas de várias formas dentro daquele espaço maior, a Feira de São Cristóvão.

Embora provavelmente devêssemos ter passado várias vezes pelos mesmos lugares na Feira, não consegui me situar. Tampouco ter a dimensão exata de seu tamanho. As imagens que eu captava pareciam-me fragmentadas, como se eu tivesse que selecionar o que ver, mediante tanta coisa a ser vista.

---

como manteiga de gado, manteiga da terra ou manteiga de cozinha. É um produto bastante apreciado por boa parte da população, cuja comercialização é feita através de feiras livres, mercados populares, supermercados, restaurantes típicos e pequenos pontos comerciais de comidas regionais. (...) Processada de forma artesanal, a manteiga de garrafa poderia ser definida como produto gorduroso obtido através do batimento e fusão do creme derivado exclusivamente do leite de vaca”. (Ambrósio, Guerra e Filho, 2001, p. 01 e p.03).

Anoiteceu, e, mais uma vez, lá estávamos nós em direção ao Albergue. Repassando mentalmente os momentos vivenciados, em meu íntimo ressoavam as seguintes questões: que espaço seria aquele, para comportar tanta diversidade? Quem seriam aquelas pessoas que ali se encontravam? Como Bernadete conseguia dançar quatro horas seguidas, com dores na coluna, se eu não consigo? E aqueles ritmos diversos, abrigando públicos também diversos, convivendo dentro de um mesmo espaço físico? Como seriam estabelecidas essas fronteiras? Fui para Curitiba cheia de questionamentos.

Os anos se passaram e, aos poucos, novos dados vieram à tona. Aquela feira que eu, despretensiosamente, conheci em 2006, trata-se na verdade do Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas – CLGTN, um espaço resultante da transferência da antiga Feira de São Cristóvão para dentro do Pavilhão de São Cristóvão. Tal transferência vem associada a novas configurações assumidas pela Feira, assim como à tentativa do poder público de legitimá-la como o mais novo atrativo turístico da cidade do Rio de Janeiro.

Estas novas percepções fazem-me retornar à Feira em julho de 2009 para um estudo preliminar com trabalhadores, a fim de investigar alguns dos significados da Feira para eles, construídos socialmente ali. Nos momentos em que estive com eles, dividiram comigo suas conquistas, anseios e experiências compartilhadas, revelando-me muito mais do que a princípio eu imaginara encontrar. O olhar agora era outro. As preocupações também. Como pesquisadora, uma vontade de ir além. E, como nossos objetos de estudo estão sempre ligados, de alguma forma, às nossas inquietações momentâneas, foi assim que a partir desta pesquisa exploratória, aliada ao meu interesse pela forma como o turismo perpassava as novas configurações assumidas e à diversidade cultural local, decido trocar uma comunidade cearense de turismo comunitário pela Feira de São Cristóvão enquanto objeto de estudo no mestrado.

Antes, no entanto, de retornar a campo, era necessário estabelecer as bases desta pesquisa, o que segue abaixo.

### **2.1.3 Delimitando o objeto de estudo**

No momento inicial da pesquisa, antes da ida a campo, o objetivo da dissertação consistia em buscar mapear o imaginário do turismo na Feira a partir de três categorias distintas de atores sociais: trabalhadores, freqüentadores e responsáveis pela administração do espaço. Com base nesta escolha, optei pela realização do trabalho de campo no mês de

julho de 2010, mês de férias para muitos e período de grande efervescência na Feira de São Cristóvão devido à famosa Festa de São João, onde, principalmente aos finais de semana, período em que estão concentradas a maioria das atrações, busca-se reproduzir as tradicionais festas juninas (e julinas) que acontecem no Nordeste. Sendo um dos meses em que a Feira recebe mais visitantes, haveria, supostamente, maior facilidade em dialogar com turistas e observar sua movimentação no espaço, assim como a dinâmica geral da Feira.

Uma análise etnográfica, no entanto, encontra-se sempre sujeita às situações impostas pelo campo. E, no caso do presente estudo, se a teoria influenciou os olhares sobre o campo, o campo, por vez, delineou alguns limites desta pesquisa, e até a redefinição de seu objetivo central.

As entrevistas com freqüentadores mostraram-se extremamente difíceis de serem obtidas. Quando dentro da Feira, as pessoas geralmente não se dispunham a parar para conversar, visto estarem em momentos de descontração. Além do mais, o som extremamente alto dia e noite dificultava a possibilidade de entabular-se uma conversa mais consistente, assim como impossibilitava o uso do gravador. Este fato levou-me a tentar uma aproximação na entrada da Feira, próximo à bilheteria, no momento em que as pessoas estavam chegando para comprar seus ingressos. Todavia, esta estratégia também não redundou em êxito. Muitos se recusavam a parar para serem entrevistados, alegando e demonstrando pressa para adentrar o espaço. Outros fingiam não nos ver. Ao todo, conseguimos entrevistar cerca de 7 freqüentadores, que se dispuseram a conversar conosco. Todavia, as respostas, embora tenham trazido à tona alguns dados interessantes, foram em sua maioria superficiais, quando não acompanhadas de falas como: “está bom?” ou “é isso!” e sinais corporais indicando o afastamento.

As tentativas de falar com representantes da administração, por diversas vezes, também não apresentaram resultado. Todas as solicitações de entrevistas foram negadas, e os diversos e-mails a eles enviados respondidos secamente. Qualquer tentativa de nossa parte em obter alguma informação pela administração era vista com estranheza e receio, e imediatamente repudiada. Certa vez chegamos a ser apresentados pessoalmente ao Sr. Marabá, diretor cultural da Feira no período, para logo em seguida, após explicarmos-lhe nosso trabalho, presenciarmos, após uma distração nossa, sua fuga no meio da multidão – fato que se repetiu posteriormente. Uma mistura, para nós, de frustração, comicidade e inquietação. Se enquanto antropólogos somos treinados a perceber esta ausência de dados

já como um dado, a pergunta que se fazia presente era: por que esta recusa em nos atender? Haveria muitas coisas que não podiam ser ditas? O único representante da administração que conseguimos entrevistar foi o Sr. Alex Araújo, que havia renunciado ao seu segundo mandato como presidente da Associação dos Feirantes da Feira de São Cristóvão dois meses antes, em abril de 2010.

As entrevistas com trabalhadores, por vez, foram as que mais se mostraram proveitosas. Muito embora este não fosse o melhor período para entrevistá-los, justamente devido à grande movimentação na Feira, a maioria deles mostrou-se solícito em conversar conosco. Mais do que isso: muitos demonstravam gostar de falar, gostar de ser ouvido. Atores grande parte das vezes relegados nas nossas pesquisas sobre o turismo, agora podiam falar sobre si, sobre o que representava para eles estar ali. Esta imposição da realidade do campo, junto à necessidade de uma delimitação do meu objeto de estudo, tendo em vista o curto espaço de tempo de uma dissertação, fez com que eu, curiosamente, retornasse a atenção para aqueles que haviam sido meu primeiro contato, enquanto pesquisadora, com a Feira. Concomitantemente, acabou por revelar um viés analítico extremamente rico e interessante, apontando novos rumos para esta pesquisa ao direcioná-la agora para aqueles que tecem a trama cotidiana na Feira de São Cristóvão. Quem seriam estas pessoas? O turismo apareceria nas suas representações? Se sim, associado a que elementos, a que fatores? Eis alguns aspectos a serem desvendados.

## **2.2. Etnografando na cidade - antropologia urbana e turismo**

Pesquisar o turismo em uma Feira localizada em um grande centro urbano traz à tona a discussão sobre se pesquisar nossa própria sociedade. Afinal, o outro aqui, no deslocamento turístico, nem sempre é o estrangeiro, mas muitas vezes pessoas bem próximas a nós. É, portanto, sobre os desafios de se pesquisar na cidade, e, em nossa própria sociedade, que este trabalho se assenta.

Longe de uma análise exaustiva, o que apresento é um breve retrospecto das ideias de alguns autores que, embora com enfoques distintos e interesses diferenciados, contribuíram para a reflexão acerca das questões relativas à cidade e sua dinâmica. O que não significa, todavia, que esta discussão seja antiga, afinal, faz relativamente pouco tempo que o espaço urbano, em si, adentra o campo das ciências sociais como objeto de análise.

Representantes da Escola Sociológica Alemã, Weber e Simmel versam sobre as transformações da cidade medieval decorrentes da Revolução Industrial. Weber defende que o conceito de cidade deve ultrapassar o campo estritamente econômico, abarcando, portanto, também conceitos políticos. Para ele, o conceito econômico deve ser separado do conceito político-administrativo da cidade, visto que apenas este último sentido corresponderia a um âmbito urbano especial. Em suas análises, Weber (1921; Magnani, 1996) mostra ainda como a racionalidade presente na sociedade medieval ocidental, com base na comunidade, teria levado a nova classe de mercadores e artesãos a um rompimento com os laços, tabus e religião clânicos, abrindo espaço ao surgimento do capitalismo.

Simmel (1902), por vez, discorre sobre a passagem gradativa da comunidade tradicional para uma sociedade predominantemente urbana e industrializada, dando origem ao que ele denomina como o “tipo metropolitano” de indivíduo, calcado sobre valores bem distintos dos da comunidade tradicional. Dentre as características deste tipo metropolitano, estariam: 1) reagir com o intelecto e não com o coração; 2) extremismo quanto à exclusividade e particularização (necessidade de preservar sua identidade e aparecer para si mesmo); 3) intelectualidade destinada a preservar a vida subjetiva; 4) calculismo; e 5) relações pautadas em uma “economia do dinheiro”, na qual o valor das coisas encontra-se relacionado ao valor de troca. Simmel cita também a aquisição de uma maior liberdade individual por parte do indivíduo. No entanto, esta viria acompanhada de um sentimento de solidão e um retrocesso à espiritualidade, delicadeza e idealismo. (Simmel, 1902).

Na perspectiva discutida por Simmel, a cidade grande emerge em profundo contraste com a vida da cidade pequena e rural no que se refere aos fundamentos sensoriais da vida psíquica. Se na cidade pequena os relacionamentos seriam profundamente sentidos e emocionais, a vida na cidade grande, devido ao ritmo e multiplicidade das relações econômicas, ocupacionais e sociais, estaria calcada em uma sofisticação da vida psíquica, ocasionando, dentre outros, dois tipos de comportamentos bem peculiares, denominados por ele de “atitude blasé” e “reserva”. De acordo com o autor, a atitude blasé refere-se a um fenômeno psíquico característico da vida nos grandes centros urbanos, nos quais a quantidade de estímulos é muito grande e de diversas ordens. Tal fato seria responsável por estimular o sistema nervoso do indivíduo até o seu ápice, resultando em um embotamento da capacidade de discriminar. A atitude de “reserva”, por vez, estaria relacionada aos contínuos contatos interpessoais que se têm em uma cidade grande. Segundo Simmel, se o indivíduo da cidade grande tivesse, com todos, tantas reações interiores como na cidade

pequena, ele seria levado a um estado psíquico inimaginável. Logo, a atitude de “reserva” se impõe como uma necessidade à saúde mental do indivíduo. Decorreriam destes comportamentos, portanto, a possibilidade de um indivíduo passar todos os dias pela calçada onde dormem vários moradores de rua e mostrar-se, aparentemente, indiferente.

Representantes do que podemos chamar da Escola de Chicago, Robert Park e Louis Wirth, do outro lado do mundo, estudarão as cidades sob uma ótica distinta. Tendo em vista os diversos problemas enfrentados pela cidade de Chicago no início do século XX, devido ao grande fluxo migratório à cidade, os grupos de antropologia urbana da Universidade de Chicago vão se debruçar sobre a compreensão do fenômeno urbano.

É Park (1916) quem traz à tona a discussão da cidade como um produto da natureza humana. Longe de ser apenas um mecanismo físico e uma construção artificial, a cidade é fruto dos processos das pessoas e dos grupos que a compõem. A cidade, portanto, pode ser compreendida como

mais do que um amontoado de homens individuais e de conveniências sociais, ruas, edifícios, luz elétrica, linhas de bonde, telefones, etc.; algo mais também do que uma mera constelação de instituições e dispositivos administrativos – tribunais, hospitais, escolas, polícia e funcionários civis de vários tipos. Antes, a cidade é um estado de espírito, um corpo de costumes e de tradições dos sentimentos e atitudes organizados, inerentes a esses costumes e transmitidos por essa tradição. (Park, 1916, p.26).

Como habitat do homem “civilizado”, as cidades são áreas culturais caracterizadas por seus tipos culturais próprios. Encontram-se enraizadas nos hábitos e costumes das pessoas que a habitam, e são, portanto, organizações morais e físicas, que se interagem. (Park, 1916). Park ressalta que, normalmente, os elementos que consideramos como sendo a cidade, como o seu estatuto, sua organização formal, edifícios, trilhos de rua, etc, não são a cidade em si, mas sim dispositivos, utilidades, que somente se tornam parte da cidade viva quando interligados através dos usos e costumes.

Louis Wirth (1938, p.93), por vez, reflete sobre os elementos do urbanismo que marcarão a cidade como um modo de vida. O processo de urbanização, para ele, refere-se não apenas ao processo de atração de pessoas à cidade grande, mas também “àquela acentuação cumulativa das características que distinguem o modo de vida associado ao crescimento das cidades”. Enquanto um dos fatos mais notáveis do mundo moderno, exerceu modificações profundas em praticamente todas as fases da vida social. O autor concorda com Simmel ao destacar o superficialismo, o anonimato e o caráter transitório

das relações urbano-sociais como geradores de uma maior sofisticação e racionalidade dos habitantes da cidade. Ressalta, no entanto, a existência, na vida moderna, de uma maior interdependência entre os homens.

A cidade, para Wirth, seria como um grande mosaico formado por distintos mundos sociais. Apesar de a transição de um para o outro ser abrupta, é perfeitamente possível que esses mundos coabitem lado a lado. Wirth ressalta ainda que, embora a cidade tenha sido “o cadinho das raças, dos povos e das culturas, e o mais favorável campo de criação de novos híbridos biológicos e culturais” (Wirth, 1938, p.98), ela não é apenas a morada e o local de trabalho do homem moderno. É também o centro iniciador e controlador da vida em suas esferas econômica, política e cultural, interligando em um mesmo universo as diversas áreas, povos e atividades.

As análises dos autores supracitados, embora efetuadas a partir de olhares distintos, coincidem em diversos aspectos, principalmente nos que diz respeito às características do indivíduo residente no meio urbano e ao fato de a cidade ser muito mais do que uma mera construção física.

Acompanhando o desenvolvimento da sociologia urbana em outras partes do mundo, no Brasil os estudos em antropologia urbana têm início um pouco mais tarde. Tendo em vista a extinção das nações indígenas e a recusa dos antigos povos colonizados, já independentes, em tornarem-se objetos de estudo, Lévi-Strauss se pergunta, na década de 1960 se antropologia correria o risco de se tornar uma ciência sem objeto. É ele mesmo quem dá a resposta ao afirmar que não, uma vez que “enquanto as maneiras de ser ou de agir de certos homens forem problemas para outros homens, haverá lugar para uma reflexão sobre essas diferenças, que, de forma sempre renovada, continuará a ser o domínio da antropologia”. (Lévi-Strauss, 1962, p. 26). Este alargamento dos limites antropológicos abre espaço para o início, no Brasil, das pesquisas na cidade, revelando uma realidade, como atenta Magnani (1996), que nada fica a dever ao exotismo dos antigos povos considerados “primitivos”, afinal, basta caminhar pelo espaço urbano para nos depararmos com uma série de pessoas com valores, comportamentos, crenças e hábitos distintos. Esta postura vem também reforçar o que Park já defendia no início do século: que o homem civilizado é um objeto de investigação tão interessante quanto os povos considerados primitivos nos primórdios da antropologia, e, “ao mesmo tempo sua vida é mais aberta à observação, e ao estudo. A vida e a cultura urbanas são mais variadas, sutis e complicadas, mas os motivos fundamentais são os mesmos”. (Park, 1916, p.28).

Uma vez que as sociedades modernas encontram-se “organizadas com base em princípios que introduzem outra escala e outros graus de complexidade nas esferas da economia, do poder, da organização social, da produção simbólica”, seu estudo “traz novos desafios e problemas para a pesquisa e reflexão antropológicas” (Magnani, 2006, p.21). As cidades, principalmente as metrópoles, vão abrigar, concentrar e multiplicar toda a complexidade da vida social. E,

na medida em que o ser humano pensa sobre si e sobre o mundo em que vive, e na medida em que “a cidade” é o cenário da vida para muitos, ela é um referencial importante tanto para os que a viveram quanto para os que não a viveram. Nesse sentido, é um foco simbólico importante, particularmente no mundo moderno contemporâneo, pois, embora o fenômeno cidade não tenha surgido em função do trinômio capitalismo/industrialismo/modernidade, esse trinômio implica a existência da cidade e ela é um elemento fundamental nesse mundo, que é onde estamos situados. (Prado, 2005, p.01).

Diferentemente do ocorrido na Escola de Chicago - cujo objetivo principal dos estudos urbanos era a compreensão do próprio fenômeno urbano - os estudos antropológicos brasileiros vão se preocupar em focar não o espaço urbano em si mesmo, mas sim os grupos que nele habitam. A cidade, portanto, ao invés de objeto, emerge como lugar privilegiado de análise, o que corrobora para a afirmação de que teríamos tido, desde o começo, uma antropologia *na* cidade, ao invés de uma antropologia *da* cidade. (Durham, 1986). Muito embora a diversidade continue a ser o foco de análise, o trabalho nas cidades apresenta as suas particularidades, pois,

na pesquisa que se faz nas cidades, dentro de um universo comum ao investigador e ao objeto de pesquisa, a participação é antes subjetiva do que objetiva. O pesquisador raramente reside com a população que estuda (e, se o faz, e por breves períodos) e não compartilha de suas condições de existência... Mas busca, na interação simbólica, a identificação com os valores e aspirações da população que estuda. A língua não constitui barreira e a comunicação puramente verbal predomina, ofuscando a observação do comportamento manifesto. A pesquisa se concentra na análise de depoimentos, sendo a entrevista o material empírico privilegiado. Privilegiando-se dessa forma os aspectos mais normativos da cultura, a técnica de análise do discurso assume importância crescente. (Durham, 1986, p.26).

Embora alguns trabalhos já tivessem sido desenvolvidos no Brasil antes da década de 1970, como a “Arte Plumária dos Índios Kaapor”, de Darcy Ribeiro (1957), por exemplo, é apenas na década de 1970 que a antropologia no Brasil começa a tomar corpo. (Mendoza, 2000).

A década de 1980 é marcada por um período intenso de investigação antropológica, não só em relação à quantidade de trabalhos publicados mas também em relação à qualidade dos mesmos. De acordo com Eunice Durham (1986), a preservação de um estilo descritivo pouco carregado de termos técnicos, assim como o enfoque das pesquisas em termos de interesse geral imediato, contribuem para uma receptividade no público decorrente da expansão do ensino de nível superior. Trata-se, em geral, de uma nova etnografia, voltada ao que se apresenta como “cotidiano e familiar em nossa sociedade urbana ou que constitui reminiscência de um passado recente”, enfim, “uma etnografia de nós mesmos”. (Idem, p.17).

Se o aumento do prestígio da antropologia no âmbito das ciências sociais foi um fato, o mesmo não ocorreu em todas as subáreas que a disciplina engloba, como é o caso do lazer. Magnani (1996, p.29) nos mostra que nas décadas de 1970 e 1980 era preciso argumentar em favor da pertinência dos estudos relacionados ao tema. Afinal, trata-se de uma atividade marginal que, opostamente ao trabalho, encontra-se “nos antípodas daquilo que se considera o lugar canônico da formação da consciência de classe, ocupa uma parte mínima do tempo do trabalhador e não apresenta implicações políticas explícitas”. (Idem, 2003). Muito embora não se possa negar que a oficialização do lazer tenha surgido dentro do universo do trabalho e em oposição a ele, pesquisas como as desenvolvidas pelo autor e sua equipe na cidade de São Paulo vão procurar romper com a visão reducionista da dinâmica do lazer enquanto um mero repositório das forças despendidas no trabalho, trazendo à tona questões como o estabelecimento de laços afetivos e de redes de sociabilidade.

Como atividade relacionada ao campo do lazer, demorou algum tempo até que o turismo fosse incorporado à antropologia enquanto objeto de estudo. Durante muito tempo, os turistas eram vistos pelos antropólogos como peças problemáticas no campo (Augé, 1999; MacCannell, 1999; Banducci, 2003). A crença de muitos antropólogos era de que o turismo, aliado aos processos de modernização, contribuía para a acelerada transformação das sociedades tradicionais. Tal fato, aliado aos preconceitos em relação aos estudos do lazer (mencionados acima por Magnani) fizeram com que o estudo da atividade fosse deixado de lado pela antropologia.

A mudança de foco no olhar antropológico, voltando-o para sua própria sociedade, a partir do reconhecimento de que o outro (e a diferença) não necessariamente encontra-se geograficamente distante, possibilitou uma maior aproximação entre antropologia e

turismo. A partir de então, turismo, turistas e as interações estabelecidas passam a ser vistos como objetos legítimos de estudo. Para Bauducci, no entanto, trata-se de um tema ainda visto de forma depreciativa pela academia brasileira. (Banducci Junior, 2001).

Tendo em vista suas múltiplas dimensões (econômica, social, política, cultural, geográfica, histórica, ecológica...), o turismo tem sido objeto de estudo de diversas áreas do saber. De acordo com a abordagem, um tipo distinto de apreensão da realidade. Banducci Junior (2001), Steil (2002) e Barretto (2003) podem ser tomados como alguns dos autores brasileiros que se debruçaram na realização de um levantamento dos estudos de antropologia aplicados ao turismo. Segundo Pérez (2009), os contributos da antropologia para o estudo do turismo têm sido de três tipos: metodológico, teórico-conceitual e etnográfico. O contributo metodológico, traduzido no trabalho de campo e no método comparativo, distingue a antropologia de outras disciplinas, ao buscar descrever e interpretar as diferenças e semelhanças entre culturas, assim como as relações entre elas. O teórico-conceitual, ao possuir o relativismo cultural como base, privilegia uma abordagem holística e qualitativa do turismo, e, na medida em que procura entender os significados que os atores atribuem às suas ações, permite a adoção de uma perspectiva humanista e social. O contributo etnográfico, por vez, através do conjunto de etnografias produzidas, ao objetivar interpretar o papel do turismo e pensá-lo criticamente, auxilia na compreensão do mesmo enquanto fenômeno complexo.

Para Siqueira, o turismo é um dos fatos sociais que pode ser nomeado como sendo “total”, dentro da perspectiva dos “fatos sociais totais” levantada por Marcel Mauss (1974). De acordo com o autor,

tratar o turismo como fato social total nos possibilita ampliar consideravelmente o alcance de dimensões, áreas e fronteiras que durante muito tempo foram deixadas à margem da análise sociológica e antropológica. Uma, em especial, nos chama a atenção: a dimensão da experiência do sujeito no mundo, uma vez que “a totalidade do social se manifesta na experiência: instância privilegiada que pode ser apreendida no nível da observação, em ocasiões bem determinadas”. (Lévi-Strauss, 1976, p.14). (Siqueira, p.2008, p.05).

Trata-se, no entanto, não apenas da busca do reconhecimento e registro da diversidade cultural, mas também do significado de tais comportamentos. (Magnani, 2006). Afinal, são experiências humanas: “de sociabilidade, de trabalho, de entretenimento, de religiosidade – que só aparecem como estranhas ou até mesmo perigosas quando seu significado é desconhecido”. (1996, p.18).

A Feira de São Cristóvão constitui um espaço privilegiado para experiências deste tipo, devido à sua história, à diversidade cultural ali existente, às características de seus trabalhadores, à heterogeneidade de seus frequentadores e espaços, às mudanças sofridas no decorrer do tempo, assim como ao fato de estar se configurando, gradativamente, como um atrativo turístico da cidade do Rio de Janeiro. Além do mais, sua localização em uma grande metrópole possibilita a reprodução em pequena escala, em seu interior, de grande parte da complexidade e heterogeneidade presente na metrópole. Longe, no entanto, de possuir um significado específico, a Feira alimenta uma série de representações a seu respeito. É, portanto, algumas delas que buscaremos desvendar, a partir da análise etnográfica realizada.

### **2.3. Representações sociais e imaginário na cidade**

Ao analisar as representações sociais dos trabalhadores do Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas, busco apreender alguns dos sentidos relacionados à Feira, assim como a aparição, a presença ou não, de categorias relacionadas ao que se pode chamar de turismo ali. Trata-se de examinar a visão de mundo dos sujeitos, assim como “que categorias são utilizadas, como se relacionam e hierarquizam, e os princípios que presidem esta organização”. (Velho, 2002, p.65).

A adoção das representações sociais como categoria analítica não significa, necessariamente, a defesa de uma predominância do campo das ideias; mas sim, o entendimento deste como uma parte da vida social digna de análise, a partir da convicção de que lidamos com “distintos planos e níveis de realidade socialmente construídos” (Velho, 1994).

O conceito de representações coletivas de Durkheim, que pode ser considerado a base das representações sociais, encontra-se relacionado a uma perspectiva de que o universo acontece na sociedade, pois só nela ele é pensado totalmente. É a inserção do homem na sociedade que lhe confere humanidade, tornando-o diferente dos animais. Entender que o homem se perfaz no meio social significa dizer que apenas a vida coletiva, que só pode existir no todo formado pela reunião de indivíduos, faz dele uma personalidade. Assim, “na medida em que participa da sociedade, o indivíduo naturalmente ultrapassa a si mesmo, seja quando pensa, seja quando age”. (Durkheim, 2003, p. XXIV). Longe de representar apenas a reunião do grupo de indivíduos que a compõe, a sociedade

pode ser tomada como “um conjunto de ideias, de crenças, de sentimentos de toda a espécie, num amálgama realizado pelos próprios indivíduos”. (Durkheim, 1994, p.90).

Para Durkheim, a vida coletiva é feita essencialmente de representações. O autor (2003, p.XXIII) define as representações coletivas como

o produto de uma imensa cooperação que se estende não apenas no espaço, mas no tempo; para fazê-las, uma multidão de espíritos diversos associaram, misturaram, combinaram suas idéias e sentimentos; longas séries de gerações acumularam aqui sua experiência e seu saber. Uma intelectualidade muito particular, infinitamente mais rica e mais complexa do que a do indivíduo, está aqui, portanto, como que concentrada.

Na perspectiva Durkheimiana, as representações coletivas derivam do fenômeno da associação entre os homens, sendo, portanto, o produto de uma coletividade. Constituem uma síntese nova que não pode ser reduzida à soma das representações individuais. Para o autor, elas existem devido à duplicidade do homem: por haver nele um ser individual mas também um ser social – o homem duplex de Durkheim. (Durkheim, 2002, 2003).

Em Mauss, as representações coletivas estão associadas a um sistema classificatório que organiza toda a existência social. Para ele, o processo das representações coletivas consiste, basicamente, em três etapas: 1) aglutinação das imagens; 2) sua organização em conceitos; 3) classificação dos conceitos em relação aos outros<sup>7</sup>. Em seu texto com Durkheim, “Algumas Formas Primitivas de classificação” (1981), o autor tece uma crítica à psicologia e aos lógicos devido ao fato de resumirem o processo das representações como simplesmente um produto resultante da atividade individual. Para ambos, as representações coletivas encontram-se diretamente relacionadas ao modo como classificamos as coisas, ordenando-as em grupos distintos entre si, cujos contornos são bem definidos. Os autores nos mostram que as classificações que fazemos não ocorrem espontaneamente e por uma espécie de necessidade natural. Trata-se de um processo, afinal, “as coisas não se apresentam por si mesmas agrupadas à organização. (...) Toda classificação implica uma ordem hierárquica da qual nem o mundo sensível nem nossa consciência nos oferecem o modelo”. As classificações por nós efetuadas, são, portanto, um produto das nossas relações sociais. (Durkheim e Mauss, 1981, p.403).

Ao analisarmos as categorias de pensamento relacionadas ao Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas, é preciso termos em mente que se tratam de categorias

---

<sup>7</sup> Fonte: “Algumas formas primitivas de classificação. In: **Sociologia e Antropologia**. Tradução de Lamberto Puccinelli. São Paulo, EPU/EDUSP, vol.II. p. 399-455”.

construídas socialmente, que, ao serem formadas no grupo social à qual seus participantes pertencem (Durkheim, 2002), traduzem estados da coletividade e refazem-se permanentemente: “mudam conforme os lugares e as épocas”. (Durkheim, 2003, p. XVII). Tratam-se de instrumentos do pensamento utilizados pelo homem para significar a realidade, afinal,

(...) o que a linguagem e o sistema de conceitos que ela traduz exprime (...) é a maneira como a sociedade em seu conjunto representa os objetos da experiência. As noções que correspondem aos diversos elementos da língua são, portanto, representações coletivas. (Durkheim, 2003, p.482).

Segundo Velho (1994, p.117), as representações “referem-se a crenças e valores que cimentam, colam, juntam a sociedade”; são dimensões da vida social. Através delas, é possível conhecermos um pouco do imaginário dos atores sociais dessa pesquisa. Elas nos auxiliarão, todavia (junto à etnografia), não apenas na compreensão de como o turismo é visto e vivenciado na Feira, mas também de algumas relações sociais ali estabelecidas. Pois as representações possibilitam-nos compreender “não só um *sistema de classificação de base espacial* mas também formulações do caráter *ideológico* do universo estudado”. (Velho, 2002, p.66). Uma vez que as representações que tecemos estão atreladas ao meio social em que vivemos, conhecê-las, portanto, é conhecer um pouco mais do mundo social – em toda a sua complexidade e heterogeneidade.

Na medida em que o turismo não trabalha apenas com produtos concretos, mas sim com imaginários que são constantemente alimentados, reforçados ou renovados<sup>8</sup>, falar das representações que os diversos atores sociais tecem sobre o turismo no Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas é também falar de imaginários. Afinal,

fenômeno social dialético, o turismo lida com ambigüidades, expectativas e imaginários que se põem a imaginar. No turismo, mesmo antes de se partir, os imaginários já estão a dinamizar as imagens que se misturam a fundir novas imagens sobre destinos, lugares, pessoas, odores, sabores e experiências. Chegar a um outro país ou sociedade significa ter partido, se separado de seu grupo ou sociedade experimentando, dessa forma, um momento atemporal, marginal, indiferenciado ou liminar. Truísticamente, viajar, então, comporta tanto a saída quanto a chegada a um outro lugar e mesmo o retorno, quando se faz o caminho de volta. Contudo, quando vemos a viagem apenas como saída, chegada e retorno, deixamos de lado o que acontece durante o deslocamento ou quando

---

<sup>8</sup> Gastal (2005) defende que no turismo o imaginário deve ser incorporado ao produto turístico ainda na fase do planejamento do mesmo. Segundo ela, os pesquisadores devem conhecer os anseios das pessoas para assim materializá-los em produtos turísticos.

estamos, momentaneamente, entre a saída e a chegada: é o que chamamos de liminaridade (SIQUEIRA, 2006, p.03).

O imaginário pode ser definido como um processo cognitivo que traduz uma maneira peculiar de vermos o mundo. Através dele, somos capazes de ordenar e recriar a realidade a partir da utilização do simbólico, por meio do qual ele é construído e expresso. Trata-se, de modo geral, “da faculdade originária de pôr ou dar-se, sob a forma de apresentação de uma coisa, ou fazer aparecer uma imagem e uma relação que não são dadas diretamente na percepção”. (Laplantine e Trindade, 2007, p.24).

Ao trabalhar com imaginários, buscamos “as motivações profundas, os circuitos dinâmicos que subjazem e animam as sociedades humanas” (Monneyron et al, 2007, p.09), a partir da constatação de que a “vida dos homens e das sociedades é, constantemente, submetida aos impulsos imaginários, às imagens encarnadas nas artes (...) e nas construções mentais coletivas e individuais. (...) E de que o imaginário é um fenômeno coletivo, social e histórico. (Idem, p.10).

No processo imaginário, a imagem é formada a partir do real. No entanto, “ao libertar-se do real que são as imagens primeiras”, o imaginário “pode inventar, fingir, improvisar, estabelecer correlações entre os objetos de maneira improvável e sintetizar ou fundir estas imagens”. (Laplantine e Trindade, 2007, p.27). Assim, longe de ser a negação do real, o imaginário utiliza-se dele para criar novas relações. “Não se trata, contudo, da modificação da realidade, que consiste no fato físico em si mesmo, mas trata-se do real que constitui a representação, ou seja, a tradução mental dessa realidade exterior”. (Idem, p.27).

Ao estabelecerem uma diferenciação entre o real e a realidade, Laplantine e Trindade (2007) nos mostram que o compromisso do imaginário é com o real, e não com a realidade, na medida em que

a realidade consiste nas coisas, na natureza, e em si mesmo o real é interpretação, é a representação que os homens atribuem às coisas e à natureza. Seria, portanto, a participação ou a intenção com as quais os homens de maneira subjetiva ou objetiva se relacionam com a realidade, atribuindo-lhes significados. Se o imaginário recria e reordena a realidade, encontra-se no campo da interpretação e da representação, ou seja, do real. (Idem, p.79).

Como processo criativo, ele faz parte da representação, porém não pode ser reduzido à representação individual, na medida em que “ultrapassa um processo mental

que vai além da representação intelectual ou cognitiva”. (Laplantine e Trindade, 2007, p.25).

O conceito de representação engloba toda a tradução e interpretação mental de uma realidade exterior percebida. A representação está ligada ao processo de abstração e a idéia é uma representação mental que se configura em imagens que temos de uma coisa concreta ou abstrata. Assim, a imagem se constitui em como representação configurativa da ideia traduzida em conceitos sobre a coisa exterior dada. (Ibidem, p.77).

Longe de ser desprovido de lógica, o processo imaginário possui uma lógica interna própria, que “como um caleidoscópio, recria, reconstrói, reordena e reestrutura, criando uma outra lógica que desafia a lógica formal”. (Laplantine e Trindade, 2007, p.24)

A representação imaginária encontra-se “carregada de afetividade e de emoções criadoras e poéticas”. (Laplantine e Trindade, 2007, p.25). Analisar o turismo sob esta ótica implica falar de emoções, expectativas, crenças, valores, ideias, sensações, sentidos... E isso, obviamente, também envolve tensões, conflitos, disputas, negociações. Enfim, toda a complexidade da vida social. Assim, a busca, deste modo, é também pela compreensão dos sentimentos que estão por trás das falas, as visões de mundo dos sujeitos, enfim, que elementos e sistemas simbólicos serão acionados por trás das representações.

### **3. DA FEIRA DE SÃO CRISTÓVÃO AO CENTRO LUIZ GONZAGA DE TRADIÇÕES NORDESTINA: O TURISMO EM CENA**

*Agora, ao contrário, estamos em casa. Mas o em casa não preexiste: foi preciso traçar um círculo em torno do centro frágil e incerto, organizar um espaço limitado. Muitos componentes bem diversos intervêm, referências e marcas de toda espécie.*  
*Gilles Deleuze e Félix Guattari*

#### **3.1. O Bairro de São Cristóvão no início do século XX: imigrações, emigrações e novos contornos**

LaPlantine (2007, p.168) ressalta a importância do etnólogo se lembrar das condições particulares de produção do seu discurso, considerando sempre “o lugar sócio-histórico a partir do qual fala, como parte integrante de seu objeto de estudo”. Assim, ao estudarmos a Feira de São Cristóvão, é preciso atentar ao contexto em que ela encontra-se inserida. Afinal, falamos de uma Feira com características bem peculiares: trata-se de uma Feira existente a mais de sessenta anos, que atrai visitantes de diversas partes do Brasil e do mundo, formada, a princípio, por migrantes nordestinos, e situada em um bairro da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, o bairro de São Cristóvão. Uma das perguntas passíveis de serem feitas é: como um bairro como São Cristóvão, que foi um bairro imperial, que experimentou uma certa decadência, posteriormente, tornando-se um bairro industrial, vai ser sediar uma Feira que, no início do século XX, será considerada um dos atrativos turísticos do Rio de Janeiro? Um bairro meio a contramão. Talvez se pensaria em um outro lugar. É preciso, pois, entendermos o contexto relacionado ao surgimento da Feira de São Cristóvão, e, posteriormente, à criação do Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas, no ano de 2003.

São Cristóvão é um bairro tradicional da cidade do Rio de Janeiro. O século XIX, enquanto residência da família imperial, abrigou fidalgos e altos funcionários da corte. Localizam-se nele importantes monumentos da época do Império, como o antigo Paço de São Cristóvão e seu parque, hoje, respectivamente, Museu Nacional e a Quinta da Boa Vista; a antiga Casa da Marquesa de Santos, hoje Museu do Primeiro Reinado; o Observatório Nacional criado por D. Pedro II, que hoje abriga também o Museu de

Astronomia; a antiga Casa de Fazenda dos Jesuítas, atualmente Hospital dos Lázarus; entre outros. (Museus do Estado, 2010).

No século XX, no entanto, após o fim da monarquia e início do Regime Republicano, a atividade fabril inaugura uma nova época para o bairro. A sua proximidade ao centro e ao porto do Rio de Janeiro, bem como a estrutura de meios de transporte e de abastecimento de água já existentes desde os tempos da Família Real (Museus do Estado, 2010), atrai a instalação de inúmeras fábricas, fazendo com que o bairro de São Cristóvão sofra intensas mudanças. Disso decorre, dentre outros, a inauguração da Avenida Brasil no ano de 1940, importante via destinada a escoar a produção do bairro.

Migrantes de várias partes do país, especialmente da região Norte e Nordeste, vêm para a região sul e sudeste atraídos pelo crescimento urbano das grandes cidades e a esperança de melhores condições de vida. A construção da estrada Rio-Bahia e a expansão do mercado de trabalho na construção civil contribuem para que a emigração para a cidade do Rio de Janeiro aumente substancialmente. Na década de 1950, a região Nordeste passa por suas piores secas, fazendo com que o processo migratório dos nordestinos atinja seu auge. Tais fatos contribuem para que muitos moradores de classe média migrem para a Zona Sul Carioca atraídos pelo crescimento urbano e valorização daquelas áreas<sup>9</sup>. Este processo de diminuição da população residente permanece até o final do século XX e início do século XXI, no entanto, não é exclusivo do bairro de São Cristóvão, mas de toda a área central e da parte sul do Rio de Janeiro. O esvaziamento das áreas mais centrais e um crescente grau de favelização da cidade apresentam-se como tendência neste período. (Fonte: Reabilitação do Bairro de São Cristóvão, 2004).

Neste novo cenário urbano-industrial, grande parte dos imóveis de uso residencial da época imperial são adaptados e passam a abrigar, em alguns casos, lojas, pensões, botequins e casas de cômodo, configurando uma mudança no uso do solo: de residencial para industrial. Em função do fluxo econômico de mercadorias que chegavam do nordeste, São Cristóvão passa a ter também vários estabelecimentos de produtos nordestinos. O bairro, aos poucos, vai adquirindo uma nova configuração.

---

<sup>9</sup> Em “Utopia Urbana”, Gilberto Velho busca (a partir de um estudo no bairro de Copacabana), compreender melhor este fenômeno, tendo em vista as motivações, objetivos e visões de mundo daqueles que migravam para a Zona Sul Carioca.

Na década de 1960, o bairro de São Cristóvão apresenta-se como um dos principais pólos industriais do Brasil. Este fato decorre, dentre outros<sup>10</sup>, da inauguração, no Campo de São Cristóvão (em 1958), do Pavilhão de São Cristóvão, um projeto arquitetônico modernista do arquiteto Sérgio Bernardes que ficou famoso devido à sua cobertura sustentada por cabos de aço que cobriam grandes vãos livres, compondo uma superfície parabólica. O Pavilhão, criado para abrigar a Exposição Internacional da Indústria e do Comércio, deveria ser uma construção temporária, mas acabou permanecendo no local, sendo utilizado posteriormente para a realização de alguns eventos, como a Comemoração do IV Centenário da Cidade, mostras comerciais e culturais (Cardoso, 2006).



**Figura 04:** Pavilhão de São Cristóvão – Década de 1960  
**Fonte:** (Pavilhão, 2009a).

A compreensão deste fato, bem como de todo o contexto em que ele ocorre, é fundamental para o entendimento da trajetória da Feira de São Cristóvão no decorrer do

---

<sup>10</sup> A abertura de vários ramos fabris, do comércio de automóveis que se instalara no local, da implantação da CADEG (Centro de Abastecimento do Estado da Guanabara – na época grande centro de distribuição de hortifrute-granjeiros) e do moderno Pavilhão de Exposições no Campo de São Cristóvão, assim como a inauguração da Rodoviária Novo Rio, no ano de 1965, também contribuíram para esta retomada de prosperidade econômica.

século XX. Afinal, é no entorno do Pavilhão de São Cristóvão que ela acontece até o ano de 2003.

### **3.2. A Feira de São Cristóvão – território simbólico de pertencimento**

Desde a década de 1940, o Campo de São Cristóvão já era um ponto de encontro de nordestinos que vinham para a cidade do Rio de Janeiro em busca de melhores condições de vida. A construção da rodovia Rio-Bahia (BR 116) e a expansão do setor de construção civil contribuíram muito para o aumento deste processo. Transportados geralmente em caminhões conhecidos como paus-de-arara<sup>11</sup>, tinham o Campo de São Cristóvão como ponto de chegada no Rio de Janeiro – uma espécie de terminal. Isto faz com que, aos poucos, o campo vá se tornando um ponto de encontro dos migrantes nos finais de semana. Os que já residiam no Rio de Janeiro iam ao campo esperar os parentes chegarem, encontrar os amigos e conterrâneos, ou, apenas, para saber notícias da terrinha. Várias são as versões acerca da origem da feira. Uma delas diz que

quando os paus-de-arara não chegavam durante a semana, os que estavam à espera de alguém nos sábados e domingos começavam a levar sanfona, violão, viola, os farnéis para se fazer comida, e ali ficavam dançando e desafiando repentes na viola, como se faz no Nordeste, até a chegada de um deles. E, por já existir um acentuado fluxo de nordestinos no local, provavelmente passou a existir também a necessidade de se trazer os produtos da terra. (Chaves, 1999, p.p. 19-20).

Outra versão, defendida por Mestre Azulão e pelo Sr. Zé Duda, ambos cordelistas antigos da Feira, é a de que o pioneiro no comércio no local teria sido o paraibano João Batista de Oliveira, mais conhecido como João Gordo. Segundo eles, João Gordo tinha muitos amigos nordestinos, que começaram a trazer, sob encomenda, os produtos da região. Assim, aos domingos, dia em que os caminhões geralmente chegavam, João Gordo armava uma barraquinha para a comercialização dos produtos. Senhor Zé Duda<sup>12</sup> nos conta que

---

<sup>11</sup> Segundo Gilmar Chaves (1999, p.13), “um dos primeiros meios de transportes em que o nordestino viajava para o Rio de Janeiro fugido das secas”. Na descrição do Sr. Zé Duda, cordelista da Feira de São Cristóvão (em entrevista à autora), “é um caminhão engradado com uma lona por cima. Vinha lotado, umas 40, 60 pessoas”.

<sup>12</sup> Entrevista concedida à autora no dia 09/07/2010.

no início da feira só tinha uma lona estendida, a de João Batista, o João Gordo, e um prédio na esquina, os homens encontravam as mulheres e iam lá. Eles entravam, ficavam uma hora... É do jeito que tem os hotéis hoje, mas naquele tempo era mais reservado.

Mestre Azulão, que também se auto declara um dos fundadores da Feira, relata-nos nas páginas de sua literatura de cordel sobre o início da Feira:

Quem quiser saber da feira  
Venha pra perto me ouvir  
Que vou contar em  
detalhes  
Sem aumentar nem mentir  
Mas num falar positivo  
Vou explicar o motivo  
Da nossa feira existir  
No ano quarenta e nove  
Vim pro Rio a vez primeira  
Fui visitar São Cristóvão  
Então por esta maneira  
Sem de nada conhecer  
Depois eu pude entender  
O começo desta feira

Foi num dia de domingo  
Eu vim com meu primo  
João  
Pagar a passagem dele  
Que veio sem um tostão  
Nisso um motorista fala:  
-Vá lá pegar sua mala  
Que está no meu caminhão

Eram dez horas do dia  
Eu vi um moreno forte  
Cercado de nordestinos  
Vindos no mesmo  
transporte  
Com uma lona no chão  
Vendendo fava e feijão,  
Gritava: \_Chegou do norte!

Tinha até fumo de rolo  
Rede, rapadura e queijo  
Dizendo: \_Aqui  
conterrâneo  
Este é puro e sertanejo  
Eu garanto a qualidade  
Você come e tem saudade  
Mata a fome e o desejo

Algum já lhe conhecia  
Dizia: \_Eu quero seu João,  
Comprava e lhe  
perguntava:  
-Tem chinelo e cinturão?  
Seu João dizia: - Não tem  
Mas esta semana vem  
No primeiro caminhão  
Eu observei um pouco  
Aquele povo comprar  
Uns chegando do nordeste  
Outros que iam voltar  
Tudo feliz e contente  
Numa árvore bem em  
frente  
A Senador Alencar

Uns criticavam dos outros  
Com risada e brincadeira  
João Gordo vendendo as  
coisas  
Numa lona e uma esteira  
Outro vendilhão chegou  
Foi assim que começou  
O início desta feira

O motivo maior, foi  
Da nossa feira nascer  
Devido a Rio Bahia  
Quando o Dutra quis fazer  
Do Rio até ao Nordeste  
Pro Sertão, brejo e agreste  
Se expandir e crescer

Era uma estrada rústica  
De atalhos e travessias

Lugar de trechos desertos  
De sufocos e agonias  
Poeira, calor e frio  
Do nordeste para o Rio

Levava até vinte dias

Os nordestinos chegavam  
Sujos de lama e poeira  
Não se via a cor da roupa  
Nem da mala de madeira  
Foi ali nesse lugar  
Que começou despertar  
O início desta feira

Quando os caminhões  
chegavam  
No começo da semana  
Os nordestinos ficavam  
Comendo pão e banana  
Esperando alguém chegar  
No domingo, e os levar  
Pra obra em Copacabana

Isso já foi no final  
Da década de quarenta  
O sofrer dos nordestinos  
Quem viu ainda lamenta  
E a feirinha a seguir  
Só começou se expandir  
No início de cinquenta

Nesse encontro aos  
domingos  
O povo que ia e vinha  
Comprava carne de sol  
Queijo bom, fava e farinha  
Já era grande a frequência  
Por crescer a preferência  
Foi aumentando a feirinha  
(...)

(Fonte: José João dos Santos.  
“A Feira Nordestina – Foi  
assim que começou”).

O cordel de Mestre Azulão remete-nos às representações dos feirantes antigos sobre aqueles tempos de Feira. Ao se referirem a eles, falam geralmente de tempos difíceis, da vinda para o Rio de Janeiro para se tentar uma vida melhor, muitas vezes sem nem mesmo “um tostão”. Nordestinos sofridos porém também corajosos, que, ao se encontrarem no Rio, buscam recriar no campo de São Cristóvão um *pedaço* do Nordeste que ajude a amenizar a saudade. Um pedaço, neste caso, não apenas como um espaço geográfico delimitado qualquer, mas sim como uma fronteira móvel onde as pessoas portam seus símbolos e os comunicam aos demais. Aquele espaço que, ao ser demarcado, “torna-se o ponto de referência para distinguir determinado grupo de freqüentadores como pertencentes a uma rede de relações”. (Magnani, 1996, p.32). Enfim,

aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade. (Idem, 1984, p.138).

Em geral, o surgimento da Feira data do final da primeira metade do século XX, por volta do ano de 1945. Independente das diferenças apresentadas em cada versão, elas convergem ao mencionarem à criação de um local onde o nordestino se sentisse acolhido, mesmo longe da terra natal. Um local onde o nordestino pudesse ser ele mesmo – rir, dançar, encontrar os amigos... comer farinha e carne de sol em meio a uma conversa onde o sotaque característico predominasse sem ser alvo de ridicularização e preconceitos.

Senhor Zé Duda relembra o preconceito sofrido pelos migrantes na cidade do Rio:

Logo quando eu cheguei era ruim por causa do preconceito, nordestino era desprezado, zombado. A roupa da gente era zombada. Nós repentistas só andávamos engravatados e de terno (terno branco e gravata azul) (...) Eu cantava nessas favelas todas, só conheci um paraibano casado com uma carioca<sup>13</sup> (...) E o preconceito é que doía... alpargata a gente vestia...

Assim, é no Campo de São Cristóvão que laços afetivos passam a ser criados a todo instante no contato com o outro (não só laços de consangüinidade mas também de conterraneidade), e onde a Feira se desenvolve enquanto “um lugar de constituição de identidades coletivas e regionais, em sua ligação e ou confronto com as identidades locais” (Loreto, 2002).

---

<sup>13</sup> Denominação às pessoas nascidas na cidade do Rio de Janeiro – RJ – Brasil.



**Figura 05:** A Feira de São Cristóvão no entorno do Pavilhão.  
**Fonte:** (Pavilhão, 2009b).

Espaço de acolhimento, de celebração, de trocas não apenas materiais mas também simbólicas, a Feira de São Cristóvão vai crescendo com o decorrer dos anos e passa a ocupar todo o entorno do Pavilhão, sendo montada e desmontada todos os finais de semana. E, na medida em que ela

possibilitava ao migrante viver o conhecido, tanto como comerciante como freqüentador, (...) passa incorporar contornos de festa de largo: passear, ver e ser visto, divertir-se. (Ribeiro, Silva; 2006, p.02).

Ribeiro et al (2005, p.02) nos conta que,

para garantir um bom espaço na feira de domingo, onde não havia marcação predeterminada para a armação de barracas, alguns feirantes chegavam no sábado à noite para “marcar o lugar” da barraca e, durante a armação e enquanto a feira não começava propriamente, a festa já começava.

Pandolfo nos mostra que o interesse econômico permeava uma série de acontecimentos, e, com o tempo, o Campo de São Cristóvão transformara-se no que ela

denomina de um espaço sócio-econômico. Maiores detalhes sobre parte da trajetória da Feira podem ser encontrados no trabalho desenvolvido pela autora, no qual ela busca “analisar a Feira de São Cristóvão como um espaço de expressão da cultura popular onde práticas específicas, que reproduzem um tipo de saber, reforçam a identidade social e cultural dos nordestinos que a freqüentam” (PANDOLFO, 1987, p.1).

Durante anos, o controle da Feira fora ora revezado, ora dividido, nas mãos de duas organizações: a União Beneficente dos Nordestinos do Estado da Guanabara, criada em 1961, e a APRONORDE (Associação de Proteção ao Nordeste no Rio de Janeiro), criada em 1969 com os mesmos objetivos da já existente. Nesta disputa entre os dois grupos pelo controle da administração da Feira, ela passa a ser vista como uma propriedade da qual os presidentes destas associações são os donos, e o território passa a ser comandado a partir da articulação dos interesses destes grupos com o Estado. (Cardoso, 2006).

A recusa à legalização da Feira seria o único ponto de consenso entre estes dois grupos, uma vez que ela implicaria na “entrega da administração da Feira à Prefeitura, na extinção das duas organizações e na perda dos ganhos econômicos e privilégios usufruídos”. Assim, a fim de evitar que a Feira fosse legalizada, “as próprias associações, sentindo-se ameaçadas, passam a divulgar que esta legalização faria com que a Feira perdesse suas características culturais “nordestinas””. Cardoso (2006, p.78)

Para o momento, o importante é que fique claro que a trajetória da Feira de São Cristóvão é marcada por várias disputas entre associações que visavam o seu controle político-administrativo, assim como por uma série de perseguições e ameaças de remoção por parte do poder público. Esse caráter de disputas é central e permanece até os dias atuais, embora sob novas configurações, como veremos mais adiante.

Segundo Pandolfo (1987), a Feira teria acontecido de forma completamente ilegal até a década de 1960, tendo saído da clandestinidade apenas na década de 1980, através da Lei nº 322 de 09 de junho de 1982, quando passa a ser reconhecida pelo Estado. Todavia, na representação que o nordestino fez da legalização, “a feira teria apenas trocado de dono, passando a ser com isso da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro (Pandolfo, 1987).

O ano de 1993 marca o acontecimento de um fato de extrema relevância na trajetória da Feira: a criação, no Campo de São Cristóvão (através da Lei Municipal de nº 2052/93) do Espaço Turístico e Cultural Rio/Nordeste, “ponto de interesse turístico, com a finalidade de promover a divulgação de aspectos culturais, sociais e folclóricos do Nordeste Brasileiro”. (Rio de Janeiro, 1993). A lei prevê uma Comissão de Organização e

Administração da Feira Nordestina no Campo de São Cristóvão, a ser presidida por um membro da Associação de Proteção ao Nordestino do Estado do Rio de Janeiro – APRONORDE e integrada por cinco representantes dos feirantes licenciados pela prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Ao determinar a delimitação das áreas específicas do Campo de São Cristóvão para a atuação dos feirantes, o cadastramento destes, a organização das barracas em áreas (A, B e C) de acordo com o tipo de atividade a ser realizada e a definição dos horários de montagem para as mesmas, bem como a padronização destas em tamanhos, formatos e cores, o poder público estabelece uma primeira tentativa de ordenamento territorial do espaço, bem como das práticas ali exercidas. Na medida em que a guarda fiscal torna-se responsável pela garantia da segurança da Feira Nordestina, bem como pela fiscalização, juntamente à Prefeitura, das atividades da Feira (quanto às condições sanitárias, volume de som e retirada de produtos de venda proibida), busca-se um controle desta prática, até então realizada por anos de modo informal. Assim, ao mesmo tempo em que, com a lei, os nordestinos ganham o direito de permanecerem no Campo de São Cristóvão, o poder municipal começa a ter um pouco mais de controle sobre a Feira.

Decorre do ano de 2003, porém, já na administração da COOPCAMPO<sup>14</sup> (Cooperativa dos Feirantes do Campo de São Cristóvão), presidida por Agamenon de Almeida, o fato que veio a ser um divisor de águas na história da Feira de São Cristóvão. A partir de um acordo envolvendo interesses distintos, ela é transferida, após permanecer por cerca de 58 anos ao ar livre, para dentro do Pavilhão de São Cristóvão, e transformada no novo atrativo turístico da cidade do Rio de Janeiro: o Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas. Um processo marcado por conflitos e tensões, cujos resultados começam a ser percebidos mais nitidamente agora.

---

<sup>14</sup> A Coopcampo trata-se de assunto do qual os feirantes evitam comentar, passando a impressão de coisas que “não devem ser ditas”. Vale ressaltar, entretanto, que foi na sua gestão, presidida por Agamenon de Almeida, que ocorreu a transferência da Feira para dentro do Pavilhão. Em geral, pelas informações obtidas sobre o assunto, são ressaltados os conflitos deste período, quando tal presidente teria lucrado com a venda de espaços dentro do Pavilhão, criando um mercado imobiliário no qual novos investidores chegam e muitos feirantes antigos não conseguem entrar. Vale acrescentar ainda que este presidente teve sua gestão interrompida através de uma intervenção da Prefeitura ordenada pelo Ministério Público no CLGTN, devido a uma série de irregularidades no local. No entanto, Cardoso (2006) nos mostra que, mesmo com a intervenção da prefeitura, o Sr. Agamenon de Almeida teria continuado a exercer algumas funções de gerenciamento ali.

### **3.3. Da Feira de São Cristóvão ao Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas: rumo à turistificação?**

Na década de 1970, a famosa cobertura do Pavilhão de São Cristóvão é danificada por uma ventania e, com isso, removida. Assim, o Pavilhão vive, durante anos, uma situação de abandono, até ser utilizado na década de 1990 como sede dos barracões das Escolas de Samba do Rio de Janeiro. No entanto, após estas serem transferidas para o Cais do Porto, o Pavilhão é desativado e passa por um processo intenso de constante degradação.

Assim como ele, mas também diversas construções na cidade do Rio de Janeiro vinham sofrendo degradações, mau uso ou abandono. Tendo em vista esta situação, desde a década de 1990 vários bairros da cidade do Rio, dentre eles o bairro de São Cristóvão, vinham sendo alvo de inúmeros processos de intervenção urbana. Poucos, contudo, foram realmente efetivados.

Um destes poucos projetos efetivamente postos em prática trata-se do PEU São Cristóvão - Projeto de Estruturação Urbana dos bairros componentes da VII Região Administrativa- São Cristóvão/UEP 05 (São Cristóvão, Mangueira, Benfica e Vasco da Gama), instituído em 29 de julho de 2004 através da Lei Complementar de número 73/04 (Rio de Janeiro, 2004a). Dentre as diretrizes do PEU quanto à ordenação do território da VII Região Administrativa, está a definição de Áreas de Especial Interesse, divididas em Áreas de Especial Interesse Social e Áreas de Especial Interesse Turístico, esta última sob a qual nos deteremos. Segundo o Programa, as Áreas de Especial Interesse Turístico são áreas para as quais devem ser canalizados investimentos econômicos, culturais e recreativos, assim como intervenções físico-urbanísticas visando ao desenvolvimento da atividade turística. Nestas áreas também devem ser incentivadas atividades econômicas tradicionais dos bairros, criadas novas oportunidades de lazer e cultura para a Cidade e incluído o patrimônio histórico e cultural dos bairros, assim como as manifestações culturais e religiosas na programação turística da Cidade. (Rio de Janeiro, 2004b). O Campo de São Cristóvão encontra-se em uma destas Áreas de Especial Interesse Turístico, e este processo de reestruturação urbana, portanto, vai embasar, ao possibilitar a convergência de uma série de interesses distintos, a criação do Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas.

Vejamos bem o contexto em que ocorre a transferência da Feira de São Cristóvão para dentro do Pavilhão e a criação do Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas. O ano era o de 2003. O Pavilhão de São Cristóvão, patrimônio material do bairro, encontrava-se completamente abandonado. A Feira, que acontecia no seu entorno, sempre foi alvo de diversas reclamações por parte dos moradores do bairro, devido ao barulho e a sujeira gerada. Desde a década de 1990, o bairro de São Cristóvão vinha sendo alvo de projetos de requalificação urbana. Dentre eles, no PEU<sup>15</sup> São Cristóvão, ainda em fase de elaboração no ano de 2003, a área onde se encontravam a Feira e o Pavilhão é diagnosticada como uma Área de Especial Interesse Turístico, para a qual deveriam ser destinados investimentos e intervenções físico-urbanísticas a fim de auxiliar o desenvolvimento do turismo. Além destes fatos, o IPHAN<sup>16</sup> (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) abre a possibilidade, no ano de 2000, de as feiras livres serem consideradas patrimônio cultural imaterial brasileiro, fato que atrai o interesse do Estado na reapropriação destes espaços e das práticas informais nele realizados, tendo em vista não apenas o controle sócio-econômico, mas também estético e arquitetônico. (Cardoso, 2007). Além do poder público, havia, certamente, grupos e pessoas com grandes interesses de que a Feira se tornasse um grande espaço destinado ao turismo. Isso possibilitaria a recuperação do entorno do Pavilhão, a utilização da sua estrutura física e, conseqüentemente, contribuiria para o processo de revitalização daquela área urbana. Os fatores aqui mencionados, obviamente, não são exclusivos. No entanto, nos ajudam na compreensão do contexto no qual, em um acordo tendo como mediadores a Caixa Econômica Federal, a prefeitura do município do Rio de Janeiro e a COOPCAMP - Cooperativa dos Comerciantes da Feira de Tradições Nordestinas do Campo de São Cristóvão (presidida na época por Agamenon de Almeida), é inaugurado, na área de 18.000 metros do Pavilhão de São Cristóvão, o Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas.

As transformações na Feira de São Cristóvão e a criação do Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas foram alvo da tese de André Cardoso (2006), intitulada “Arquitetura Encapsulando a Informalidade: da Feira dos Paraibas ao Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas”, na qual o autor, acompanhando de perto todo o processo, descreve-o mais detalhadamente. O termo “encapsular”, utilizado no título do trabalho, estaria vinculado tanto à arquitetura do Pavilhão, que em função de seus muros

---

<sup>15</sup> Projeto de Estruturação Urbana de São Cristóvão. (Rio de Janeiro, 2004a).

<sup>16</sup> Decreto de número 3551, 04 de agosto de 2000. (Brasil, 2000).

passaria a funcionar como uma cápsula que aprisionaria a Feira, quanto à tentativa de se fixar, através desta arquitetura, elementos e cenários formadores do que seria uma identidade regional (nordestina, no caso), com claros objetivos turísticos. Seria formado, deste modo, um cenário cultural sincrético, misturando tradição e modernidade. A construção de estruturas físicas, por vez, para abrigar uma prática cultural efêmera como a Feira de São Cristóvão, estaria relacionada a uma tentativa de se unir os conceitos patrimoniais “material” e “imaterial”.

Com a transferência da feira para dentro do Pavilhão, muitas foram as mudanças ocorridas. Neste novo cenário,

a distribuição das barracas no novo Centro distanciou antigos vizinhos, agregou novos feirantes, hierarquizou barracas em vias principais e secundárias num espaço fechado. Alguns feirantes se tornaram pequenos empresários e empregam mais de 40 pessoas; alguns pequenos empresários se tornaram feirantes, ou “barraqueiros”, como são conhecidos, quando estendem seus negócios para “dentro” da Feira. Novos grupos se formam, se reorganizam, alguns grupos se enfraquecem, outros se fortalecem. (Ribeiro et al, 2005, p.02).

Com o surgimento de estabelecimentos nunca antes existentes na Feira, novos atores sociais em cena, geralmente empresários que conseguiram comprar pontos no período da transição. Muitos feirantes antigos, por vez, são excluídos do processo.

Muitos antigos feirantes acharam que não poderiam comportar as despesas referentes ao novo espaço: cobertura, acabamento nas instalações da sua unidade produtiva, luz, água e outras despesas. E no espaço de quem não pôde ou não quis, alguns feirantes se expandiram ou outros chegaram, acreditando em bons negócios num futuro promissor. (Ribeiro, 2004, p.88).

De acordo com o levantamento estatístico realizado por Ribeiro, Silva, Flaesher e Júlio (2005, p.11), em outubro de 2004, um ano após a inauguração do CLGTN, em um total de 504 unidades produtivas analisadas, 82 feirantes possuíam de um a dois anos na Feira, enquanto 46 tinham menos de um ano. Estes dados mostram que, cerca de 25% dos feirantes no período, ou chegaram após a inauguração do CLGTN ou pouco antes dela.

Segundo alguns trabalhadores entrevistados, muitos destes feirantes que “não conseguiram entrar” estariam agora na cidade de Caxias - RJ, onde também há uma Feira Nordestina.

E tem um lugar aqui no Rio também, a Feira Nordestina em Caxias... é outro centro nordestino. Porque a população de Caxias concentra-se... 99% é nordestino. Então, ninguém é carioca, então eles criaram lá um mini-núcleo de turismo em Caxias, nordestino. O prefeito de Caxias é nordestino, o vice-prefeito

é nordestino, a bancada da Câmara é toda nordestina. A filha dele, que foi eleita deputada federal agora, é nordestina. As lojas é nordestina, os dono é nordestino... é tudo nordestino. O nome das ruas é nordestina, é tudo nordestino.

No Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas, são criadas duas entradas principais, e o espaço interno é dividido em ruas que recebem nomes dos Estados e artistas nordestinos. Ao mesmo tempo em que ocorre um processo de valorização das ruas próximas ao centro e aos palcos principais, verifica-se um movimento de periferização das áreas do entorno. A forma como o Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas (CGLNT) foi projetado dá origem a um processo de especulação imobiliária, a partir do qual seus espaços internos são colocados como valores passíveis de serem negociados. Arantes (2009), no entanto, nos atenta para o fato de que a utilização do patrimônio enquanto recurso econômico não encontra-se, necessariamente, vinculada à especulação, muito embora empreendimentos urbanísticos e turísticos (como o CLGTN) se valham desta tendência e a estimulem, com conseqüências desastrosas.

Dentre as transformações estruturais, as barracas ganham não apenas instalações fixas, cobertura e infra-estrutura (água-encanada, cartão de crédito e telefone), mas também se modificam para atender ao novo público. Da decoração diferenciada para atrair os clientes à instalação de ar-condicionado em algumas barracas centrais. É criada também uma agenda fixa de atrações, e grandes shows, organizados por empresas privadas, passam a ser realizados no local.

Atualmente, o Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas conta com aproximadamente 700 barracas fixas, recebendo mais de 200.000 visitantes por mês. As informações a respeito do número mensal de visitantes do Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas, todavia, são imprecisas, e variam de acordo com a fonte. No site da Feira, há tanto a informação de que passam pelo local 250.000 pessoas todo mês quando a de que ela funcionaria como um ímã para mais de 500.000 mil pessoas todo mês. No site da Riotur, a informação é de que ela atrai cerca de 450.000 visitantes por mês, “entre cariocas e turistas”. (Feira de São Cristóvão, 2010; RioTur, 2010). Durante a pesquisa, não consegui ter acesso a nenhum documento oficial do Centro de Tradições, devido às já mencionadas constantes recusas por parte da administração.

É importante nos atentarmos ao fato de que processos de patrimonialização como o ocorrido com a Feira, a partir da reinvenção da diversidade cultural, encontram-se

relacionados à construção de sentidos de lugar no espaço urbano, e possuem sua gênese nos processos de urbanização e os efeitos que eles induzem nas urbes. Diferente da reabilitação urbana (que se dirige mais ao edificado, sobretudo o que tem a ver com a função residencial), a requalificação “dirige-se mais ao seu entorno e ao espaço público, ou, nas operações urbanas de larga escala, à reconversão funcional de um dado espaço”. (Peixoto, 2009, p.46).

Segundo Peixoto, entre as dinâmicas e os processos sociais que estão na origem da problemática da requalificação urbana, os mais relevantes têm a ver com:

a evolução das economias urbanas, marcada pela expulsão das indústrias do sector secundário para as margens da cidade; a tendência para a policentralidade e a perda de vitalidade dos antigos centros urbanos, num quadro de alargamento incessante da malha urbana e da conseqüente produção de novos centros e de novas margens; a construção de um mercado urbano do lazer construído à volta da ideia de espaço público e do consumo visual; e a emergência de um cenário de concorrência e de competitividade entre cidades que adensa a importância de factores representacionais e imagéticos, assim como de intervenções urbanísticas e arquitetônicas que concretizam no espaço símbolos de afirmação de identificação com as cidades. (Peixoto, 2009, p.41).

Nestes processos, as políticas de patrimônio surgem associadas a processos de enobrecimento (gentrification) do espaço das cidades e as estratégias de reforço da competitividade urbana e da capacidade de atração de investidores, consumidores e turistas. Ao dialogar com outras formas de segregação urbana, o processo de enobrecimento confere um valor simbólico ao local. Por isso a revitalização dos espaços através de equipamentos culturais como o Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas:

é preciso um certo capital para se apropriar dele. Afinal, a cidade é feita de fronteiras, que tanto impede que os atores sociais considerados impróprios entrem, como que os legítimos saiam e assim se desclassifiquem. (Rufino, 2009, p.37).

Assim, na medida em que a Feira de transforma no Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas, discursos como “o Nordeste é aqui” ou “um pedaço do Nordeste no Rio de Janeiro” se articulam povoando o imaginário dos turistas com ideias de um lugar único e especial. Os nove estados da região nordeste, agora, são sintetizados em um espaço singular, “um Nordeste bem perto de você”. A Feira, enquanto Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas, passa a ser divulgada como um elemento com o qual todos os que se vêem como nordestinos, ou se afinizam com eles, podem se identificar, a partir de uma

“unidade totalizadora englobante”<sup>17</sup>. Ela é, portanto, um símbolo, cujo significado é o de representar TODO o povo nordestino, independente das diferenças entre eles:

e a Feira é aquilo, né? A feira é um pedaço do nordeste dentro de Rio de Janeiro. Aqui a Feira de São Cristóvão ela representa os “noves” estados nordestino, entendeu? A Feira tem 75 ano de existência... registrado, entendeu? E representa o nordeste todinho, representa o estado da Paraíba, eu sou paraibano(...). (Alex Araujo, em entrevista pessoal à autora).

É interessante observarmos que, com a criação do Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas, a Feira encontrou na mídia um poderoso agente social central e privilegiado à construção, produção e circulação de sentidos acerca desta identidade nordestina no Rio de Janeiro, identidade esta reforçada na medida em que ela passa a ser divulgada como um atrativo turístico da cidade do Rio de Janeiro. No site criado para a nova Feira, a mesma é divulgada como uma “homenagem” aos nordestinos. O guia online “Guia Rio de Janeiro”<sup>18</sup> e a “Rio Tur”<sup>19</sup> apresentam-na como “um pedaço do Nordeste no Rio”. Já no guia de viagens “O seu guia”, por vez, encontra-se na lista das 50 coisas que traduzem o que é ser carioca. O caráter turístico da nova Feira vai sendo, portanto, gradativamente, construído no imaginário dos cariocas e daqueles que almejam visitar a cidade.

---

Siqueira (2008), nos mostra um acontecimento deste tipo na eleição da estátua do Cristo Redentor como uma das Sete Maravilhas do Mundo, quando esta é tomada como um símbolo capaz de unificar todos os brasileiros, independente de suas diferenças.

<sup>18</sup> Fonte: <<http://www.guiariodejaneiro.com.br/canais/turismo/feira-de-sao-cristovao>>.

<sup>19</sup> A Riotur, enquanto uma sociedade de economia mista, é o órgão executivo da Secretaria Especial de Turismo, e tem como objetivo a implementação da política de turismo do município do Rio de Janeiro. Fonte: <<http://www0.rio.rj.gov.br/riotur/pt/atracao/?CodAtr=3904>>.



**Figura 06:** Dentre os souvenirs à venda, uma série de chaveiros de “cangaceiros” confeccionados a partir de uma semente conhecida em algumas regiões do Brasil como “olho-de-boi”.

(Foto: Aline Nery. Julho de 2010).

#### **4. “BEM-VINDOS AO NOSSO NORDESTE” – A FEIRA DE SÃO CRISTÓVÃO HOJE: CENTRO LUIZ GONZAGA DE TRADIÇÕES NORDESTINAS – CLGTN**

*O objeto teórico da Antropologia não está ligado na perspectiva na qual começamos a nos situar a partir de agora, a um espaço geográfico, cultural ou histórico particular. Pois a antropologia não é senão um certo olhar, um certo enfoque que consiste em: a) o estudo do homem inteiro; b) o estudo do homem em todas as sociedades, sob todas as latitudes em todos os seus estados e em todas as épocas. (LaPlantine, 2007, p.16).*

A fim de apresentar a atual Feira de São Cristóvão, hoje Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas, ao leitor, este capítulo terá um tom mais descritivo. Muito embora a narrativa advenha da imersão em campo, caberá ao último capítulo um tom mais pessoal, fruto do relato de algumas situações ocorridas durante a pesquisa, juntamente à análise das representações sociais dos trabalhadores entrevistados.

##### **4.1. Transformando o exótico em familiar**

Se a pesquisa antropológica em nossa própria sociedade traz consigo a discussão estabelecida entre Roberto DaMatta (1981) e Gilberto Velho (1978) acerca da necessidade de transformarmos em familiar aquilo que se nos apresenta como exótico, e em exótico aquilo que se nos apresenta como familiar, tendo em vista que aquilo que nos é familiar nem sempre nos é conhecido, no caso da presente etnografia esta questão mostrou-se relevante antes mesmo da ida à campo.

Uma vez que o objetivo inicial da pesquisa consistia em buscar mapear o imaginário do turismo na Feira a partir de três categorias distintas de atores sociais: trabalhadores, freqüentadores e responsáveis pela administração do espaço, o mês de julho de 2010 foi o escolhido para minha segunda ida a campo (tendo em vista os motivos já explicitados no primeiro capítulo). Assim, partindo do princípio de que os públicos poderiam variar de acordo com os turnos, ou períodos, e na busca pela compreensão de senão toda, ao menos parte da dinâmica local, a estratégia adotada foi realizar a pesquisa etnográfica em todos os finais de semana (sextas, sábados e domingos) do mês de julho em horários distintos, esperando-se atingir tanto públicos diversos quanto situações

diferenciadas. Esta escolha implicava, pois, permanecer no espaço tanto às 10 horas da manhã quanto às 2 horas da madrugada, o que, devido a alguns alertas recebidos na Feira em 2009, representava um certo risco para uma moça sozinha. Principalmente em se tratando de alguém com a credencial de pesquisadora. Devido a este fator, Vinícius, meu marido, acompanhou-me na etnografia durante todo o período; esforço muito notável para um professor de *matemática*, em pleno mês de *férias*, e, o mais importante: com *aversão* à cidade do Rio de Janeiro. Com um discurso repleto dos estereótipos que acompanham a cidade do Rio, principalmente no que se refere à violência e à criminalidade local, aspectos tão difundidos pela mídia, Vinícius fazia questão de ressaltar os pontos negativos da cidade e suas estranhezas a cada fim de semana.

Logo, é importante ressaltar que antes de qualquer esforço no meu campo de estudo propriamente dito, o esforço inicial consistiu em tentar transformar aquela metrópole, a princípio tão “exótica” para um juiz-forano<sup>20</sup> com tamanha aversão à “cidade maravilhosa”<sup>21</sup> e uma mineira<sup>22</sup> crescida em uma cidade de 15.000 habitantes, em um lugar um pouco mais familiar. Isso significava, primeiramente, aprender a locomovermos de carro dentro do Rio, em especial do Bairro da Tijuca (onde ficamos hospedados na casa de amigos) para a Feira de São Cristóvão, e o caminho inverso. Paralelamente, significava também perder o medo de ficarmos parados em congestionamentos na Avenida Brasil<sup>23</sup> em torno do Complexo do Alemão<sup>24</sup>, acostumarmo-nos com crianças e jovens oferecendo-nos biscoitos e demais artefatos no trânsito, bem como vermos o entorno da Quinta da Boa Vista (que durante o dia fica repleta de famílias desfrutando do parque), nosso caminho habitual, ser transformado em ponto de prostituição à noite, acabando por habituarmos-nos

---

<sup>20</sup> Denominação utilizada para designar os indivíduos nascidos na cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil.

<sup>21</sup> Expressão utilizada para designar a cidade do Rio de Janeiro. Segundo informações contidas no Guia de Viagem Uol, “foi em francês que a expressão Cidade Maravilhosa” se fez ouvir pela primeira vez, batizada assim por Jeanne Catulle Mendes, em 1912, tendo virado hino informal na marchinha de André Filho, no Carnaval de 1935. (UOL VIAGEM, 2010).

<sup>22</sup> Denominação utilizada para designar os moradores do Estado de Minas Gerais, no Brasil.

<sup>23</sup> “Reconhecida como a mais importante via de entrada da cidade e responsável pelo maior fluxo viário do Rio” (...), possui 58 Km de extensão e passa por 27 bairros da Cidade (São Cristóvão, Caju, Benfica, Manguinhos, Bonsucesso, Ramos, Olaria, Penha, Cordovil, Vigário Geral, Parada de Lucas, Jardim América, Irajá, Acari, Coelho Neto, Barros Filho, Guadalupe, Deodoro, Ricardo de Albuquerque, Realengo, Padre Miguel, Bangu, Vila Kennedy, Santíssimo, Campo Grande, Paciência e Santa Cruz). (...) É hoje uma rodovia eminentemente urbana. (RIO DE JANEIRO, 2010).

<sup>24</sup> Conjunto composto por treze favelas da Zona Norte do Rio de Janeiro, considerada durante anos uma das áreas mais violentas do Rio de Janeiro. Em novembro de 2010 iniciam-se no complexo de favelas as ações da Força de Pacificação do Exército Brasileiro, com a futura implantação de UPP’s (Unidades de Polícia Pacificadoras). (BRASIL, 2011).

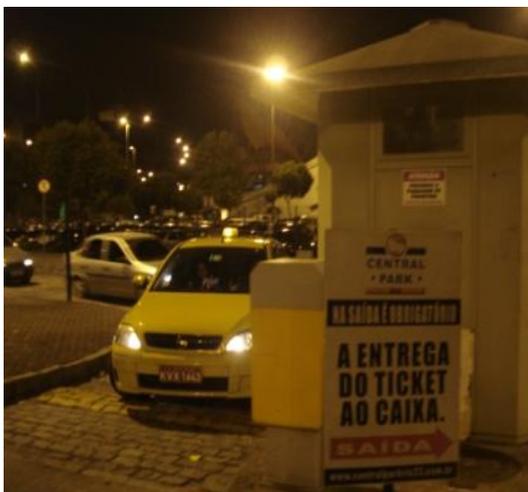
com os acenos para nós. Aos poucos, deixar Juiz de Fora na sexta-feira em direção ao Rio, assim como deslocarmo-nos dentro do Rio, foi tornando-se algo mais natural.

Se este exercício de familiaridade precisou acontecer antes mesmo da entrada em campo, isto não significa que ele tenha terminado por aí. Muito embora as pesquisas na cidade estejam mais relacionadas à transformação do “familiar” em “exótico”, visto que nossos objetos de estudo na cidade, geralmente familiares, encontram-se freqüentemente associados a uma série de estereótipos e preconceitos que trazemos conosco, o período na Feira exigiu-me a continuação do processo de transformação do “exótico” em “familiar”. Apesar da minha identificação com ela desde 2006, quando visitei-a pela primeira vez, a situação como pesquisadora mostrou-se bem diferente. Era preciso, agora, buscar compreender um pouco daquilo que antes eu apenas apreciava. E, neste ponto, tudo me era muito desconhecido.

#### **4.2. Chegando à Feira**

Quem chega à Feira de São Cristóvão precisa contornar parte do Pavilhão a fim de encontrar uma das entradas do estacionamento, atualmente administrado pela empresa “Central Park”. A entrada custa R\$ 8,00, valor único para todo o período de permanência na Feira.

No estacionamento, placas de diversas cidades e estados podem ser visualizadas, denotando que os freqüentadores da Feira não se restringem, atualmente, a moradores do Rio de Janeiro e região.



**Figura 07:** Uma das entradas do estacionamento Central Park.  
(Foto: Aline Nery. Julho de 2010).



**Figura 08:** Interior do estacionamento. Ao fundo, o viaduto da Linha Vermelha.  
(Foto: Aline Nery. Julho de 2010).

Uma quantidade considerável de jovens, no entanto, passa dia e noite ao redor do Pavilhão gerenciando uma espécie de estacionamento paralelo do lado de fora. Quem opta por esta opção paga o valor de R\$ 5,00 e “pode” estacionar ao redor das grades que demarcam o estacionamento oficial da Feira ou embaixo de algumas partes do viaduto da Linha Vermelha. Muito embora de vez em quando se noticie a apreensão destes jovens pela polícia militar, como em maio de 2010, quando uma ação conjunta da 17ª DP (São Cristóvão) e da Secretaria Especial de Ordem Pública (Seop) levou à prisão seis flanelinhas acusados de extorquir motoristas no entorno do Pavilhão<sup>25</sup>, é praticamente improvável chegar à Feira sem este tipo de abordagem. Frases como “estaciona aqui” ou alegações de que “lá dentro está cheio” são comuns. Na noite de Show do cantor Leonardo (vinte e três de julho), o show mais esperado do mês, no qual estávamos presentes, o argumento utilizado para convencer os frequentadores às 23 horas era o de que o ônibus do cantor havia *acabado* de chegar, o que implicava que o show já iria começar e, logo, não podia-se perder tempo. Isto, no entanto, não era verdade. Discursos como estes, ditos em tons de veracidade, são extremamente comuns, e estas áreas não oficiais costumam estar cheias de carros estacionados. Neste dia, ao recusarmos alegando que daríamos a volta no Pavilhão, o garoto que nos oferecia a vaga assumiu uma face na qual parecia nos classificar como pessoas indesejáveis, “fora do esquema”. Observamos seu colega de trabalho, que

<sup>25</sup> Disponível em: <<http://extra.globo.com/noticias/rio/operacao-prende-flanelinhas-no-entorno-do-pavilhao-de-sao-cristovao-128578.html>>. Acesso em 15q12/2010>.

estava negociando com o motorista de outro carro, dizer a este: “perai que eu vou segurar para você atravessar”. Imediatamente, assumiu a postura de um guarda de trânsito e parou naturalmente a fileira de carros que buscava uma das entradas do estacionamento, até que a manobra conseguisse ser efetuada.

O viaduto da Linha Vermelha, que circunda a Feira, abriga geralmente em baixo de si grupos de menores consumindo drogas, em uma área conhecida como “cracolândia”, o que torna relativamente perigosa a entrada e saída a pé. Ainda assim, grande parte dos frequentadores transita por ali desta forma, tendo em vista a necessidade de pegarem o ônibus ou o trem para casa. Quem vê o viaduto, do lado de fora, e a Feira, do lado de dentro, sente-se diante de dois mundos completamente distintos, reflexos desta metrópole capaz de abrigar e permitir a coexistência de diversos mundos em espaços físicos bem próximos. Se o viaduto encontra-se associado a imagens que nos remetem à pobreza, miséria, violência e abandono, dentre outros, a Feira estaria, opostamente, associada à festa, à alegria, à diversão. Enfim, ao mundo do lazer que, ali, encontra-se representado não apenas por estruturas físicas, mas também por elementos simbólicos que vão demarcar a passagem entre estes dois universos: a rua e a Feira. O dentro e o fora. Estas oposições encontram-se carregadas de significados e, como veremos mais adiante, permanecem no centro das falas dos trabalhadores entrevistados.

Duas são as entradas principais da Feira, localizadas em extremidades opostas no Pavilhão. Uma delas possui a estátua em bronze de Luiz Gonzaga, o “rei do baião”, como atração, anunciando simbolicamente com sua sanfona um pouco do que pode ser encontrado dentro do Pavilhão. Ao lado, uma pequena banqueta fora colocada para que as pessoas possam se sentar para tirarem fotos, fato bastante comum.



**Figura 09:** Casal de turistas sendo fotografados junto à estátua de Luiz Gonzaga. De passagem pelo Brasil, o americano (de camisa listrada) fora levado à Feira pela esposa e os cunhados. (Foto: Aline Nery. Julho de 2010).

Os painéis da bilheteria em tons de amarelo, ao fundo, foram acrescidos de pinturas de cactos e chapéus de cangaceiro. A placa com a logo da Prefeitura do Rio, disposta logo acima, deixa claro a presença do poder público ali.



**Figura 10:** Em uma das bilheterias, fila para a compra do ingresso, em uma tarde de domingo. (Foto: Aline Nery. Julho de 2010).

A imagem de Luiz Gonzaga também encontra-se pintada na pilastra ao lado de uma das bilheterias. Do seu lado direito, na parede, encontra-se a “Galeria dos Imortais da Feira

de São Cristóvão”, composta pelos rostos, pintados à mão, de João Batista de Almeida (o já citado “João Gordo, ali representado como o “fundador” da Feira), Antônio Lourenço da Silva (conhecido como “Macaco”), Dorival Severiano (conhecido com Dorge) e Aluízo do Nascimento (conhecido como Índio). Ao centro, placas indicativas orientam os locais de “entrada” e “saída”, bem como a entrada preferencial para crianças, idosos e feirantes. Para o recolhimento dos bilhetes, funcionários nas roletas seguidas de portais eletrônicos, além de seguranças atentos ao que se porta.



**Figura 11:** Uma das bilheterias do CLGTN. (Foto: Aline Nery. Julho de 2010).



**Figura 12:** Galeria dos Imortais da Feira de São Cristóvão. (Foto: Aline Nery. Julho de 2010).

Desperta a atenção, ainda, uma enorme placa afixada à esquerda das bilheterias, informando a proibição de algo já então restringido na sociedade brasileira: a posse de armas.

Ainda do lado de fora, pipoqueiros, vendedores de doces, balas e artistas de rua, como os da foto abaixo, dividem espaço na entrada. Na figura, nota-se na artista (apesar do uso de sandálias plataformas e óculos escuros) a tentativa de associar sua imagem às mulheres cangaceiras do sertão nordestino, contrastando com seu parceiro, em um traje mais futurístico.



**Figura 13:** Casal de artistas de rua – “Estátuas Vivas”.  
(Foto: Aline Nery. Julho de 2010).

**Figura 14:** Carrinhos de pipoca e churros em uma das entradas, junto ao parque de diversões.  
(Foto: Aline Nery. Julho de 2010).

Durante o ano de 2010, um pequeno parque de diversões foi montado nesta entrada, ocupando todo o pátio em frente às bilheterias. Tal fato contribuiu para uma constante movimentação no local, visto que o parque passou a ser incorporado enquanto um equipamento de lazer do bairro, possibilitando (embora sejam em minoria) o acesso de pessoas que não necessariamente entram na Feira.



**Figura 15:** Parque de diversões montado em uma das entradas. Destaque, à direita, para o banner divulgando o show do cantor Elimar Santos.  
(Foto: Aline Nery. Julho de 2010).



**Figura 16:** Vista frontal de uma das entradas.  
(Foto: Aline Nery. Julho de 2010).

Crianças correndo de um lado para o outro dividem espaço com casais e famílias que acabam de chegar. O público, embora varie dependendo do horário, é extremamente heterogêneo. Certa vez deparamo-nos com um grupo de freiras em seus trajes habituais, por volta das doze horas do domingo, chegando ao espaço. Em meio ao volume do som, audível do lado de fora, e às músicas tocadas (em ritmo de forró e letras como “ela está de saia e bicicletinha, uma mão vai no guidon e a outra tapando a calcinha<sup>26</sup>”), não deixou de ser uma cena interessante de ser observada. E não apenas por mim, mas pelos que ali se encontravam. Ávida por entender o que as levava ali, corro então para abordá-las, e sou informada pela que me parece ser a madre superiora do grupo de que estavam em um encontro e resolveram ir almoçar ali porque a Feira é muito falada no Rio, e muitas são nordestinas.

Nas grades que separam a rua da Feira, grandes *banners* fazem propaganda dos shows que acontecerão no período. Rente ao passeio, uma fileira de taxistas faz ponto ali dia e noite, revezando-se para atender às solicitações. Para senhor Roberto, taxista entrevistado, a Feira hoje estaria mais turística:

Atualmente vem muita gente de fora. A Feira não era organizada. Não tinha turismo. Organizado atrai o cliente. Banheiro limpo, comerciantes cadastrados... O ano todo fica cheio, sexta, sábado, domingo, Festa Junina, Dezembro...

É interessante observarmos que os dois pontos por eles associados à atração de “gente de fora”, a segurança e a higiene, coincidem com os pontos mais ressaltados nos discursos oficiais quando da transferência da Feira para dentro do Pavilhão, embora sejam pontos extremamente contraditórios.

---

<sup>26</sup> Trecho da letra da música “Saia e Bicicletinha”, do grupo sergipano “Calcinha Preta”, uma das mais tocadas na Feira no período.



**Figura 17:** O Pavilhão visto da rua. Destaque para os banners afixados nas grades propagando os grandes shows do período.  
(Foto: Aline Nery. Julho de 2010).



**Figura 18:** Taxistas da Associação dos Taxistas Autônomos “Oxente Táxi”. Destaque para a utilização da expressão “Oxente”, muito utilizada na região nordeste, no nome da Associação.  
(Foto: Aline Nery. Julho de 2010).

A entrada oposta possui como atração a estátua de Padre Cícero. A figura de Lampião, no entanto, também pode ser encontrada ali no banner afixado nas divisórias da entrada, próximo à roleta. Nele, tendo o Pavilhão como pano de fundo, a Associação dos Feirantes junto à Prefeitura do Rio de Janeiro dá as boas vindas a todos os visitantes, conclamando-os a conhecerem o “nosso” Nordeste.



**Figura 19:** banner afixado próximo às roletas.  
(Foto: Aline Nery. Julho de 2010)

A respeito desta entrada, vale mencionar um episódio interessante ocorrido durante a pesquisa de campo. Havíamos sido indicados por senhor Edilson, dono de uma barraca de tapiocas, para conversar com Alex, seu genro e presidente da Associação dos Feirantes até cerca de dois meses atrás. Devido à dificuldade de conseguirmos contato com representantes administrativos da Feira, o encontro com Alex era um dos mais aguardados, comemorado como uma grande conquista. Assim, seguindo as instruções de senhor Edilson, encontramos Alex em um final de tarde em uma barraca de produtos típicos nordestinos, da qual é dono, localizada em uma das avenidas principais. Dentre vários assuntos, ele nos conta da inauguração, em 2009, da segunda entrada da Feira: a entrada com o Padre Cícero. Tomada por uma inquietação devido ao fato de me lembrar com clareza de ter passado, no ano de 2006, por duas entradas distintas, enquanto Alex continuava sua fala eu tentava retomar mentalmente aquela minha primeira ida à Feira de São Cristóvão. Estaria eu equivocada? Haveria então apenas uma entrada? Não, havia duas entradas. Inquieta, resolvi expor minha dúvida a Alex, no que ele prontamente me esclareceu:

Existia as duas entrada... só que uma era reconhecida como... a entrada do Luiz Gonzaga e a outra não tinha nada. Entendeu? A outra era só *apenas uma entrada*.

E, prosseguindo com a explicação:

Ai nós cunversamo, batemo um papo e... veio uma ideia de bota um Padre Cícero ... é fantástico! Aí o parceiro da TV Diário, ela... doou para a Feira e nois colocamo na entrada dois a imagem do Padre Cícero.

Sim, havia duas entradas, como eu pensei. Mas antes era “apenas uma entrada”, um local através do qual as pessoas tinham acesso à Feira. Com a chegada da estátua de Padre Cícero, no entanto, ela ultrapassa sua funcionalidade básica ao tornar-se um local onde significados múltiplos são construídos e sentimentos distintos evocados:

(...) as pessoas quando nois inauguramo... foi loucura! Loucura mesmo, loucura mermo. As pessoas adoraram, as pessoas abraçava, as pessoas... muitas até rezavam na, na, na, no, no ... no pé do padre, então... as pessoas são devotas do Padre Cícero, pela imagem é o padrezinho pra eles, entendeu? Então foi ideia fantástica e deu certo. A entrada da Feira... a entrada Luiz Gonzaga é a entrada principal e a segunda entrada é do Padre Cícero.

Neste processo de ressignificação, esta entrada agora ganha um valor de distinção. Não se trata, portanto, de um lugar comum, mas sim de um símbolo, que, como tal, é significado de forma distinta pelos que por ele passam. Se em determinados momentos pode associar-se ao sagrado ao evocar em alguns sentimentos ligados à fé, em outros pode muito bem associar-se ao profano, como na cena abaixo em que um grupo de jovens posa para fotos ao lado de Padre Cícero ensaiando poses sexys com maçãs do amor rente aos lábios.



**Figura 20:** Grupo de jovens posando para fotos junto à estátua de Padre Cícero. (Foto: Aline Nery. Julho de 2010).

Tal fato permite-nos visualizar a flutuação do significado sobre o significante, assim como faz-nos lembrar de Geertz (1989, p.10), quando afirma que “o homem tem uma dependência tão grande em relação aos símbolos e sistemas simbólicos a ponto de serem eles decisivos para sua viabilidade como criatura (...)”.

Descrita a parte externa do Pavilhão, passemos agora para o seu interior: a Feira!

### 4.3. Adentrando o Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas

*Lugares são espaços apropriados pela ação humana. São realidades a um só tempo tangíveis e intangíveis, concretas e simbólicas, artefatos e sentidos resultantes da articulação entre sujeitos (identidades pessoais e sociais), práticas (atividades cotidianas ou rituais) e referências espaço-temporais (memória e história). (Arantes, 2009).*

Vinte e três de julho de 2011, noite de show do cantor Leonardo. Enquanto Vinícius e eu percorríamos a Feira e nos embrenhávamos por seus espaços, o seguinte diálogo era travado entre uma apresentadora de TV e o senhor Marabá, diretor cultural do CLGTN no período:

**“Repórter:** *\_ Mas eu acabei de achar o cara que é o cara que manda aqui na Feira, que é o Marabá. Chega mais, chega mais Marabá. (Em tom de euforia). Você é o cara que manda aqui na Feira?*

**Marabá:** *\_ Olha só, é... (misturando um ar de desconcerto junto a um riso sutil)... mandar a gente... a gente faz é... funcionar. A gente se esforça pra que fique bonito.*

**Repórter:** *Faz essa bagun... porque parece que é uma bagunça, mas é uma bagunça bem organizada aqui. (Na tentativa de corrigir a gafe).*

**Marabá:** *\_ É uma bagunça saudável, com segurança, tranquilidade, a Feira de São Cristóvão é o maior ponto do Rio de Janeiro, tá? (...) pra se curtir hoje, não existe outro lugar. (Agora apresentando um ar mais sério).”*

**(Fonte: Programa Re-Vista, 2010<sup>27</sup>).**

Em questão de segundos, uma certa tensão se instaura. Os envolvidos tentam agir com naturalidade, mas o clima da entrevista dali em diante deixa claro a gafe cometida pela repórter ao se referir à Feira como uma grande bagunça. Se socialmente tal franqueza gerou um certo incômodo, tendo em vista o fato do receptor imediato da mensagem tratar-se de um dos representantes oficiais do espaço, não há como negar que “bagunça” possa ser um termo pouco distante no imaginário daqueles que se deparam com a Feira pela primeira vez e ainda não entendem sua dinâmica. Afinal, não é em todos os lugares que se presencia uma série de ambientes distintos em uma espécie de disputa pelo volume do som, na exibição de diferentes gêneros musicais; fotógrafos, artistas diversos, idosos, adultos, crianças, jovens de diversas tribos, heteros e homossexuais juntos em um mesmo

---

<sup>27</sup> Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=CzcFA-P6cGw>>.

espaço; vendedores com balões de ar e brinquedos para crianças, máquinas de caraoquês, diversos ritmos e atrações; ou, simplesmente, restaurantes, lojas de roupas, açougues, casas de CDs, barracas de ervas medicinais ou de ferramentas, por exemplo, convivendo lado a lado.

No Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas (CLGTN), as entradas principais supracitadas dão acesso a uma larga avenida que liga uma extremidade à outra do Pavilhão. Na parte interna, perpendicularmente a estas entradas, uma outra avenida interliga os dois palcos principais (João do Vale e Jackson do Pandeiro), formando uma espécie de cruz na qual no centro localiza-se a Praça Catolé da Rocha, mais conhecida como Praça dos Repentistas.



**Figura 21:** Praça Catolé da Rocha. Na foto, senhor Zé Duda e seu parceiro cantam o repente para a platéia que se renova durante a noite. (Foto: Aline Nery. Julho de 2010).



**Figura 22:** O público assistindo aos repentistas. Nas laterais dos bancos, propagandas de algumas barracas da Feira. (Foto: Aline Nery. Julho de 2010).

A Praça dos Repentistas recebe destaque enquanto uma das atrações principais do espaço, tendo em vista o fato do repente ser tomado como uma das manifestações mais genuinamente nordestinas. É ali que, em um pequeno palco, repentistas e emboladores se revezam em exibição para a platéia durante o período de funcionamento da Feira. Não se pode, entretanto, confundir o repente com a embolada, destaca senhor Zé Duda. Ao perguntar a ele e seu companheiro a diferença, ambos respondem, em momentos distintos:

\_ “O repentista não pode rimar mulhé com café” (...)

(...) demonstrando uma expressão de obviedade advinda daqueles cuja vida estruturou-se através destas manifestações.

Ali também encontram-se montadas barracas que vendem a literatura de cordel, formada por varais ao redor de sua estrutura metálica onde são pendurados os livretos, com o auxílio de pregadores. Isso permite que grande volume do material a venda possa ser visto pelo público, que inclusive pode tirá-los para ler e opinar sobre o que mais lhe agrada. Ao lado delas, um grande banner pintado com a figura de um casal de cangaceiros, cujos rostos foram substituídos por dois grandes furos, a fim de que se possa enfiar a cabeça por trás. Com R\$ 2,00, pagos antecipadamente ao dono do “negócio”, pode-se tirar a foto com sua própria máquina.



**Figura 23:** Variedade de literatura de cordel.  
(Foto: Aline Nery. Julho de 2010).



**Figura 24:** Painel para fotos.  
(Foto: Aline Nery. Julho de 2010).

Nos dois palcos principais encontram-se geralmente bandas de forró-eletrônico, durante o dia, e os grandes shows privados que acontecem nas noites do fim de semana. É ali também, assim como na área abaixo destes, que, em ocasiões especiais, são exibidas atrações culturais da Feira. Como em julho estavam acontecendo as comemorações de São João, ali aconteciam as quadrilhas, a “Dança do Boi”, e as competições de pau de sebo, por exemplo. Nos domingos pela manhã, com o show já acontecendo, formam-se semi-círculos a fim de observar aqueles que se arriscam a dançar no centro. Dentre estes, figuras de nomes anônimos cujos rostos já se conhecem bem. Um senhor magro que ensaia, sozinho, coreografias diversas para delírio da platéia; ou Gaúcho, por exemplo, que, com um traje

típico do Rio Grande do Sul, atraindo ao dançar com sua esposa. Quem se anima pode entrar na roda, e chegamos a presenciar, certa vez, um senhor na cadeira de rodas, dançando. Se para muitos trata-se de uma terapia, como nos informa senhor “Gaúcho”, em entrevista posterior, e se este vem a ser um espaço democrático, nem por isso estas manifestações deixam de ser performáticas; e, enquanto tais, acabam tornando-se atrações da Feira. Exibições como estas fazem parte da Feira, e podem ser encontradas em sites de compartilhamento de vídeos como “youtube”, nas várias filmagens postadas.



**Figura 25:** À direita, “Gaúcho” e sua esposa, dançando em frente a um dos palcos principais. (Foto: Aline Nery. Julho de 2010).



**Figura 26:** Multidão aglomerada em frente ao palco para assistir a apresentação do “Boi do Palmica”, uma das atrações do “São João na Feira”. (Foto: Aline Nery. Julho de 2010).

Também é comum, ao circular pela Feira, deparar-se com figuras tradicionais como Carrapeta, com suas roupas peculiares (foto abaixo); ou Araquém, mais conhecido como “Papagaio de Pirata”, que, com a moldura de uma televisão antiga, sai entrevistando as pessoas na Feira e recebe pelas fotos tiradas com seu aparato.



**Figura 27:** Carrapeta, em foto de Arthur Neto.

**Figura 28:** Araquém, entrevistando um grupo de turistas.  
(Foto: Aline Nery. Julho de 2010).



Retomando a descrição, além dos dois palcos maiores há também outros quatro pequenos palcos localizados nas praças denominadas “Padre Cícero”, “Frei Damião”, “Mestre Vitalino” e “Câmara Cascudo”, das quais falaremos adiante.

Ainda no quesito música, muitos barraqueiros criam estruturas de som em suas próprias barracas, onde ocorrem shows diversos, reproduzindo algo que já acontecia na antiga feira.



**Figura 29:** Interior da Barraca Três Corações. Destaque para a aparelhagem de som e a decoração. (Foto: Aline Nery. Julho de 2010).



**Figura 30:** Fundos da Barraca Três Corações. Destaque para a propaganda do show de Nando Rosa, um dos artistas do universo brega. (Foto: Aline Nery. Julho de 2010).

A música brega encontra público em espaços como o da foto acima (localizados geralmente nas áreas mais afastadas do centro), inseridos em um contexto significacional em que

a música brega cria uma reflexividade com o público, havendo uma interação entre mensagem e receptor. Rede de significados que são interpretados por aqueles que se sentem inseridos naquele sistema significacional, onde significado e significante intercambiam e dialogam. Há um mergulho na história e o público participa da mesma, um ir e vir atemporal, onde público e artistas fazem parte da grande ópera multi-cultural. (Giacomini; Costa; 2008).

Segundo Giacomini (2007), de modo geral

é possível afirmar que o “brega” é considerado como parte de um conjunto genericamente caracterizado como a “cultura regional nordestina”, cuja celebração constituiria o motivo e a própria razão de ser da Feira. Ainda que não goze de estatuto equivalente ao cordel ou do forró, que são expressões culturais vistas como as mais genuinamente nordestinas, a música “brega”, com sua forma expressiva e seus personagens característicos, está longe de ser considerada algo

estranho ou destoante na Feira, mesmo do ponto de vista dos frequentadores mais tradicionalistas. De fato, nos anúncios oficiais que propagandeiam a Feira, a música “brega” é apresentada como uma das mais “marcantes” atrações, incluída, ao lado do forró, entre as expressões que desde o início marcaram o local. (p.05).

Isso explica-nos a reação calorosa da platéia à *performance* de Bernadete, bem como a duração de seu show naquele domingo de 2006 (aproximadamente quatro horas), em que figurava como uma das principais apresentações do dia. De acordo com informações obtidas pela autora no site oficial da Feira, o brega já existiria ali desde os tempos em que ela funcionava ao ar livre, quando já se encontravam aquelas “figuras excêntricas e engraçadas da música brega na Feira que nunca deixaram de se exibir naquele espaço”. De acordo com as informações fornecidas no *site*, “essas tradicionais expressões do mundo brega fazem parte do CLGTN e ajudam o local a se tornar um autêntico reduto dos paus-de-arara no Rio de Janeiro”. (Fonte: ASSOCIAÇÃO dos Feirantes/CLGTN, *apud* Giacomini, 2007).

Nos fins de semana a Feira funciona ininterruptamente, das 10h de sexta-feira às 20h do domingo, com uma programação fixa. Isso faz com que alguns trabalhadores, na tentativa de descansarem um pouco para mais um dia de trabalho, durmam em suas próprias barracas no início da manhã.

Lojas de venda de CDs e DVDs são extremamente comuns. Dentre as mercadorias, não apenas produtos originais, mas também muitos títulos piratas. A maioria possui logo na entrada uma televisão onde são exibidas vídeo-cassetadas, touradas espanholas ou clipes antigos. Geralmente há uma platéia na porta, que se reveza dia e noite, na medida em que a saída de uns é sempre compensada pela chegada de outros. Parar ali por algum tempo não necessariamente significa ter de comprar algum título. Durante todo o tempo em que estas lojas ficam abertas, há música tocando. E, se há duas delas lado a lado, cada uma exibe seu som naturalmente.



**Figura 31:** Loja de CDs e DVDs .  
(Foto: Aline Nery. Julho de 2010).

O espaço interno é dividido em ruas, que recebem nomes dos Estados e artistas nordestinos e são indicadas por placas. Todavia, esta parece ser a forma menos utilizada para se locomover ali. O som da música advinda dos diversos palcos, a movimentação contínua de transeuntes, criando uma espécie de “fluxo natural”, e/ou os estímulos visuais/olfativos advindos dos estabelecimentos, norteiam os freqüentadores em seu andar. Não obstante, a própria estrutura interna do Pavilhão, formada por uma espécie de “cruz” (conforme mencionado anteriormente), em cujas extremidades opostas se encontram os dois palcos e as entradas principais, e no Centro a “Praça dos Repentistas”, possibilita a fácil locomoção sem a orientação de placas, uma vez que permite ao sujeito retornar facilmente a um destes cinco pontos principais se por ventura sentir-se perdido.

No que diz respeito a esta estrutura interna do Pavilhão, é importante mencionar ainda um outro ponto. A forma como o Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas (CLGTN) foi estruturado fisicamente faz com que a Feira, agora, passe a ter valores imobiliários, e cada espaço interno um valor de troca. Assim, ao mesmo tempo em que ocorre um processo de valorização das ruas próximas ao centro e aos palcos principais, verifica-se um movimento de periferização das áreas do entorno.



**Figura 32:** Avenida principal que estabelece ligação entre os dois palcos principais: palco João do Vale e palco Jackson do Pandeiro. (Foto: Aline Nery. Junho de 2009).



**Figura 33:** Rua localizada em área mais periférica. À esquerda, exemplo das churrasqueiras muito comuns na Feira. Na foto, churrascos de carne de boi, salsicha, tripas de boi e queijo. (Foto: Aline Nery. Julho de 2010).

A mobilidade emerge como um dos elementos centrais nesta nova dinâmica da Feira. Aliás, dinamismo parece ser a palavra chave para definir o CLGTN. Se, por um lado, a transferência para dentro do Pavilhão trouxe maior conforto para os feirantes, que agora possuem uma estrutura fixa para armazenar seus produtos e recursos como água encanada e luz elétrica, por exemplo, trouxe também a responsabilidade de arcar com custos fixos muitas vezes inviáveis para os pequenos estabelecimentos, que não conseguem competir com a estrutura dos maiores, cujos donos em alguns casos são empresários que compraram pontos dentro do espaço no período da transferência. Esse processo vem fazendo com que muitos feirantes tenham que passar seus pontos para quitar suas dívidas, o que acontece mesmo não sendo eles donos definitivos do espaço, uma vez que o que possuem é a sua concessão. Conforme nos explica Solange, dona de uma loja de artesanato,

(...) na verdade aqui ninguém é dono, são permissionários, né. São... mas existe sempre um dinheiro que a pessoa que é dona, que tava ocupando o espaço, pede pra você passar, entendeu? Nada, nada, aqui ninguém é dono.

Na internet, é possível encontramos anúncios de vendas de barracas no Pavilhão, como o divulgado em março de 2010 pelo site “balcão.com”, no qual duas estavam à venda pelo valor de R\$ 170.000 (Balcão, 2010). Esta nova lógica gira em torno de

disputas, lutas e conflitos, e faz com que aqueles que não conseguem se adaptar saiam ou sejam incorporados. Assim, é absolutamente comum o fato de você visitar uma barraca em um mês e, no mês seguinte, já ter outra em seu lugar. Barracas fechadas, em obra, ou até mesmo vazias, como mostra a foto abaixo, fazem parte do cenário da Feira.<sup>28</sup>



**Figura 34:** Na foto, barraca vazia sendo utilizada para armazenamento de materiais de construção. (Foto: Aline Nery. Julho de 2010).

Na rua em que fica a loja de Solange, havia mais de três barracas fechadas no mês de julho. Ela reclama e diz que isso afasta os turistas:

(...) Muitas vezes a pessoa vem até ali e voltam. Entendeu? Vem pra cá, escuro... assim, uma penumbra, porque muitas barracas não abrem pra cá, muita gente não abre entendeu? Aí volta dali”.

Novos donos, vendo no local uma oportunidade de negócio, chegam constantemente. E, para atender a esta demanda, há até um arquiteto que trabalha como *freelancer* na Feira. Ficamos sabendo de sua existência em uma loja de artigos de rock que fora inaugurada em 2009 próximo a uma das entradas. No momento ele estaria trabalhando para eles na construção de um dormitório para os funcionários. Mas, segundo Carla, funcionária do estabelecimento, “ele fica na Feira direto, sempre tem obra”.

---

<sup>28</sup> Infelizmente não foi possível obter acesso ao Estatuto da Associação dos Feirantes.

O mercado imobiliário no CLGTN atrai investidores de todas as partes. Dono de quatro estabelecimentos inaugurados no ano de 2009, “Majestade Show, casa de shows “Mistura Brasileira”, “Império do Nordeste Restaurante” e “Mister M. Pizzaria”, senhor “Mineirinho”, como é conhecido, teria freqüentado a Feira desde 2007 analisando o potencial do espaço. Na edição de junho de 2010 do jornal oficial da Feira (Associação, 2010a), ele ganha destaque em uma das matérias ao ser retratado como um empresário de características arrojadas e metas projetadas. No título da reportagem, “Uma pizzaria com técnicas tradicionais mistura ingredientes nordestinos”, o trecho “mistura ingredientes nordestinos” recebe destaque em negrito, como a legitimar a importância do estabelecimento. Assim, se uma pizzaria, a princípio, não se encontraria na lista de representantes da cultura nordestina, a ponto de merecer destaque em um Centro de Tradições Nordestinas referenciado como um pedaço do Nordeste no Rio de Janeiro, agora a legitimidade ancora-se na ideia da mistura das técnicas tradicionais com os ingredientes nordestinos.

Se a garantia de lucro futuro constitui motivo a ser considerado na abertura de um negócio na Feira, esta escolha no entanto é sustentada por uma série de motivos subjetivos que ultrapassam a simples questão da viabilidade econômica. Ex-dona de uma loja em um Shopping Center no Rio, falida recentemente, Solange vem para a Feira buscar forças junto a seus conterrâneos para recomeçar.

(...) Eu sempre tive loja em shopping, entendeu? Aí... devido a crise, a sociedade mal feita... mal feita e tal e... eu vim tentar aqui e também como sou nordestina e tal, entendeu? Aí, falei, vou lá tentar nas minhas origens, minhas raízes, ver o povo nordestino lá, me dar uma força, começar do zero.

No caso de Solange, recomeçar em um lugar que a faça se sentir próxima de suas raízes, mesmo diante do desconhecido, fornece o acolhimento e a segurança nem sempre encontrados na individualidade da metrópole. É ela quem nos apresenta Márcia, sua amiga que estava inaugurando, naquele dia de julho, uma pequena barraca de artesanato e produtos importados também no entorno. Na verdade ela não precisa (nos conta Solange em segredo), ela e o marido trabalham com importação. Mas veio pra Feira porque está com depressão, está precisando de uma ocupação. Eu acho que vai ser bom pra ela. (Adaptação minha). Trata-se, portanto, de uma série de significados ligados ao estar na Feira.

No que diz respeito a uma organização espacial da Feira de São Cristóvão, a classificação efetuada por Lúcia Morales em 1993, quando a Feira ainda era ao ar livre, nos é útil, em termos comparativos, para situarmos o leitor diante deste novo espaço, o Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas.

De acordo com Morales, a Feira ao ar livre encontrava-se organizada em três regiões, denominadas por ela, segundo um critério geográfico de definição, de “região central”, “região periférica” e “região acentuadamente periférica”. Tais regiões configuravam não apenas “o mapa físico da Feira mas, também, o mapa dos contatos e das interações”. (Morales, 1993, p.17). De acordo com ela,

por região central nos referimos às atividades que se localizam no ponto interior do Campo de São Cristóvão. Por região periférica aludimos às atividades que contornam todas as bordas laterais e longitudinais deste ponto interior. (...) Quando qualificamos de região acentuadamente periférica, estamos falando sobre as atividades que estão afastadas destas bordas e bastante distantes do ponto interior. (...)

Na região central, ou seja, no interior do campo de São Cristóvão, encontrava-se “um intenso comércio de roupas, sapatos, bolsas, mochilas, discos e fitas, eletrodomésticos, produtos do Paraguai, etc”.

Na região periférica, nas bordas laterais e longitudinais deste centro, prevaleciam as barracas de “comidas típicas” (tapioca, sarapatel, baião de dois, feijão de corda com mocotó, etc.) e as de música ao vivo, assim como algumas aonde se dançava ao som de fitas cassetes. Era ali também que eram compradas

carne verde, frutas, verduras, temperos, os “produtos do norte” (rapadura, cachaça, bolachas, feijão mulatinho, de corda, farinha de mandioca, peixes de água doce, salgados, e etc.), os folhetos de cordel, as redes, o artesanato de corda, madeira e couro e muitas bancas e barracas vendendo discos e fitas.

Resumidamente, ali encontravam-se todas as manifestações da chamada cultura nordestina.

A região acentuadamente periférica, por vez, a mais afastada do ponto interior, caracterizava-se

pelo comércio de objetos usados, e/ou danificados. Também encontramos atividades que agrupam pessoas em torno de algo excepcional, como manipular cobras e lagartos com o intuito de vender ervas e outros produtos que curam uma variedade de doenças. É também o local em que evangélicos pregam a Bíblia, e onde associações que disputam o controle da Feira instalam seus “comitês”. (Morales, 1993, p.17 e 18).

De acordo com Morales, estas regiões se diferenciavam quanto ao funcionamento da Feira nos dias de sábado e domingo. Enquanto a região periférica está presente em todos os dias e durante todo o momento da Feira, na região central apenas um setor funcionava durante o domingo. Era também possível se ir à Feira sem visitar, necessariamente, a região central.

Tomando como base tal classificação, podemos utilizar estas três denominações (região central, periférica e acentuadamente periférica) para elucidar as áreas do CLGTN.

A região central hoje em dia diz respeito às duas grandes avenidas já mencionadas, que interligam as duas entradas e os dois palcos principais. Estas avenidas, em comparação com as demais ruas das Feira, são mais largas, iluminadas e enfeitadas. É ali que são exibidas a maioria das atrações culturais da Feira, assim como a Praça dos Repentistas. É ali também que localizam-se os grandes restaurantes da Feira em termos de infra-estrutura. No restaurante “Baião de Dois”, por exemplo, situado em espaço privilegiado em uma destas avenidas centrais da Feira, próxima a um dos palcos principais, encontramos uma estrutura típica de um grande restaurante, com dezenas de funcionários, cozinha industrial, padronização de utensílios como uniformes, toalhas e todo o restante, ambiente climatizado, delimitação da “barraca” toda em blindex, e, finalmente, com capacidade para atender centenas de pessoas.



**Figura 35:** Entrada do restaurante “Baião de Dois”, localizado em uma das avenidas principais. (Foto: Aline Nery. Julho de 2010).



**Figura 36:** Cozinha Industrial. Restaurante “Baião de Dois”. (Foto: Aline Nery. Julho de 2010).

Neste, assim como nos outros grandes restaurantes, a ambientação foi criada com base em elementos que visam remeter a alguns aspectos da cultura nordestina. No restaurante acima, cujo projeto arquitetônico, assim o de outros estabelecimentos, foi criado por uma arquiteta logo após a entrada para o Pavilhão, nota-se a tentativa de uma associação com elementos do sertão nordestino. A ideia é a associação, no entanto, não com a pobreza do mesmo, mas sim com a luta e valentia de seu povo, ali representado mais uma vez por ícones como a estátua em bronze de Luiz Gonzaga logo na porta de entrada, junto a um banco no qual é permitido sentar-se para o registro fotográfico. Nos funcionários, a utilização de uniforme composto por chapéu de couro, nos moldes dos de cangaceiro, e cartucheira na cintura.

Senhor Serafim, dono de um restaurante simples nas extremidades do Pavilhão, nos fala com orgulho do fato de a Feira possuir estabelecimentos que não deixam nada a dever a restaurantes cinco estrelas:

Temos os dois restaurante aqui muito bom, é o Baião de Dois e o Chic-Chic. Não fica devendo nada ao restaurante de... cinco estrelas (...) é de outro imigrante (...) O restaurante da Chiquita e o Chic-chic, ele não fica devendo nada a um restaurante de cinco estrelas. Ambiente climatizado, bom atendimento, atendimento vip, vinhos finíssimos, entendeu? Vinhos franceses, portugueses, italianos...

Tais estabelecimentos emergem em sua fala como representantes legítimos da qualidade a ser encontrada na Feira de São Cristóvão, e, sob esta ótica, vistos com orgulho por ele. Mesmo que não sejam de sua propriedade, neste momento são tomados como algo “nosso”, responsáveis pela diferenciação da Feira enquanto reduto nordestino no Rio de Janeiro. A fala de senhor Serafim vem acompanhada de uma série de dados quantitativos (afirmados por ele com segurança) que visam comprovar a importância do povo nordestino na cidade do Rio de Janeiro:

Quer dizer, o Rio tem 18 milhões de habitantes, é... aproximadamente, 7 milhões é nordestinos... é... O Rio tem 18 milhões de habitantes, praticamente, quase um terço, mais de um quarto é nordestino. Tirando a nossa... tirando a colônia judaica e a italiana, do Rio, a maior colônia é a nordestina. A nível de... Estado. Porque São Paulo, né, dá dez Rio de Janeiro. Obviamente é maior. Mas, da região sudeste, o Rio de Janeiro... a nível de... ajuntamento, a nível de... de reduto, na América do Sul é o Rio de Janeiro. América do Sul.

Logo,

A nível de América do Sul, reduto nordestino: Rio de Janeiro – Feira de São Cristóvão.

Este sentimento de um “nós”, nestas situações, não deixa de apresentar suas contradições em outros momentos, como por exemplo quando eu o pergunto se ele teria algum amigo a me indicar para eu entrevistar ali na Feira e ele me responde que é muito difícil, que ali é tudo muito individual.

Restaurantes maiores, como o Baião de Dois, geralmente abrem de terça a domingo, em oposição aos menores, que, em sua maioria, costumam abrir apenas aos finais de semana (no horário já mencionado). Também realizam reservas e disponibilizam seus espaços para festas e demais eventos. O Baião de Dois é o único do qual tomei conhecimento até o momento que faz propagandas em hotéis e pontos turísticos da cidade. Talvez seja este um dos motivos pelos quais muitos turistas vão “direto para ele”, como atestam alguns trabalhadores. Nos demais empreendimentos (geralmente ligados ao ramo da alimentação) a estratégia mais utilizada é a panfletagem nas ruas da Feira, feita pelos próprios funcionários. Com isso, não apenas se é abordado o tempo todo ao caminhar como também constantemente percebe-se a necessidade de se livrar da gama de panfletos recebidos.

O Restaurante da Chiquita, comentado no relato de minha primeira ida à Feira, também localiza-se nesta área central. Atualmente ocupando um grande área privilegiada em frente a um dos palcos principais (resultante da ampliação através da compra de outras barracas), é também um dos mais tradicionais da Feira. Ao contrário do Baião de Dois, no entanto, Chiquita, como é conhecida sua dona, já trabalhava na Feira ao ar livre há vinte e quatro anos, quando da criação do Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas. Durante este tempo, acabou atraindo pela qualidade de seus pratos e higiene clientes famosos como Chico Anísio, que relata sobre a descoberta de uma entrada “por trás” que o deixava direto na barraca:

De uns anos para cá eu deixei de ir aos domingos e passei a ir aos sábados de noite, “pelas costas”. Meu filho descobriu uma entrada por trás e este caminho nos deixa defronte à Barraca da Chiquita que é uma pessoa encantadora e danada de boa como fazedora de comida. Sarapatel, carne-de-sol, buchada, na Chiquita eu me sinto como se estivesse num canto bom qualquer do Nordeste.  
(Chaves, 1999).

Em 2005, no Documentário “De Olho no Rio”, Chiquita deixa claro, diante da alegação da entrevistadora de que para ela a melhoria foi incrível, que novas são as responsabilidades:

De infra-estrutura sim, mas de responsabilidade... são bem maiores, visto que hoje eu tenho uma empresa, e tenho quarenta e três pessoas que trabalham e... é mais complexo. (Documentário “De Olho no Rio”, 2005).

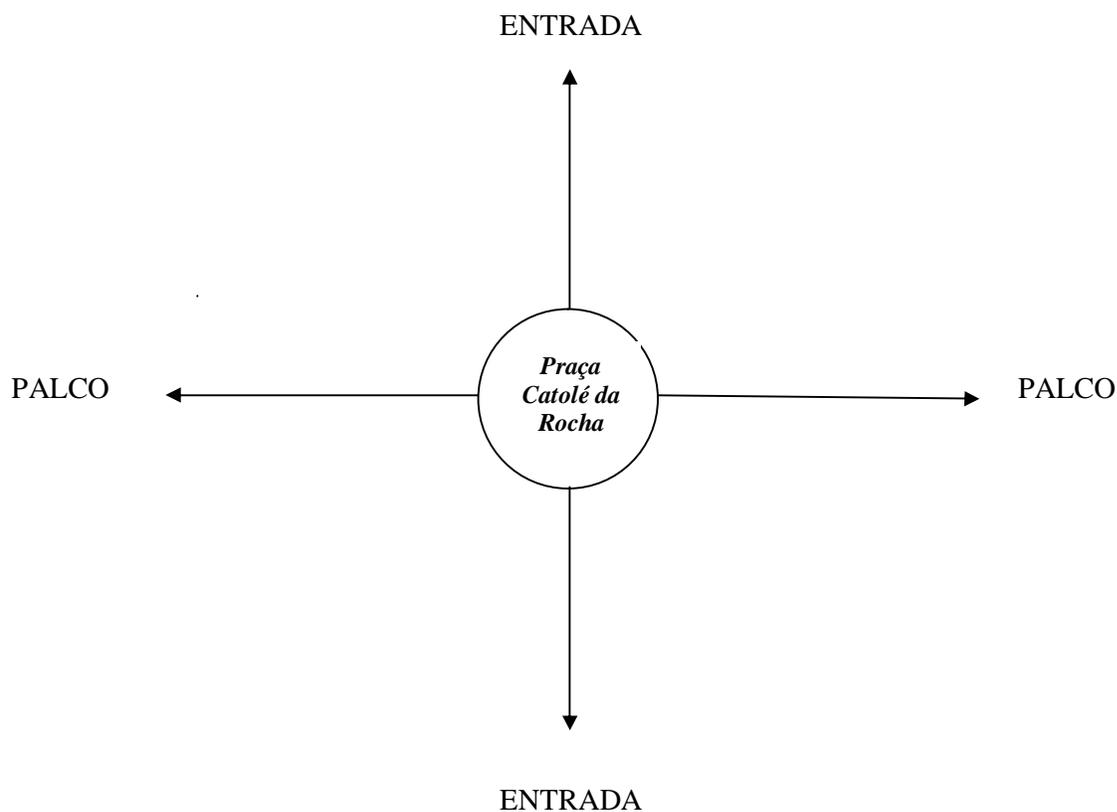
Mas, se para ela as transformações, embora grandes, foram positivas, não foi para todos, no entanto, que a Feira aconteceu. Em conversa com Carvalho (2006) sobre as transformações, conta:

[...] o espaço lá de trás foi um colega que tinha uma barraca ai que me passou [...] era um feirante muito antigo, mas a feira pra ele não aconteceu, aliás, pra muita gente não aconteceu [...] sem incentivo fica difícil competir com estes restaurantes aí, como Asa Branca, Baião de Dois, que têm grandes empresários como donos [...] é a mesma coisa que pegar um pobre, dar um apartamento para ele na Barra, e dizer: - agora se vira para pagar condomínio, luz, gás, IPTU [...] olha! De todas as barracas que tinha lá fora, eu fui uma das únicas que conseguiu legalizar os funcionários [...] a gente não consegue nem mesmo um financiamento. Aí fica difícil a concorrência. (Cardoso, 2006).

Durante o trabalho de campo, chego à Barraca para tentar conversar com Chiquita e sou recebida na entrada por uma mulher de estatura pequena, vestindo blusa preta customizada com uma espécie de logomarca da Barraca, saia preta longa com bordados e bandeirinhas, e sandálias vermelhas de bolinha, compondo, no todo, um visual coerente com a identidade visual do estabelecimento. Explico-lhe que gostaria de falar com Chiquita, e ela me pergunta, ressabiadamente, sobre o quê seria. Após explicar-lhe brevemente sobre a pesquisa, eis então que revela-me que estávamos diante da própria. Demonstro-lhe minha surpresa, afinal imaginava alguém de fisionomia bem mais velha, tendo em vista tanto tempo de Feira. Ela então me explica que chegou bem nova, e começou a trabalhar muito cedo. Indica-me seu irmão, hoje gerente do estabelecimento, para me dar as informações que eu precisara. Fomos então levados para um ambiente reservado no segundo andar, onde, apesar da boa vontade de nosso interlocutor, a conversa não pôde se estender devido à movimentação no restaurante. De volta ao primeiro andar, no entanto, um episódio interessante me chama a atenção: a presença de grupos de freqüentadores se revezando para tirar fotos na entrada do restaurante não apenas junto às redes e aos elementos cenográficos presentes ali, mas sim junto à própria Chiquita. Como um estereótipo da saga do Nordeste no Rio de Janeiro, no caso, do migrante que lutou, lutou e venceu, Chiquita parecia compor a gama de atrativos locais.

Além de restaurantes como os citados acima, localizam-se também nas áreas centrais grandes lojas de artesanato, de produtos alimentícios nordestinos, os açougues

(agora dentro dos padrões de qualidade exigidos pela vigilância sanitária<sup>29</sup>), casas de CDs, agência de viagem, loja de telefonia celular, de roupas e de calçados, assim como algumas no estilo armazém, com produtos que variam de cartelas de adesivos a bonés e isqueiros, dentre outros. Localizam-se nelas também parte dos banheiros públicos existentes (ao lado dos dois palcos principais), cuja infra-estrutura é extremamente precária. Uma vez que a tendência de quem adentra a Feira de São Cristóvão é seguir em frente, acompanhando o fluxo de pessoas que transita por estas grandes avenidas, tanto os que entram pela entrada da Estátua de Padre Cícero quanto pela entrada da estátua de Luiz Gonzaga acabam se encontrando na Praça dos Repentistas. Ao chegar lá, a tendência é que a pessoa acabe sentindo-se atraído pela música alta que advém de um dos palcos principais, e tenda a seguir em direção a um dos lados da avenida que dá acesso a eles.



---

<sup>29</sup> Na Feira era ao ar livre, destacava-se a antiga “Rua das Carnes”, nas quais as peças encontravam-se expostas.

Logo, se na Feira ao ar livre havia a possibilidade de visitá-la sem necessariamente passar pela região central, hoje isso é praticamente improvável. Há quem visite a Feira e só permaneça nesta região, uma das razões pela qual ela é tida, por assim dizer, a área mais turística da Feira.



**Figura 37:** Grande loja de artesanato localizada na esquina da Praça Catolé da Rocha. (Foto: Aline Nery. Julho de 2010).



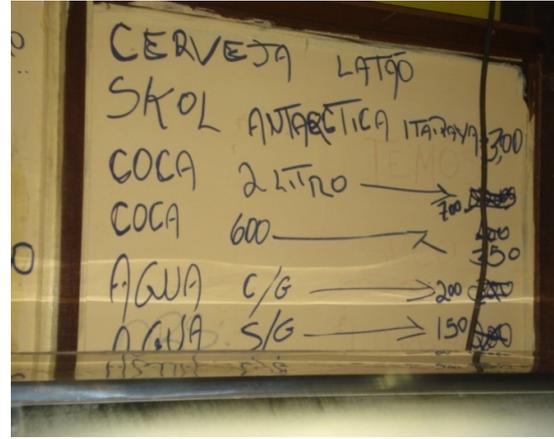
**Figura 38:** Na foto, a tentativa de comunicação com o público. O cartaz em inglês deixa claro a existência de turistas estrangeiros no espaço. (Foto: Aline Nery. Julho de 2010).

A região periférica corresponderia, hoje, às ruas que cercam as duas avenidas principais. É nelas que se encontram as quatro praças do CLGTN, denominadas de “Padre Cícero”, “Frei Damião”, “Mestre Vitalino” e “Câmara Cascudo”. É para elas que se é indicado quando o objetivo é dançar o “autêntico forró pé-de-serra”. Para muitos, ali estaria o “autêntico” forró da Feira. Com atrações fixas geralmente compostas por grupos de forró antigos na Feira, como o de Zé da Onça (mencionado no primeiro capítulo), cujos instrumentos utilizados, em sua maioria, são a sanfona, o triângulo e a zabumba, diferenciam-se dos dois palcos principais que, além das grandes produções e do forró eletrônico, abrigam ritmos diversos. É na região periférica também que costumam se localizar os novos estabelecimentos da Feira, como Casas de Show, Pizarias e Sorveterias, cujos donos são empresários que vem adquirindo pontos no local. Também situam-se ali

pequenas lojas de artesanato, ateliê de arte, barracas de produtos nordestinos, como a famosa tapioca, estabelecimentos que vendem lanches como hambúrguer, suco e mini-pizzas, e diversos restaurantes menores.



**Figura 39:** Área interna do Restaurante “Fome Zero”, localizado em área mais periférica. (Foto: Aline Nery. Julho de 2010).



**Figura 40:** Substituindo o cardápio formal, tabela de preços improvisada afixada na parede. Aqui, a comunicação com um tipo de público que entende estes códigos. (Foto: Aline Nery. Julho de 2010).



**Figura 41:** Barraca de produtos alimentícios nordestinos. (Foto: Flávia Paiva. Junho de 2009).



**Figura 42:** Casa de Shows “Mistura Brasileira”. (Foto: Aline Nery. Julho de 2010).



**Figura 43:** Vista externa do estabelecimento “Recanto dos Maranhenses”. Quando vemos as bandeiras do Brasil e do estado do Maranhão, podemos pensar que uma identidade está sendo articulada ali, ao mesmo tempo que uma distinção: o estado está no Brasil mas ao mesmo tempo se diferencia dos demais estados da federação.

(Foto: Aline Nery. Julho de 2010).



**Figura 44:** Interior do estabelecimento “Recanto dos Maranhenses”.

(Foto: Aline Nery. Julho de 2010).

Máquinas de caraoquês são encontradas em várias barracas localizadas nestas áreas, e constituem opção de lazer bastante comum na Feira. O público varia de crianças a casais de namorados. Geralmente, paga-se cerca de um real ou um real e cinquenta centavos por uma ficha da máquina, que dá direito a cantar uma canção. Catálogos com a lista das músicas disponíveis ficam à disposição para consulta daqueles que almejam cantar ou apenas verificar as opções. O nome dos intérpretes é disposto nestas listas em ordem alfabética, possibilitando que se vá direto à procura do seu cantor preferido. As máquinas possuem geralmente dois microfones, o que possibilita a cantoria em dupla ou até mesmo em grupo. Nestes casos, o microfone é dividido ou revezado entre os participantes.



**Figura 45:** Crianças vendedoras de balas na Feira em momento de descontração no videokê. A dura realidade do trabalho infantil contrasta com a música escolhida por elas: “Um anjo veio me falar”, do grupo teen “Rouge”.  
(Foto: Aline Nery. Julho de 2010).

A região acentuadamente periférica, por vez, corresponderia às ruas que circundam os muros do Pavilhão. É interessante salientar que as ruas vão se estreitando do centro para as extremidades. Logo, estas ruas possuem a aparência de pequenas vielas, sendo também mais escuras que as avenidas das regiões centrais. Nelas localizam-se estabelecimentos como açougues, barracas de ervas medicinais, livraria, lojas de CDs e de artigos nordestinos. A presença maior, no entanto, é de vários bares e restaurantes menores, nos quais a clientela é formada por pessoas que vão à Feira senão todos, quase todos os fins de semana. Cada um destes bares costuma possuir sua aparelhagem de som, o que faz com que o seu interior seja ocupado por muitas pessoas dançando. É comum também a existência de pessoas que “viram a noite” ali. Como a Feira funciona vinte e quatro horas aos finais de semana, dormem nas próprias mesas ou em algum canto, quando bebem em demasia, e emendam com o dia seguinte.

Ao contrário do que acontece na região central, onde o consumo de atrações, bens e serviços voltados ao público parece ser o elemento principal, freqüentar grande parte destes espaços localizados no entorno exige o conhecimento e compartilhamento dos códigos ali existentes. Locais de encontros e reencontros, daqueles que freqüentam a feira há semanas, meses ou anos, não apenas a simplicidade das instalações, em comparação a algumas barracas centrais, exclui determinados tipos de públicos. O desconhecimento dos códigos que regem estes espaços realça a existência de fronteiras morais que delimitam o

“nós” e o “eles”. Observadas de fora por aqueles que com um olhar externo não compartilham dos mesmos códigos, são vistas muitas das vezes, assim como seus frequentadores, com estranheza, deboche ou até mesmo ridicularização.



**Figura 46:** Barraca localizada na região acentuadamente periférica.  
(Foto: Aline Nery. Julho de 2010).



**Figura 47:** Detalhes da barraca ao lado. Destaque para as instalações e os acabamentos.  
(Foto: Aline Nery. Julho de 2010).

Eis aqui um elemento central para a compreensão deste nosso campo de estudo. Muito embora a classificação geográfica estabelecida acima auxilie na apresentação da estrutura do CLGTN, de forma alguma estas três regiões podem ser tomadas como áreas homogêneas. Longe disso, mais importante talvez seja reconhecer que, dentro da Feira há... *várias* Feiras. Mundos distintos coabitando a mesma estrutura física, o Pavilhão de São Cristóvão, separados por fronteiras simbólicas que delimitam a todo momento o “aqui” e o “lá”. Em cada um deles, um tipo de público. Um tipo de uso. Formas distintas de se vivenciar o lazer. Como reflexo da metrópole, que devido às distâncias físicas e morais segregadoras mostra-se como um “mosaico de pequenos mundos que se tocam” (Park, 1916, p.62) e Wirth (1938, p.103), a Feira é também este mosaico, esta junção de pequenos mundos que se diferenciam não apenas fisicamente, mas também moralmente. Percorrer os seus espaços é adentrar em mundos completamente distintos dentro de uma mesma estrutura física, o Pavilhão de São Cristóvão. Há, portanto, diversos mundos dentro de cada uma destas três regiões. Assim, se a Feira é divulgada como um “pedaço do Nordeste” no Rio de Janeiro, ela também é formada por vários “pedaços”, entendidos por Magnani como

“espaços territorial e socialmente definidos por regras, marcas e acontecimentos que os tornam densos de significação, porque constitutivo de relações”. (Magnani, 2003, p.117). Muito embora não faça parte do objetivo atual desta dissertação o desvendamento de algumas das lógicas que regem estes espaços (o que não significa, no entanto, que esta questão não tenha me instigado durante todo o trabalho de campo), é importante que isso fique bem claro enquanto um dos elementos centrais para a compreensão da atual Feira de São Cristóvão.

Por fim, é imprescindível ressaltar um elemento crucial para a dinâmica da Feira de São Cristóvão: a Festa! Não necessariamente a festa atualmente institucionalizada a partir da agenda fixa de shows e atrações. Não. A festa à qual me refiro aqui está ligada à efervescência ressaltada por Durkheim (2003), e reafirmada por Maffesoli (1985), resultante do simples fato da celebração do estar junto. É esta efervescência que faz a Feira de São Cristóvão tão singular, desde seu início. E é ela quem possibilita, mesmo depois das várias transformações resultantes da criação do CLGTN, a existência/sobrevivência de Bernadetes, Carrapetas, Gaúchos, Velhinhos ou “Papagaios de Pirata”, como Araquém. É ela também que permite, através da lógica do pedaço, uma série de inversões hierárquicas, fazendo por exemplo com que Vera Loyola, socialite conhecida na nata carioca, seja alvo de deboche quando Zé da Onça, em seu show, ao ser avisado de sua digníssima presença na Feira, pergunta, ao microfone: “\_Quem? Velha Lorota”?

A festa é o salvo conduto da Feira! Sem ela a Feira não existe, são apenas espaços e produtos. Espaços? Existem outros melhores e com maior infra-estrutura. Produtos nordestinos, ou não, podem ser encontrados em outros locais do Rio. Mas, na medida em que percebemos o espaço como fruto das relações, a Feira se torna única, através dos contatos, encontros e interações estabelecidas em cada um de seus pedaços. E isso, conseqüentemente, acaba contribuindo para que ela se torne cada vez mais turística.

## 5.0. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE O TURISMO NO CENTRO LUIZ GONZAGA DE TRADIÇÕES NORDESTINAS

*Situar-nos, um negócio enervante que só é bem sucedido parcialmente, eis no que consiste a pesquisa etnográfica como experiência pessoal. Tentar formular a base na qual se imagina, sempre excessivamente, estar-se situado, eis no que consiste o texto antropológico como empreendimento científico. Não estamos procurando, pelo menos eu não estou, tomar-nos nativos (em qualquer caso, eis uma palavra comprometida) ou copiá-los. Somente os românticos ou os espíões podem achar isso bom. O que procuramos, no sentido mais amplo do termo, que compreende muito mais do que simplesmente falar, é conversar com eles, o que é muito mais difícil, e não apenas com estranhos, do que se reconhece habitualmente. (Geertz, 1989, p.10).*

### 5.1. O campo – este constante situar-se

A epígrafe acima, de Gertz, resume bem a experiência etnográfica: um constante “situar-se”. Em campo, encontramos-nos diante de uma série de dados fragmentados, cujo sentido nem sempre nos é possível compreender de imediato.

Nossos dois primeiros fins de semana na Feira (seis dias) foram marcados por minha tentativa frustrada de descobrir, a partir da observação, alguma lógica existente no espaço. Lembro-me que certa noite, após cerca de quatro horas percorrendo seus espaços, procuramos um lugar em que pudéssemos descansar, e acabamos estacionando em um pequeno banco de madeira ao lado de um dos palcos principais, próximo à entrada de um dos banheiros. Muito embora as enormes caixas de som ressoassem bem perto de nossos ouvidos a um volume extremamente alto, aquele canto escuro e sujo nos acolhia, e, por irônico que possa parecer, ali era um dos poucos lugares em que podíamos descansar e ficar quietos. O que incluía, inclusive, não sentirmo-nos obrigados a comer nem beber nada, tampouco conversar com garçons, razão pela qual não optamos por um restaurante.

O cansaço se fazia presente, estávamos exaustos. À nossa frente, uma multidão se aglomerava para ver o show de forró eletrônico que estava acontecendo. Enquanto alguns casais dançavam colados, outros faziam coreografias. Quem estava sem par dançava sozinho (independente do gênero), fato extremamente comum ali; afinal, o que vale é a diversão. As barracas localizadas em frente ao palco colocavam baldes com gelo nas mesas e dentro deles um estoque de latinhas de cerveja, possibilitando aos clientes não terem que sair a todo momento para repor a bebida, aproveitando ao máximo o show, e, obviamente,

consumindo mais também. Ao nosso lado, no palco, os dançarinos executavam coreografias de profissionais, vestindo figurinos extremamente justos ao corpo que pareciam ter sido confeccionados especificamente para os shows. Suas expressões demonstravam envolvimento, e a impressão era que dançavam como se estivessem em um show para milhares de pessoas. A Feira estava cheia, e eu, me sentia estranha no meio da multidão.

Não, não era possível observar de dentro de minha barraca, como descreve Evans-Pritchard em sua etnografia “Os Nuer”, todos os movimentos da minha “aldeia”. Aliás, como bem define Magnani (1996, p.20): nada mais distante desta imagem clássica da pesquisa de campo do que “as condições de trabalho de um antropólogo às voltas com as questões e problemas característicos das modernas sociedades urbano-industriais, *cujo campo é a cidade*”. Na Feira, não só é impossível observar esta totalidade como qualquer tentativa de compreensão de algum significado unicamente através da observação incorre no risco de um julgamento equivocado e estereotipado. É preciso ir aos poucos, como já foi dito anteriormente, juntando as peças de um grande quebra-cabeça cujas figuras encontram-se em constante modificação.

A dúvida “com que roupa ir à Feira” estava sempre presente nos dias que antecederiam nossas idas a campo. E, se parece uma dúvida comum ao sexo feminino, nem por isso deixava de ser desgastante. A princípio, influenciada pelas ideias de Malinowski (1984) acerca da necessidade de deixar de lado a máquina fotográfica, lápis e papel por algumas vezes e participar ativamente do que está acontecendo no local, tentava escolher o melhor figurino para me parecer com os frequentadores, a fim de não me destacar. Esse destaque, todavia, era inevitável. Por exemplo: vestir uma roupa “neutra”, à noite, embora “neutra”, destoava perante a maioria das mulheres da minha idade utilizando roupas justas e maquiagem forte. Deveria eu também me vestir com roupas justas e maquiagens fortes? A resposta apareceria logo em seguida, quando ao mudar de “área” na Feira, adentrar um outro “pedaço”, deparava-me com pessoas vestidas de forma completamente diferente. E assim em diante. Foi preciso passar por estas dúvidas para que eu me lembrasse, na prática, que muito mais do que roupas me separam do outro. Comportamentos, falas e gestos naturalizados demarcam a todo momento o “nós” e o “eles”. A situação ocorrida com Hermano Viana (1987), em que ele, propositalmente, tenta utilizar junto aos integrantes do mundo funk as gírias do grupo, nos elucida bem esta discussão:

Uma vez, eu tentei falar como a “rapaziada dos bailes” fala, usando as mesmas gírias, a mesma entonação da voz. Era apenas uma brincadeira, eu queria saber qual seria a reação do DJ Marlboro, a única pessoa que me escutava. Ele caiu na gargalhada. Disse que eu estava querendo me passar por “malandro” e contou o caso para outras pessoas. Era só o que eu precisava ouvir. Todos pensavam, para o meu alívio, que eu devia continuar “diferente”. Qualquer tentativa de ser “igual” era motivo para piada. (Junior, 1987).

Pertencer ao “pedaço”, portanto, vai muito mais além do que simplesmente vestir-se igual aos membros do mesmo, ou tentar falar como eles.

A primeira referência explícita que tivemos sobre turistas nos foi dada pelo senhor Gomes, dono de uma das várias lojas de CDs existentes na Feira, e responsável pela venda antecipada dos ingressos dos grandes shows noturnos. Se eu fosse jornalista, diria que estávamos diante de um “furo” de reportagem, ao sermos informados por ele que um homem de Juiz de Fora havia estado ali na véspera e comprado uma gama de ingressos para trazer à Feira, no Show do cantor Leonardo, vinte ônibus de excursão. Vinícius, como bom matemático, rapidamente fez os cálculos e vimos que se tratava de cerca de mil pessoas. Não acreditava no que eu estava ouvindo. Que sorte, mil pessoas e justamente de Juiz de Fora! Poderia acompanhá-las de ônibus até o Rio, participar de suas conversas, acompanhar seus trajetos na Feira... Estaria eu diante de um exemplo do que Roberto DaMatta (1981, p.170) escreveu em seu diário de campo na pesquisa com os Apinayé: que “os dados... *caem do céu* como pingos de chuva” (...) e “cabe ao etnólogo não só apará-los, como conduzi-los em enxurrada para o oceano das teorias correntes”?

Os dias seguintes foram marcados pelas diversas idas à barraca de senhor Gomes para pegar o telefone do tal homem de Juiz de Fora, como prometido a nós no dia da “revelação”. A cada ida, uma desculpa. Ora senhor Gomes não estava, ora havia esquecido o telefone em casa. Chegou até a me passar seus celulares para que eu lhe telefonasse de Juiz de Fora e ele me passasse o contato por telefone. Liguei no dia combinado, mas ele também não estava com o número em mãos. Paramos de insistir, questionando-nos acerca da veracidade daquela informação. De qualquer forma, embora o desgaste causado por estas idas e vindas, já havíamos garantido nossos ingressos para o show de Leonardo, dali há dois fins de semana, e não correríamos o risco de ter que pagar mais caro na portaria no dia do show, visto que os ingressos promocionais já estavam se esgotando, como nos informara senhor Gomes.

Duas semanas depois, lá estávamos nós. E, embora estivéssemos certos da inveracidade da informação sobre os vinte ônibus, não custava percorrer o estacionamento.

Para nossa total certeza, nada encontrado. Apenas cerca de uns dois ou três ônibus das proximidades da cidade do Rio de Janeiro. E, na portaria, a descoberta de que o valor do ingresso permanecia o mesmo: vinte reais.

Passado o show, percorridas várias partes da Feira e realizadas algumas entrevistas, cujas polêmicas serão trazidas à tona na análise das representações, devia ser por volta das quatro horas da manhã quando, em direção a nosso carro no estacionamento, me deparo com um panfleto no vidro de um dos carros estacionados. Nada de mais, não fosse o aprendizado de que em campo qualquer dado pode ser relevante. Resolvo então parar para saber do que se tratava, e sou surpreendida por seu conteúdo: uma propaganda eleitoral de Marcus Lucena, o gestor do Pavilhão de São Cristóvão, por parte da prefeitura, como candidato a deputado federal. É importante explicitar que, antes da ida a campo, no mês de junho de 2010, havia entrado em contato por telefone com a administração da Feira solicitando algumas entrevistas (dentre elas uma com Marcus Lucena), e fui informada de que ele se encontrava afastado provisoriamente do cargo, pois sairia como candidato nas próximas eleições. Eis que, um mês depois, me deparo com sua propaganda eleitoral. Em mensagem de título “Um Povo Unido é uma Nação”, afirma a necessidade de valorização de iniciativas e políticas públicas voltadas à área cultural, pois “o Rio de Janeiro transpira cultura”:

(...) são “muitas as necessidades da nossa população, especialmente dos migrantes nordestinos que aqui se estabeleceram e eu as conheço e sei que elas podem ser atendidas. Peço seu voto de confiança nessas eleições para me eleger deputado federal e através do meu mandato, levar para o parlamento nacional o debate da situação dos migrantes, suas necessidades especiais e a defesa de toda a população do estado do Rio de Janeiro (...)

No folder, sua foto aparece tendo como pano de fundo a imagem do Pavilhão de São Cristóvão. É interessante, no entanto, atentarmos ao fato de que não apenas o texto vinculado, como também as perspectivas adotadas para a construção visual da arte do folder, revelam uma mensagem de caráter político ideológico. No folder, enquanto o Pavilhão aparece ao fundo e abaixo, a foto de Marcus Lucena ganha destaque em primeiro plano e em uma perspectiva mais alta que o Pavilhão, indicando, imagetivamente/simbolicamente, sua proteção e cuidado, caso venha a ser eleito, para com toda a comunidade nordestina, ali representada pela Feira. Vale observar que, não por acaso, um mês antes ele estampara a capa do Jornal da Feira enquanto o “o líder do movimento que resultou na Lei 2052”, que, ao instituir o Espaço Cultural Rio/Nordeste,

“garantiu a permanência dos nordestinos no Campo de São Cristóvão” (Associação, 2010b).

No decorrer de julho, pudemos presenciar dois outros fatos explicitamente relacionados a políticas eleitorais na Feira de São Cristóvão. Um deles foi quando, ao entrevistarmos uma funcionária da Galeria de Arte do CLGTN, logo em uma das entradas, encontro uma gama de panfletos de Nilton Caldeira, candidato a deputado federal. Quando pergunto do que se tratava, ela me responde que ele era seu cunhado, e que ela garantia: “gente muito honesta”. O outro episódio ocorreu em uma manhã de domingo, quando nos deparamos, próximo das bilheterias, com um grupo de jovens militantes do PSTU distribuindo panfletos do partido àqueles que chegavam. Pergunto a um deles o porquê da escolha da Feira, e obtenho como resposta o fato de ali estar presente grande parte da massa trabalhadora.

Nossas idas à Feira foram marcadas por encontros com alguns trabalhadores que, a cada fim de semana, se nos mostravam mais familiares. Senhor Serafim é o exemplo vivo da quebra de estereótipos. Roupas simples e corpo franzino, discorre com maestria sobre arte, política e história, dentre outros. Dono de um restaurante muito simples no entorno da Feira, onde almoçávamos a fim de nos adequarmos aos recursos financeiros disponíveis para o trabalho de campo, era diante de sua gentileza que eu passava uma série de embaraços. A cada novo encontro, se oferecia gentilmente para fazer para nós na próxima ida à Feira um sarapatel e uma buchada de bode arretada! Era só avisarmos com antecedência que ele capricharia no prato. Todavia, como minha curiosidade gastronômica é bem menor do que o receio de comer bucho de boi, sempre aparecíamos de surpresa, como se nosso cronograma de pesquisa não estivesse pré-estipulado. É ele quem nos explica o que são estes pratos, exemplificando o que responde ao ser indagado pelos turistas sobre eles:

gente que nunca conheceu uma... o que é buchada, eu falo : buchada é o bucho do boi, bucho do asno, entendeu? Ele vem com um arroz gostoso. A aí, sarapatel? Sarapatel é o sangue do porco, picadinho, com tempero... E o que é um baião de dois? Aí eu explico: baião de dois é... o feijão, o arroz misturado, entendeu? Com bastante ... queijo ..em cima. É isso que eles gostam.

Certa vez, fomos convidados por Renata, uma carioca que trabalha em um pequeno restaurante nos arredores de um dos palcos de “fórró- pé-de-serra”, a voltarmos para a comemoração de seu aniversário no dia seguinte. Era uma “surpresa” organizada pelos amigos que fizera na Feira, mas ela estava percebendo a movimentação e já sabia, com

alegria, do acontecimento. Comparecemos na hora marcada, às quatro da tarde do domingo, mas o aniversário foi comemorado na barraca da frente (o que só viemos a saber depois), e, infelizmente, não conseguimos encontrá-la. Em um outro fim de semana, fomos convidados por Márcia (já mencionada anteriormente) a participar do coquetel de inauguração de sua loja. Como não bebemos, comprou-nos um refrigerante em uma barraca ao lado, ofereceu-nos os salgadinhos e convidou-nos a sentar em sua mesa (montada do lado de fora de sua loja, na “rua”), onde ficamos conversando por cerca de uma hora. Na verdade só havia ela e mais duas amigas, e por isso nos sentimos lisonjeados com o convite. Recepções como estas em muito contribuíram para nossa familiarização com a Feira, e compensavam os desgastes do trabalho de campo.

Se situações inesperadas como as acima fazem parte da pesquisa etnográfica, nem sempre, porém, elas são tão agradáveis. Estamos, pois, sempre sujeito aos imprevistos, às situações desconcertantes, às declarações comprometedoras. Faz parte do ofício do antropólogo lidar com o elas no decorrer da etnografia, e talvez seja este um dos aspectos que a torne tão interessante para nós. Na Feira, embora meu objetivo principal fosse perceber como o turismo emerge nas representações sociais dos trabalhadores, dados diversos apareciam a todo instante. Afinal, quando as pessoas falam de turismo, falam também de inúmeras outras coisas, relacionadas ou não entre si. E, dependendo do teor do que dizem, apresentam informações que nem sempre podem, ou devem, ser ditas. Assim, na medida em que a pesquisa etnográfica traz consigo uma intrusão da subjetividade e da carga afetiva, ela permite ao antropólogo o sentimento do tão falado “anthropological blues”, “aqueles aspectos *extraordinários* sempre prontos a emergir em todo o relacionamento humano”, mas que, de certa forma, não estavam sendo esperados (DaMatta, 1981, p.156). No caso desta pesquisa, foi possível senti-lo em diversos momentos.

Talvez o medo tenha sido um dos primeiros aspectos a emergir, vindo à tona em setembro de 2009. Estava em Buenos Aires finalizando a apresentação de meu primeiro artigo sobre a Feira na Reunião de Antropologia do Mercosul, quando recebo um e-mail de Verônica<sup>30</sup>, trabalhadora que eu havia entrevistado três meses antes, em junho, alegando estar preocupada com as declarações por ela fornecidas. Afinal, “você sabe como é o Brasil, né? Há muitas coisas que não podem ser ditas”. Tal situação coloca-me diante do

---

<sup>30</sup> A fim de preservar a identidade de meus interlocutores, seus nomes reais foram substituídos aqui por nomes fictícios.

seguinte questionamento: estaria eu adentrando em universo perigoso, me expondo em um território onde eu não conheço bem as regras? Este medo se fez presente em diversas fases do trabalho de campo. Em algumas entrevistas, gestos de coisas que não podiam ser ditas. Em outras, intrigas políticas. Nos jornais, descobertas de assassinatos de ex-presidentes da Feira. Enfim, não havia como não sentir o tal “anthropological blues”. No decorrer da pesquisa, todavia, ele foi se manifestando de inúmeras outras formas que senão o medo.

Em agosto de 2010, ao fim do trabalho de campo, manifestara-se ele na forma de um imenso cansaço e esgotamento. Ao total, foram cerca de cinqüenta e quatro horas na Feira de São Cristóvão, vivenciadas em nove dias de trabalho de campo (Sem contar o fim de semana de 2009). Cinqüenta e quatro horas de músicas ininterruptas, conflitantes entre si, em um volume exacerbadamente exagerado. Cinqüenta e quatro horas diante de uma gama de estímulos de todas as espécies (sonoros, olfativos, visuais). Ao final, estava saturada. Era preciso parar a fim restaurar as forças para seguir em frente. Me distanciar para poder organizar, de forma lógica, todas as informações obtidas, até então uma série de dados soltos, apontando links frágeis.

Se as descrições efetuadas até aqui, portanto, em algum momento passam a ideia de uma trajetória linear, é importante que fique claro que de linear na pesquisa apenas as idas à Feira. As descrições efetuadas, assim como as análises estabelecidas, são fruto de uma série de experiências como as acima apresentadas. Experiências estas constituídas por idas e vindas; aceites e recusas; informações desencontradas; dúvidas e *insights* constantemente questionados.

As representações que seguem, longe de constituírem um mapa geral da Feira, ajudam-nos a colocar em foco alguns de seus aspectos. Encontram-se ligadas a todo um sistema de valores que organiza, prioriza e exclui, e fazem parte do imaginário de 26 (vinte e seis) trabalhadores da Feira de São Cristóvão. No item seguinte, busco delinear as categorias de pensamento relacionadas à Feira e as estruturas simbólicas que as permeiam, percebendo de que forma o turismo emerge nestas representações.

## 5.2. Desvendando as representações sociais dos trabalhadores sobre a Feira de São Cristóvão - RJ

Ao trazerem à tona aspectos do cotidiano de trabalhadores da Feira de São Cristóvão, as representações sociais analisadas acabam por revelar uma série de aspectos do cotidiano da nossa sociedade, e da vida na grande metrópole

A fim de adentrar neste universo, não só me preocupei em examinar, através da análise etnográfica, o universo estudado, como também resolvi ouvir, através de entrevistas, as opiniões do universo em pauta. Esta resolução, de partir do discurso dos indivíduos,

implica aceitar a sua experiência existencial expressa em suas próprias palavras. Não se trata, inclusive, de ter que cortejar, imediatamente, as respostas dos entrevistados com uma “realidade objetiva” definida *a priori*. A complexificação das Ciências Sociais conduz, necessariamente, à aceitação de diferentes “realidades”, ou “níveis de realidades” correspondentes a diferentes apreensões individuais ou grupais de uma série de dados “brutos”. A descrição etnográfica (...) constitui o pano de fundo para as respostas e entrevistas do universo pesquisado. (Velho, 2002, p.92).

No decorrer de toda a pesquisa, foram entrevistados 26 (vinte e seis) trabalhadores da Feira, sendo que, para a presente análise, considero os dados obtidos em dois momentos distintos: em um final de semana de junho de 2009, quando da pesquisa exploratória realizada, e nos dias de julho de 2010. Destes vinte e seis, dois deles foram entrevistados em ambos os anos.

O universo estudado é composto por:

<b>TOTAL DE TRABALHADORES ENTREVISTADOS</b>	
Número de trabalhadores entrevistados em 2009	11
Número de trabalhadores entrevistados em 2010	15
Número de trabalhadores entrevistados em ambos os anos	2

<b>Sexo</b>	
<b>Feminino</b>	12
<b>Masculino</b>	14

<b>Faixa etária</b>	
<b>Abaixo de 25 anos</b>	5
<b>De 25 a 60 anos</b>	16
<b>Acima de 60 anos</b>	5

<b>Ocupação na Feira</b>	
Ex-presidente	1
Donos de estabelecimentos localizados nas áreas periféricas e semi-periféricas (dentre eles restaurantes, pequeno armazém e loja de roupas infantis)	4
Funcionários de restaurantes localizados no entorno	5
Funcionária de barraca de produtos nordestinos na área central	1
Funcionários de grande loja de artesanato na área central	2
Dona de pequena loja de artesanato no entorno	1
Repentista/ Cordelistas/ Tocador de coco, embolada	3
Artistas plásticos	2
Funcionária do Centro de arte do CLGTN	1
Vendedora de doces em um carrinho estacionado na entrada da Feira	1
Estátua Viva	1
Propagandista Ambulante	1
Vendedora de Balões	1
Gari	1

Minha intenção é perceber como estes trabalhadores da Feira ordenam e sistematizam o seu mundo social, pois “o que importa ao olhar antropológico não é apenas o reconhecimento e registro da diversidade cultural... mas também a busca do significado de tais comportamentos”. (Magnani, 1996). Siqueira (2008, p.07) atenta-nos para o fato de que “vivemos em um universo simbólico, de significados que são compartilhados, interpretados e negociados a todo instante”. Logo, “sentido e significado não nos são dados do exterior prontos e acabados” (p.05).

Os dados analisados referem-se única e exclusivamente ao universo estudado. No entanto, é importante ressaltar que em nenhum momento estou sugerindo que estes trabalhadores pensem ou ajam como grupo, mas sim que utilizam categorias construídas coletivamente, o que faz com que suas representações coincidam em alguns aspectos. São estes aspectos, portanto, que busco abordar.

Faz-se de extrema importância ressaltar que as abordagens em junho de 2009 e julho de 2010 foram distintas. Em 2009, a intenção da pesquisa exploratória era perceber alguns dos significados da Feira para alguns de seus trabalhadores. Para tanto, as entrevistas pautaram-se basicamente na seguinte pergunta: “o que a Feira significa para você”? Em 2010, todavia, as entrevistas foram realizadas sem nenhum roteiro pré-estipulado, a fim de perceber que aspectos emergiriam. O objetivo era que os trabalhadores pudessem falar um pouco sobre si, sobre o “estar na Feira”. E então, perceber que aspectos eram mencionados.

O quadro abaixo resume as categorias encontradas, a frequência com que apareceram e uma frase que as representa, aqui denominada como “frase típica”. Foi elaborado a partir do modelo utilizado por Gilberto Velho (2002) em “A Utopia Urbana”, com a diferença de que aqui as categorias não são denominadas “unidades mínimas ideológicas”, como faz o autor, na medida em que não trabalho necessariamente com opostos, ou contrastes, como Velho (2002) o faz<sup>31</sup>.

Quando de dois ou mais pontos de vista distintos repetidos, opto pela explanação de mais de uma frase típica, a fim de representar a todos. Para que possa ficar clara a quantidade de vezes que cada categoria emergiu, inclusive separadamente, ou seja, em cada ano, abaixo do número em negrito do item frequência há dois números, entre parentes. O primeiro refere-se à frequência com que tal categoria apareceu nas entrevistas em 2009, e o segundo a frequência das mesmas em 2010. Para fins analíticos, opto por não traçar uma distinção entre os dois anos. Vejamos:

---

<sup>31</sup> Para ele, as “unidades mínimas ideológicas não têm um significado em si, mas só à medida em que se opõem a outras categorias é que podemos situá-las”. (Velho, 2002, p. 67).

## QUADRO RESUMO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

<b>CATEGORIA</b>	<b>FREQUÊNCIA</b>	<b>FRASE TÍPICA</b>
Cultura Nordestina	<b>6</b> (2 e 4)	“Eu me sinto bem porque é a cultura que eu sempre vivi”.
Emoção	<b>2</b> (2 e 0)	“Eu me emociono... a emoção é a coisa que alavanca a vida”
Amigos	<b>5</b> (3 e 2)	“Os amigos quando se ausentam daqui, a pessoa sente-se isolado, sem se encontrar com seus amigos, contato com a música nordestina...”
Trabalho	<b>10</b> (6 e 4)	“É importante porque o pessoal dá espaço pra gente, pra gente ganhar nosso dinheiro... Sem isso a gente não pode sobreviver...”
Luta	<b>4</b> (2 e 2)	“Pra mim foi a melhor coisa que teve na minha vida. Eu vim do Nordeste, eu, meus três filhos e meu marido, no maior perreio da vida”...
Autenticidade	<b>4</b> (4 e 0)	“Significa um pedaço da minha terra, mas agora tá perdendo toda a autenticidade, perde todas as características”.
Tradição	<b>6</b> (1 e 5)	“eles curte muito a nossa tradição nordestina...” “(…) aqui tem mais, tá escrito: Centro de Tradições Nordestinas. Mas... tá fugindo muito da tradição...”
Como a cidade	<b>4</b> (2 e 2)	“Tamo cercado de certas coisas desagradáveis mas... tem em tudo quanto é lugar. Violência, por exemplo, tortura nós e... “comprica”, né?”
Turismo/turistas	<b>18</b> (1 e 17)	“(…) aqui vem gente de todos os lugares... entendeu? Vem gente do mundo inteiro...”
Diversão	<b>3</b> (2 e 1)	“Aqui você trabalha e se diverte”.
Mudanças	<b>5</b> (0 e 5)	“É... quase a mesma coisa. Lá fora era mal... organizado, porque não tinha... a higiene era muito... porco, né? Aqui é tudo muito mais organizado, tem mais higiene, tem segurança, as pessoas podem entrar tranquilas, né?” “Porque lá fora não tinha tanto custo igual a gente tem aqui dentro, entendeu?”
Shows	<b>5</b> (0 e 5)	“Hoje aqui também, eu acho que tá melhor, porque lá fora a coisa mais difícil era a gente poder ir num show, né?” “Esses shows que eles tão fazendo aqui tão matando a Feira. Só é bom para os grandes”.

Como é possível perceber, algumas categorias emergem com mais força em 2009, relacionadas aos significados da Feira para o grupo de entrevistados, e outras com mais força em 2010. Há também aquelas que só aparecem em um dos anos. É interessante destacar que embora estes trabalhadores falassem sobre tradição, cultura nordestina e autenticidade, o tema “turismo” ou “turistas”, mais especificamente, só era trazido à tona quando diante de um certo estímulo. Quando, por exemplo, eu perguntava se a Feira era freqüentada por muitas pessoas. O que é diferente do fato dele emergir naturalmente nos discursos dos entrevistados. Assim, explicitadas estas questões, passemos agora para a análise das representações.

O fato de estar fora de seu local de origem é ressaltado por grande parte dos trabalhadores da Feira de São Cristóvão, a maioria nordestinos que migraram para o Rio de Janeiro. Nesta perspectiva, a Feira possibilita uma identificação com a cultura nativa, ocasionando uma sensação de pertencimento mesmo longe da terra natal. É o local onde o nordestino pode ser ele mesmo – rir, dançar, encontrar os amigos... comer farinha e carne de sol em meio a uma conversa onde predomina o sotaque nordestino sem ser alvo de ridicularização e preconceitos<sup>32</sup>.

É muito importante porque me reativa as raízes. Tô fora há muitos anos... você vai perdendo o convívio, o sotaque... Aqui a gente tem essa liberdade de curtir as coisas da cultura da região, reencontra amigos e pessoas da região...

Minha família é pernambucana. Eu me sinto bem porque é a cultura que eu sempre vivi.

Quando a saudade aperta, é ali que o nordestino pode saciá-la:

(...) a nível de Rio de Janeiro, a nível de Estado, O Centro de Tradições Nordestinas Luiz Gonzaga é o reduto do nordestino no Rio de Janeiro. Então, quando ele sente saudade, de uma culinária, de uma música, de um folclore, regional, a única opção é a Feira de São Cristóvão. Porque é aqui que ele encontra todos os itens que completam ele; que o preenchem ou que o confortam.

(...) É no caso da música, dos costumes, do hábito, da culinária... Da vida em geral, aqui é 100%. (...) Quando a saudade aperta o torrão a gente... recorre aqui que é um... reduto nosso.

---

<sup>32</sup> A Feira de São Cristóvão também é conhecida pelos cariocas como “Feira dos Paraibas”.

(...) Encontrando não apenas elementos típicos da cultura nordestina, mas também amigos e conterrâneos:

(...) é mais um encontro aqui, da ...do pessoal. Que eu sou cearense, minha esposa é capixaba, Cachoeiro de Itapemirim. (...) Aqui também a gente... quer dizer, se sente no meio do... nosso povo, não é?

(...) É o ponto de encontro aqui... É ué, aqui é o ponto de encontro do nordeste todo. É Pará, Maranhão, todo o nordeste, Bahia, tudo aqui tem o ponto... tem a casa que vende as coisa do lugar. Aqui tem a casa do Pará, da Bahia, Maranhão... Tem a música regional, tem tudo aqui. Então ...

Estar fora, ser um imigrante, contrapõe-se a ser um morador nativo, um carioca, com valores e modos de agir específicos. A insegurança e a sensação de estar diante de hábitos culturais diversos do seu são amenizadas em um espaço onde o “sentir-se em casa” não se encontra relacionado especificamente ao território geográfico, mas sim ao compartilhamento de valores e costumes. Esta sensação de pertencimento é essencial na valoração atribuída à Feira pelos trabalhadores nordestinos:

A Feira é tudo na vida da gente, principalmente pra gente que é nordestino...

Pra mim foi a melhor coisa que teve na minha vida. Eu vim do Nordeste, eu, meus três filhos e meu marido, no maior *perreio* da vida...

Significa um pedaço da minha terra...

Estar na Feira significa sentir-se em um pedaço de sua terra, ter uma referência no Rio de Janeiro. A segurança afetiva que a Feira oferece pode ser claramente percebida no discurso a seguir, onde o entrevistado compara-a a sua própria mãe: “A Feira significa uma importância muito grande, *como se fosse minha mãe*... sem ela eu não vou conseguir sobreviver”.

Confesso que a princípio não entendi muito bem a comparação efetuada. Como a feira poderia estar relacionada à figura materna? O interessante é que este trabalhador continuou sua fala sem se preocupar em fornecer-me explicações sob este aspecto, visto trata-se de uma correlação natural para ele. Não é preciso explicar porque nossa mãe representa muito para nós, fica subentendido. O mesmo acontece com a Feira. Apenas fui compreender o sentido desta afirmação ao perguntá-lo de seu significado, no que obtive a seguinte resposta:

É igual nossa mãe porque abaixo de Deus eu penso que é nossa mãe... e abaixo de Deus só a Feira... porque se me tirar da Feira e eu tiver que voltar...

É estabelecida uma hierarquia entre Deus, quem está cima de tudo, e nossa mãe, quem abaixo de Deus possui maior importância na nossa vida, segundo ele. Deste modo, comparar a Feira à mãe significa colocá-la no patamar máximo de uma escala de valores, onde acima dela encontra-se apenas Deus, em sua posição fixa de soberano. Tal afirmação permite-nos pensar a mãe também sob o aspecto do acolhimento e proteção. Sob esta ótica, a segurança simbólica do “estar dentro da Feira” se opõe à insegurança do “estar fora dela”. Estar na Feira é sentir-se seguro e amparado dentro da cidade grande e longe de sua terra de origem.

A formação de um ciclo de amizades é ressaltada por vários entrevistados como uma característica marcante da Feira. O mesmo senhor que efetuou a comparação acima nos deu exemplos de amigos que se ausentaram do local por um tempo e “se sentiram isolados”:

Os amigos quando se ausentam daqui, a pessoa sente-se isolado, sem se encontrar com seus amigos, contato com a música nordestina...

Aqui a gente tem um ponto de referência... Vai se formando um ciclo de amizades...

É tudo nova, mesmo assim a gente ... é, já fez amizade. A Regina não veio hoje, que é do artesanato, muito legal ela, entendeu?

Eu vivo sozinho mas eu vivo feliz... tenho contato com muita gente que preenche esse vazio...

O fato de ter amigos na Feira possibilita o afastamento do sentimento de solidão; permite que a pessoa não se sinta sozinha mesmo vivendo sozinha, por ter contato com outras pessoas que preenchem “este vazio”. São criados vínculos afetivos entre os que ali trabalham e freqüentam.

(...) o pessoal é muito bacana (...) Aí as pessoas se conhecem, se abraçam, é aniversário traz presente, e... vão brincar, e tal.. já virou uma família. Eu acho que eu me sinto melhor aqui do que em casa (...) Aqui praticamente um conhece o outro, você vai andando daqui ali um barraqueiro: oi, tudo bem, como e que vai? Fica uma amizade já (...) pra mim... é a minha segunda casa. Minha família.

A feira hoje mesmo que eu não venha cantar tenho que vir... me acostumei...

Muitos filhos de trabalhadores da Feira cresceram no local, tornando-se alguns deles comerciantes ali também. A categoria família encontra-se estritamente relacionada ao espaço, sendo, para alguns, fator responsável pela permanência no local, como se pode observar no depoimento abaixo:

Eu só tô aqui porque meus filhos estão aqui. Aí meu marido já faleceu... Vou deixar meus filhos aqui? Eu amo meus filhos! Eu sou muito feliz, tem muita felicidade com os meus filhos. Ele tem bar aqui também...<sup>33</sup>

Outro trabalhador, senhor Edilson, nos conta com orgulho do fato de seus filhos terem sido criados ali, e de seus netos serem fruto da Feira. O namoro de sua filha, que redundou em um casamento, exemplifica bem os depoimentos acima, ao elucidar as inúmeras relações estabelecidas na Feira.

Nasceu aí na feira aí... Tem retrato dele dando banho em cima da bancada lá fora... A minha filha casou aqui na Feira... É...começou a namorar ... Aí, é da feira aí também ó!... Essa aí já é... já é cria da Feira as duas aí ó!

Trabalho, amizade, namoro e diversão, não necessariamente caminham separados, e fazem parte de toda uma rede de sociabilidade estabelecida.

A referência à Feira enquanto local de trabalho é efetuada em vários depoimentos. Neles, o trabalho geralmente encontra-se associado à luta, ao sustento e à *sobrevivência*. Não é tão simples viver; muitas vezes é necessário sobreviver. Trabalhar na Feira é visto freqüentemente como uma forma de sobrevivência:

É importante porque o pessoal dá espaço pra gente, pra gente ganhar nosso dinheiro... Sem isso a gente não pode sobreviver. Nossa profissão é isso, fazer o povo rir... Aqui é o Centro da Tradição Nordestina, é onde apóia o repentista, o cantador de coco, embolada.

Eu sô piauiense. Do Piauí. E é isso. Só o que eu tenho que dizer é que a Feira pra mim é... é tudo, por que daqui é que eu... eu... tenho o meu salário, o meu trabalho é aqui... e daqui é da onde eu sobrevivo...

---

<sup>33</sup>Esta trabalhadora vive na Feira de sexta-feira a domingo, os três dias em que trabalha no local. Toma banho na barraca de seu filho, que possui banheiro, e utiliza a sua própria barraca como dormitório, estendendo um colchonete no chão. Durante os fins de semana, a Feira inicia-se a partir das 18h da sexta-feira e só termina às 00h da segunda-feira.

A Feira é meu meio de vida. Trabalho aqui há seis anos. Trabalhava eu e meu marido mas ele faleceu ano passado, aí ficou eu e minha filha. Meu sustento eu ganho aqui, porque eu não tenho outra renda.

(...) além de ganhar nosso dinheiro, melhorar nosso orçamento, né?

Eu gosto muito da Feira, eu acho que a Feira graças a Deus me deu tudo o que eu tenho hoje... É um pouco puxado porque é sexta, sábado e domingo. Aí você perde praticamente festa, você perde tudo... mas, ganha de um lado e perde do outro.

Isso eu já sou batalhadora, peguei na enxada, e muita coisa... É então com eu te falo, então, não tenho muito estudo, mas aí... como eu te falo. É, eu tô aqui, “devagarinho”, com... as minhas coisa tudo em dia aqui, conta...com esse trabalhinho aqui simples eu pago as minhas continha, meu condomínio, entendeu? Pago meu INSS, que eu tô quase já no final pra me aposentar, e aí ...então é isso!

(...) Afinal, é ali que se ganha “o pão de cada dia”:

Sabe porque a Feira representa muita coisa? Porque é aqui que a gente ganha o pão de cada dia.

A música faz com que a gente se sinta bem, atuante, ganhando o pão de cada dia...

Trabalhar, embora também ocasione alegria e felicidade, não é algo fácil, é uma *luta* diária. Exige coragem - logo, não é para todos, apenas para os corajosos.

Trabalho é uma palavra que não é muito boa, porque tem que ter coragem...

Trabalho aqui há 30 anos. Muita alegria, muita felicidade e muita luta a cada dia. Pra depois conseguir a vitória abençoada.

Mas não se pode abandonar a luta.

Pra mim foi a melhor coisa que teve na minha vida. Eu vim do Nordeste, eu, meus três filhos e meu marido, no maior perreio da vida... Sou de Crato, perto de Joazeiro do Norte.

Não, não, sabe que que acontece? O que faz eu é o sofrimento. Eu sou uma pessoa muito sofrida mas graças a Deus tô de bem com a vida (...) Eu acredito em Deus, e pelo fato “deu creditar” tanto em Deus é que eu tô de bem com a vida.

Muita coisa, eu tava aqui já, lutando... mas tinha objetivo, né? Eu lutei muito, muito, muito...

O binômio emprego/desemprego pode, neste caso, ser tomado em oposição ao binômio coragem/covardia. Do mesmo modo, também é possível associá-lo ao fato de se estar na Feira ou não. Para muitos, a Feira é tomada como “tudo” o que possuem; vista como a *única* alternativa de emprego, fora da qual eles não vêem perspectiva:

Porque se ela acabar vai ficar muita gente desempregada... principalmente nordestino.

É um cabide de emprego, muitas famílias dependem daqui. Milhares de famílias dependem daqui.

Sem ela eu não vou conseguir sobreviver.

Se não fosse isso aqui tava ruim, depois que você completa quarenta, trinta e seis anos, é difícil arrumar emprego. Ainda mais quem não tem uma profissão.

Neste último relato, a trabalhadora argumenta sobre a dificuldade de se conseguir emprego depois de certa idade, pois “em uma seleção acabam escolhendo as mais novas”. Relata também a dificuldade de não se ter uma profissão. A seu ver, os cursos oferecidos por órgãos como o SINE<sup>34</sup> são “só para enganar”, pois não há como aprender uma profissão no curto espaço de tempo do curso. Ela também relaciona a questão do preconceito para com pessoas obesas à dificuldade de se obter emprego:

Mas tem também... sabe como é.. preconceito com quem tá acima do peso... é... porque fala que tem mais problema de pressão, colesterol... Vai um dia nesses lugares que dá trabalho como o SINE pra você ver o preconceito.

Na fala desta trabalhadora, verifica-se a correlação de aspectos como emprego/desemprego, qualificação/desqualificação e preconceito/justiça. As ideias correlacionadas mostram que, nesta linha discursiva, a Feira se apresenta como mais do que o local onde a trabalhadora “tira” o seu sustento, visto não possuir outra renda e seu

---

<sup>34</sup>Sistema Nacional de Empregos.

marido já ter falecido. É o local que a aceita e permite-a trabalhar da forma como ela é, mesmo não tendo uma profissão<sup>35</sup> e estando acima do peso.

Sentimento diferente é expresso por um senhor que atua como gari no local, para quem a Feira é um local difícil de se trabalhar, devido à quantidade de pessoas e ao barulho em excesso<sup>36</sup>:

Trabalhar aqui é bravo. Cheio de gente e carregando o carrinho... A gente trabalhava três vezes por semana, doze horas por dia para ganhar R\$ 150,00. Agora a gente só trabalha dois dias, e ganha R\$ 100,00. É muito pouco... Falta dois anos pra eu aposentar.

Esta perspectiva mostra um olhar de quem não se sente bem no local, pois além do trabalho ser difícil a remuneração é baixa. O “trabalhar muito e ganhar pouco” conduz a uma insatisfação perceptível em seus momentos de trabalho na Feira, bem como na ânsia pela aposentadoria.

Em uma outra linha de representações, a parte humana é ressaltada como um componente extremamente positivo do “trabalhar na Feira”.

Aqui passa de tudo... de empregados a financeiros... é muito bom, faz a gente melhorar muito como pessoa.

A gente conhece desde os poetas até os mendigos que ficam apreciando os quadros...

E aqui, é isso que você vê, é... aqui é isso que você vê é forró... entendeu, é música regional, comidas regionais... é o calor humano.. que nos falta da Terra...

Conhecer pessoas diferentes, de diversas camadas sociais, compartilhar suas histórias de vida, valores e anseios comuns, permite que a Feira se torne muito mais do que um local de trabalho. A Feira de São Cristóvão constitui um local onde laços afetivos são construídos e emoções são compartilhadas a todo o momento.

Eu me emociono... a emoção é a coisa que alavanca a vida... anos e anos... a importância desse povo nordestino que andou esquecido...

Teve um poeta que fez a gente chorar esses dias... Tem coisa muito boa que a gente encontra aqui, em relação à parte humana...

---

<sup>35</sup>Entendida neste caso como uma formação específica.

<sup>36</sup>“Eu não gosto da música não, muito alto. Eu que não escuto direito não agüento chegar perto”.

O que tem de coisa engraçada... a gente tá fazendo um site aonde vamos colocar esses casos engraçados...

Aqui você trabalha e se diverte...

Não tenho muito dinheiro não mas eu me divirto. Me divirto com a vida dos outros. Não sô fofoquera, entendeu... Ai, mas é isso aí, gente... A gente dança forró, a gente escuta piada, a gente faz de tudo um pouco...

O rir e o chorar são emoções que fazem parte do cotidiano da Feira. Decorrentes das interações sociais estabelecidas, possibilitam o acionamento de códigos associados a universos simbólicos diferentes, através dos quais os indivíduos se reconstroem constantemente. (Velho, 1994).

Um outro aspecto mencionado diz respeito à Feira como espaço de promoção da cultura nordestina e brasileira:

Pra mim é a continuação de um trabalho, promover a cultura do Brasil mesmo dentro do Brasil.

Para mim é uma tentativa de trazer a cultura nordestina aqui. Quando chega aqui é um caldeirão.

Em relação à cultura nordestina na Feira, diversos são os pontos de vista. Alguns associam a “entrada” da Feira para dentro do Pavilhão como algo que a descaracterizou, ao torná-la mais parecida com um shopping popular. Outros mencionam os shows organizados pela prefeitura como atrações meramente comerciais, que não representam o “autêntico” universo nordestino<sup>37</sup>. O autêntico é freqüentemente tomado em relação *ao que era antes*.

A Feira hoje tá perdendo a característica. A Feira tá virando um show de forró-bunda. A Feira tá se perdendo dessa cultura, tá uma cultura comercial, não tá uma cultura tão pura. Depois que veio aqui para dentro perdeu a característica.

Aqui é um shopping popular. Tem pouca coisa do Nordeste e tá uma cultura muito pouca.

Era essencialmente nordestina. Aquela essência natural perdeu um pouco.

O que era pra ser uma feira no final de contas não ficou feira, não ficou shopping, não ficou nada...

---

<sup>37</sup>“(…) mas agora tá perdendo toda a autenticidade, perde todas as características...”.

Significa um pedaço da minha terra, mas agora tá perdendo toda a autenticidade, perde todas as características.

A perda desta tradição também aparece relacionada à chegada de novos comerciantes, que, por não serem nordestinos, possuem valores muito distintos. Na fala da trabalhadora abaixo, esta invasão de espaço é aceita pelo fato de vivermos “em um mundo livre”. Todavia, não deixa de ser conflituosa:

(...) Aí vai vindo outras pessoas, que não é da tradição da Feira, que... por exemplo, que não é da tradição da Feira, que não é aquele nordestino antigo... E... começa a vir muita gente que às vezes num... tá sendo da cultura normalmente nordestina... Vem muita gente... entendeu? Tem muita barraca, tem muita gente aqui que às vezes a cultura é outra, é outro, é outro processo de trabalho e... ele se entrega, quer se meter no meio de nós, né? Nós que somos nordestino mesmo, arretado de lá do nordeste, e aí... fazer o que, né? A gente num pode proibir, o mundo é livre, nós vive em uma cadeia... livre.

Renata, carioca que trabalha em um pequeno restaurante, nos revela sua indignação quanto a existência de uma boate na Feira, fechada recentemente. Tal fato seria incompatível em um Centro de Tradições Nordestinas, e constrangeria a alguns tipos de públicos, como o casal de idosos por ela citados:

Aqui, geralmente, vou dizer a verdade pra vocês... aqui tem mais, tá escrito: Centro de Tradições Nordestinas. Mas... tá fugindo muito da tradição (...) Muito... Ó, você vê, ali, tinha uma boate, fecharam (...) Ué, o que é que acontece numa boate? Mulheres... stripper... sério, boate. Tinha... Fecharam (...) porque, não existe, gente... pô, é família, aqui vem família, pô, tem uma senhora que ela tá aqui toda semana, de 83 anos... é lindo ela dançando aí... aí ela chega... aí daqui a dez minutos vem o marido dela atrás dela, outro velhinho, branquinho, cara, é lindo... Aí chega, eles chegam na entrada, aí vê um.. ah... (se referindo à boate), não pode... Aí a pessoa sente... envergonhada, é... aí, fecharam.

O interessante é que tal incompatibilidade em relação ao que deve ou não figurar em um Centro de Tradições Nordestinas não é percebida na existência da nova casa de shows inaugurada, Majestade Show, que possui o ritmo funk em algumas das atrações. Muito pelo contrário; a ela, se dá uma valorização positiva.

Agora essa Majestade aí dizem que é boa. Toca funk, todos os ritmo, até forró também toca, então é boa... pô, chegou um baiano aí outro dia: “onde é que eu posso encontrar um funk... funk carioca aqui na Feira tem”? Até tem... E ele: “não, tipo assim, negócio de baile funk”... Tem... mas tem parecido... aí tem ali uma boate que abriu agora, se chama Majestade, aí é... baile funk também.

Este exemplo elucidava bem o que Velho (1994) nos diz sobre as representações sociais: que elas, enquanto dimensões da vida social, encontram-se associadas a todo um sistema de crenças e valores que juntam a sociedade. Para Renata, carioca e moradora de uma favela no Rio de Janeiro, não há nada de mais em se ter uma boate funk na Feira. Isso não impede, todavia, que ela ache imoral um boate de stripper ali.

Se a feira de São Cristóvão é marcada (e sempre foi) pela diversidade, e se esta diversidade atualmente permite a coexistência de vários tipos de atrações e estabelecimentos distintos, dentro da nova lógica imobiliária estabelecida no CLGTN, nem por isso deixa de haver uma hierarquia, na qual algumas manifestações são tomadas como mais autênticas que as outras. É o caso do repente e do cordel, que ganharam no Centro Luiz Gonzaga papel de destaque em um praça central, e do reggae, enquanto representante do estado do Maranhão. No discurso abaixo, admite-se a existência do funk na Feira, porém destaca-se o reggae. Mesmo na prática a boate que toca funk sendo maior do que o Club do Reggae ou a Boate “Recanto dos Maranhense”:

Tem funk aqui na Feira, mas o com acentuação muito grande é o reggae... É... “Divido” à tradição maranhense... O reduto do regue no Brasil é Maranhão, “divido” à colonização, né?

Certas incoerências encontram-se presentes nos depoimentos de vários trabalhadores, como pode-se perceber na fala abaixo:

(...) e tem também os antigos que não deixa a Feira crescer... eles tem a sua barraca mas montam a sua de madeira dentro dela... Tem que melhorar a tradição e a cultura.

Ao mesmo tempo em que este trabalhador afirma a necessidade de se melhorar a tradição e a cultura, a fim de deixar a Feira crescer, critica aqueles trabalhadores antigos, que, em uma postura conservadora, teimam em manter suas antigas barracas de madeira, desmontáveis, dentro das estruturas fixas planejadas para o Centro Luiz Gonzaga de Tradição Nordestina.

É importante destacarmos que a ideia de tradição é central. Afinal, ela faz parte da razão de ser da Feira, e, atualmente, é o que sustenta, simbolicamente, a existência de um Centro de Tradições Nordestinas. Na medida em que a Feira é institucionalizada, com a criação do CLGTN, é ela o produto turístico a ser comercializado. A escolha do próprio

nome, “Centro Luiz Gonzaga de *Tradições Nordestinas*”, em oposição a outros sugeridos, já indica a articulação presente nesta ideia:

(...) Centro Luiz Gonzaga de tradições Nordestina, ela foi... desde lá de fora, em 2002, nós fizemos... uma pesquisa entre os feirante, uma votação entre os feirante em 2002, antes de inaugurar a Feira, é... qual o nome seria... do espaço. Nós botamo vários nome, botamo é .. é... centro...tradições nordestina, botamo é...se eu não me engano foi... Jacks do Pandeiro, votaram João do Vale, botamos figuras tradicionais do nordeste. Se eu não me engano até o nome Xivuca... nosso cantor Xivuca foi citado também. Mas o nome que acharam... mais adequado é pra Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestina . Que Luiz Gonzaga era o rei de baião, então o rei de baião... nois “demo” referência... como o rei de baião Luiz Gonzaga . Você vê que na entrada principal hoje nossa nós temos a “image” de Luiz Gonzaga, entendeu? (Alex, ex-presidente do CLGTN).

Na fala acima, não é explicitado “quem achou mais adequado” este nome. No entanto, percebe-se claramente que há grupos ou atores que têm interesse em elaborar, manter ou sustentar e reproduzir esse discurso da tradição, que encontra-se no centro dos discursos com fins turísticos. Os depoimentos trazidos à tona nos mostram uma diversidade de formas através das quais ela se apresenta, na medida em que possui significados muito distintos para os trabalhadores. Alguns trabalhadores entrevistados aderem a ele, por motivos que lhes são próprios. Outros podem ou não aderir. O importante, porém, é ressaltar que se ele existe é porque ele traduz interesses.

Alex relaciona a atração que a Feira exerce ao fato de ela já ser uma tradição no Rio de Janeiro. A ideia de tradição é agora articulada às vantagens comparativas do novo espaço (local fechado, segurança, estacionamento...), em um discurso que se assemelha aos do poder público municipal na época da criação do Centro Luiz Gonzaga.

(...) porque a Feira já é tradição no Rio de Janeiro, a Feira é tradição. Muitas pessoas já vem de outras festa pra feira, por que elas “sabe” que a feira está aberta 72 horas no ar (...) Tem gente que às vezes vem de casamento pra cá. Eles vem arrumado social, sai do casamento e vem direto pra Feira. Pro “cê” ver, vem de roupa de casamento, roupa social, vem pra cá... é tradição das pessoas, e elas sabem que a Feira tá aberta, elas vai curti a noitada, já trabalha a semana toda, pra distrai... então ela vem pra Feira de São Cristóvão... é um local fechado, um local com segurança, um local que nos temos 900 vaga ao redor, no entorno do pavilhão...

No entanto, algo diferente é expresso ao se contrapor a participação (presença física) nas atrações ocorridas na Feira com a postura do telespectador que assiste tudo apenas pela televisão.

Agora é que a prefeitura ta abrindo mais show, porque a população ficava mais na televisão, que às vezes é tudo deturpado...

Verifica-se, neste caso, um deslocamento no eixo referente à autenticidade. Autêntico passa a significar o que *ocorre ali*, não importando se são atrações meramente comerciais. A televisão deturpa, ao contrário da vivência *in loco*, que mostra a realidade como ela é.

Com relação a estes grandes shows que vêm sendo realizados na Feira, por empresas particulares, há uma série de opiniões diversas e conflitantes em jogo. De um lado, encontram-se aqueles trabalhadores que os vêem de forma positiva.

Mas é muito bom, aqui é muito bom. Aqui temos show, a semana passada tivemos José Augusto, a Roberta Miranda vai vir o mês que vem... É um potencial muito grande a Feira.

Leonardo vem fazer um show aqui agora, dia 23, vai, aproximadamente, quarenta e cinco mil pessoas. Quarenta mil é nordestinas.

Para Aparecida, que trabalha em uma barraca de gêneros alimentícios característicos do Nordeste, é a possibilidade que eles têm de assistirem a um show. Eles também aumentariam a visibilidade da Feira, o que é algo bom:

Hoje aqui também, eu acho que tá melhor, porque lá fora a coisa mais difícil era a gente ir num show, né? As pessoa tinha até vontade de conhecer um... cantor, famoso... Hoje aqui é o que nós, vê mais, né, porque graças a Deus é sempre que tá acontecendo, na próxima semana mesmo vai ter Leonardo aqui... é, é só o que o pessoal fala, e... vai continuar pra frente, ter mais... cantor pra frente, né? Mais shows, vai ter... E aí... depois que passou aqui pra dentro ficou mais... melhor, a fama da Feira aumentou cada vez mais, o sucesso, né?

Para outros trabalhadores, no entanto, a conotação dada é extremamente negativa. Isto ocorre devido ao fato acreditarem que estes shows só beneficiam a alguns empresários, geralmente os que possuem estabelecimentos nas áreas centrais. E que eles seriam os responsáveis pelo “fim” da feira nas noites de show, para alguns comerciantes:

Esses shows que eles tão fazendo aqui tão matando a Feira. Só é bom para os grandes.

Feira hoje na sexta quase não tem mais. (...) /É, mas a gente vem pra tentar salvar o que dá, né?

As pessoas que iriam à Feira nas noites de shows, geralmente nos finais de semana, iriam especificamente para assistir às atrações, que acontecem em um dos palcos principais. Desta forma, não freqüentariam as demais áreas da Feira, visto situarem-se longe dos palcos onde estes ocorrem. Como estes shows são organizados por empresas privadas, que lucram com a venda dos ingressos, estas atrações também acabariam excluindo o público que ia à Feira à noite para comprar produtos alimentícios, como a goma, utilizada para o preparo da tapioca, ou queijos, farinhas e etc.

(...) Por exemplo, ontem foi o show do Leonardo, né? Só de ingresso antecipado foram vendidos quinze mil, ingressos. Fora os outros. Lotou, se você chegasse aqui na minha loja ontem você ia ver que tinha... Era como se fosse duas feiras, uma separada da outra. Porque naquela principal não dava pra andar e aqui tava deserto, entendeu? Então, prejudica muito os pequenos também, que só tem essas barracquinhas de comida. Só quem sai ganhando é os grandes restaurante. Entendeu?... É isso.

Pudemos presenciar esta situação no decorrer do trabalho de campo. A entrada, que em dias comuns custa R\$ 2,00, nestes dias pode chegar a custar até R\$ 20,00 (ou mais, dependendo da atração). Os ingressos, desta forma, acabam funcionando como um filtro social, determinando quem entra e quem não entra nestes dias. Se a criação do CLGTN estabeleceu, ou reforçou, a divisão espacial em áreas centrais e áreas periféricas, os shows parecem reforçar as desigualdades decorrentes desta estrutura. Nos dias em que acontecem, enquanto as áreas onde localizam-se os estabelecimentos próximos ao palco abrigam um fluxo grande de pessoas, que ali se aglomera para assistir à atração, as demais ficam vazias, dando à Feira uma aparência desértica.



**Figura 48:** Área próxima ao palco em noite de show do cantor “Leonardo”.  
(Foto: Aline Nery. 23 de julho de 2010).



**Figura 49:** Área distante do palco, na mesma noite.  
(Foto: Aline Nery. 23 de julho de 2010).

Em uma outra categoria de pensamento a Feira é associada à cidade, ao possuir seu lado bom e seu lado ruim<sup>38</sup>. Um espaço onde também ocorrem erros, afinal, “em todo canto é assim, né? As coisas nunca ficam certinhas<sup>39</sup>...”.

É uma cidade, que tem muita coisa boa e muita coisa ruim. Tem certas coisas que nem pode falar.

Tamo cercado de certas coisas desagradáveis mas... tem em tudo quanto é lugar. Violência, por exemplo, tortura nós e... “comprica”, né? (...)A situação que às vezes também tem muita gente boa... deixa até de vir porque vê essas coisas braba na televisão... ai até, por exemplo... fica com o pé atrás, desiste de vir, procura ir mais pro nordeste, e coisa e tal, mas... o Rio de Janeiro é lindo, e é belo... e a vida é pra quem sabe viver. Quem não sabe viver tem que morrer... (Risada). Falô?

As disputas entre a prefeitura e a Associação dos Feirantes, que possuem a gestão compartilhada da Feira, são ressaltadas, assim como uma série de desigualdades existentes no CLGTN.

<sup>38</sup> Sob este aspecto, foram citadas as divergências entre a administração da Feira e a prefeitura; o fato dos proprietários das barracas menores geralmente pagarem as contas em dia e o das barracas maiores, que lucram mais, não pagarem; e a existência de casos de prostituição infantil e pedofilia no local.

<sup>39</sup> Frase utilizada por uma das entrevistadas.

A gente tem que lutar mais pela feira. É uma briga pela prefeitura e a Associação que cuida da parte interna. É como se fosse um condomínio (...) A Feira está agonizando... as pessoas estão sem esperança da Feira. Os grandes restaurantes não... eles abrem de segunda a segunda.

Para Alex, ex-presidente da Feira de São Cristóvão, ela é uma cidade em miniatura. Em um discurso que não esconde a visão de alguém que a representou, ao mencionar a segurança, higiene e a infra-estrutura do espaço como responsáveis pela qualidade de vida dos trabalhadores, compara sua função enquanto presidente da Associação dos Feirantes à de um prefeito.

É que a gente até brinca. Aqui, quando eu era administrador da Feira, as pessoas brincava que era o prefeitinho, por que tem cidade de 5 mil habitante, 15 mil habitante (...) Não existe, não tem como você governar um espaço... igual a Feira de São Cristóvão, que aqui é uma minicidade, numa gestão de um ano (...) É uma minicidade que eu te falo... numa minicidade trabalha 30 mil pessoas, 40 mil pessoas, 50 mil pessoas, tanto com segurança quanto com infraestrutura! Um prefeito duma cidade, ele dá o quê? Da infraestrutura pras pessoas e dá qualidade de vida. E aqui é a mesma coisa, aqui nós damos infraestrutura e qualidade pra pessoa chega aqui e ter ó... segurança, tem limpeza, tem higiene...tem onde estacionar os seus carro... então eu considero a Feira como uma minicidade.

Verônica, artesã e uma de nossas interlocutoras, estabelece uma analogia entre a Feira e a cidade ao explicar que ambas possuem “zona sul”, “subúrbio” e “submundo”.

E aqui tem zona sul e subúrbio. A zona sul trabalha de segunda a segunda. E tem o submundo: prostituição infantil, pedofilia... tem barraqueiros que as crianças não tem onde dormir, aí eles falam: se você ficar comigo eu deixo você dormir na minha barraca... É uma cidade, que tem muita coisa boa e muita coisa ruim. Tem certas coisas que nem pode falar. E tem também a periferia...

De acordo com a classificação por ela estabelecida, a zona sul corresponderia às áreas centrais, onde localizam-se os grandes restaurantes. É na zona sul que o dinheiro circularia mais facilmente, devido ao fato de ser mais freqüentada, do poder aquisitivo de seus freqüentadores ser maior e, também, ao fato de seus estabelecimentos abrirem praticamente todos os dias. A periferia corresponderia aos estabelecimentos localizados nas áreas intermediárias (não são dados maiores detalhes). O subúrbio, por vez, estaria relacionado às áreas que circundam o entorno do Pavilhão. É importante observar que, ao efetuar esta classificação, a trabalhadora agrega à questão geográfica uma série de valores/julgamentos associados às relações que seriam estabelecidas em cada uma destas

áreas. Em sua representação, a Feira emerge como uma espécie de metonímia em relação à cidade do Rio de Janeiro.

Diversos outros aspectos polêmicos vêm à tona em representações como a de Verônica. Dentre elas, podemos mencionar: 1) uma série de polêmicas em relação às administrações passadas (principalmente a de Agamenon de Almeida), como irregularidades no repasse de pontos dentro do Pavilhão no período da transição ; 2) a forma como o Centro Luiz Gonzaga foi projetado, possibilitando a maior valorização de algumas áreas e também a coexistência de estabelecimento distintos lado a lado (como lojas de roupa ao lado de restaurantes), o que prejudicaria os primeiros); e 3) a dificuldade dos pequenos comerciantes em se manterem e arcarem com todas as contas fixas agora existentes, por exemplo.

Nestes discursos, a categoria por mim denominada de “mudanças” possui como marco a criação do Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas. “Dentro” e “fora”, portanto, são utilizados para explicar uma série de acontecimentos que fazem parte da trajetória da Feira. Dentre os pontos positivos relacionados à a transferência da Feira para dentro do Pavilhão, são destacados a organização, higiene, segurança, as estrutura fixas e também o fato de hoje o carioca freqüentar mais a Feira. Dentre os pontos negativos, destacam-se um aumento nos custos dos trabalhadores para se manterem (visto que antes bastava se arcar com o custo da mercadoria a ser vendida) e o fato de terem que arcar com custos fixos; o fato de muitos feirantes não terem “conseguido entrar”; a maior animação da Feira ao ar livre; e a perda no sentido da Feira, ou sua mudança. Dentre outros.

Se para alguns a Feira apenas passou para dentro do Pavilhão, para outros ela e o Centro Luiz Gonzaga são coisas distintas:

Modificou. É um outro povo que vem aqui, não é mais aquele povo da feira mesmo, mas...

(...) Não agora é mais é... Centro de Tradições Nordestina, antes era Feira da São Cristóvão. O pessoal diz que aqui é a Feira de São Cristóvão, eu não aceito isso, não. Porque mudou o público todo! Aquele povão que vinha pra fazer a feira, pra comprar no sábado e domingo, só vem aqui no domingo e compra pouco, compra muito pouco...

Se o tipo de público que freqüenta a Feira mudou, agora, é difícil defini-lo. No que se refere à procedência dos visitantes, as respostas são inúmeras e diversas, variando de cariocas a americanos, espanhóis ou africanos, por exemplo:

(...) americano... aqui vem gente de todos os lugares... entendeu? Vem gente do mundo inteiro... com certeza... Principalmente dos... estrangeiro, né? Aí que vem americano... o mundo inteiro vem. Porque a nossa Feira aqui ela é mundial, né? Ela é uma Feira que tá no mundo inteiro, justamente, é muito falada lá fora, no exterior.

Então, o negócio é o seguinte aqui ó, tem baiano, tem sergipano, pernambucano, cearense, mineiro (...) Com certeza, vem muita gente de fora, muita gente tem... vem mais pra conhecer porque... a fama da Feira é muito grande, né? Aí, as pessoas que sabe lá fora tem vontade de conhecer, aí... a maioria vem é mais pra conhecer a Feira dos nordestinos, que é essa aqui que a gente tá.

Vem muito turista de fora sim: EUA, França, Angola...

### A presença de turistas brasileiros é ressaltada.

Porque não vem só do estrangeiro não, vem do Brasil inteiro: paranaense, alagoano, baiano, que é o estado que nós somos. Hoje porque não tem gente do nordeste ou do estrangeiro tá bravo. Tão deixando tudo pra esse dia.

Vem, gente de outros países, e ...muitos migrantes, né? De outras regiões. Mas eu... eu creio que a grande maioria é daqui do Rio mesmo. Só que tipo assim, Cabo Frio, entendeu? Região dos lagos, região serrana... Mas muito turista, muito turista.

... o intuito da galeria é esse, divulgar a arte popular por que tem muito brasileiro aqui, carioca, não só carioca, como de fora do... Rio de Janeiro, como estrangeiro e divulgar a nossa arte, que é muito apreciada fora do país.

No que se refere ao turismo, ou especificamente à presença de turistas, diversas são as representações. Em geral, os comentários sobre turistas vinham sempre acompanhados de uma série de exageros, ou generalizações. Frases como “o mundo inteiro curte a Feira”, “é o maior ponto turístico do Rio” ou “todo mundo fala que aqui é o melhor ponto”, como veremos nos depoimentos a seguir, são extremamente comuns. Estes exageros assemelham-se às informações de senhor Zé Gomes acerca da quantidade de turistas que iriam para o show do Leonardo, ou às falas de senhor Itapuã, por exemplo, quando afirma que “os empreendimentos que acontecem nesse país têm sempre uma fatia do povo nordestino”, e parecem fazer parte da lógica da Feira.

Aqui tem gente de toda as nações de gente tem aqui na nossa Feira, na nossa Feira nordestina...

(...) a nação toda do país, do mundo inteiro curte a Feira (...)

Aqui final de semana chega 45 mil pessoas. Leonardo vem fazer um show aqui agora, dia 23, vai, aproximadamente, quarenta e cinco mil pessoas. Quarenta mil é nordestinas.

As pessoas que vêm depois num ter o que dizer nada, sempre... só dizer que é bom... todo mundo fala que aqui é o melhor ponto... pras pessoas se divertir, se distrair, que gosta de... dançar um forrozinho, comer a comida nordestina, que é a comida típica que sempre tem aqui, acho que... aqui é um pedacinho do Nordeste. E do Norte.

Em alguns discursos, a Feira emerge como o maior ponto turístico do Rio de Janeiro.

Para o turismo aqui é bom, aliás, tá sendo o centro principal do turismo aqui no Rio de Janeiro.

No depoimento abaixo, de Alex, ex-presidente da Feira, o fato de a Feira funcionar praticamente de forma ininterrupta aos finais de semana é considerado o grande diferencial. Aspectos como infra-estrutura, segurança, limpeza e atendimento emergem enquanto elementos valorativos do Centro Luiz Gonzaga, e o público é referenciado como “cliente”.

Eu acho que, dentro do Rio de Janeiro... a Feira é o maior ponto turístico do Rio de Janeiro. É o único lugar... não sei, não conheço até hoje, só conheço a Feira, que ela abre na sexta-feira 10 horas da manhã e fecha no domingo, às 22 horas. Então, acho que num tem casa de show em canto nenhum no Rio de Janeiro, que eu conheço, acho que nem no próprio nordeste, que eu sou paraibano, na minha terra não tem... É uma casa... uma casa que abre numa sexta-feira e fecha no domingo. Ela trabalha 72 horas sem parar e nós temos público, graças a Deus, pra isso.

(...) Hoje vem bem mais gente aqui na Feira. As pessoas fala que lá fora vinha mais, mas não. Aqui nós vemos bem mais pessoas... Por quê? Por que você vem num local que tem um estacionamento que dá acesso direto a Feira... é um local que da segurança ao público, é um local que dá toda infraestrutura... de organização, de limpeza, de atendimento, e lá fora não tinha nada disso. Lá fora era totalmente precária as coisas. Não tinha... não podia dar segurança ao “cliente” e nem uma infraestrutura nenhuma ao “cliente”. Hoje a maioria das lojas aqui dentro tem... ar condicionado, tem máquinas... de débito, maquina de crédito... Isso lá fora... não oferecia conforto nenhum pro cliente, entendeu? No verão, dava uma chuva acabava com a Feira, dava um vento, acabava com a feira, e hoje graças a Deus não. Diminui o público quando dá uma chuva, mas a Feira continua.

No discurso abaixo, o trabalhador expande sua afetividade em relação à Feira ao afirmar que ela não é apenas o reduto do nordestino no Rio de Janeiro, mas sim um reduto de brasileiros de todas as regiões do país, de passagem pelo Rio.

(...) a nossa culinária é mais nordestina. Mas como, algo fora do Rio, nada que, né, a culinária capixaba é uma, a culinária carioca é uma, é a... o linguajar carioca é um, quer dizer... *fora do Rio de Janeiro, o reduto do... paranaense, do catarinense, do gaúcho, do próprio... mineiro, no Rio de Janeiro, é... Feira de São Cristóvão*. A maior, a maior aglomeração é nordestinos, é, as regiões do nordeste do país... Mas temos muita gente da região sul, sudeste é... centro-oeste, da região norte, e até fluxo de gringo. Ontem mesmo eu atendi três franceses aqui... chegaram de “Leon”, tavam de passagem pelo Rio, e lá em “Leon” eles entraram no site, da Feira de São Cristóvão... vieram aqui, e conheceram... Eles... eles são jornalistas e eu tô dando... tavam pedindo alguma coisa sobre a Feira...

Renata, carioca que trabalha na Feira, conta sobre os cariocas na Feira, e destaca as interações relações estabelecidas entre cariocas e nordestinos:

(...) O carioca vem pra se divertir, né... vem pra... a maioria vem pra arrumar mulher, pra namorar, pra isso (...) Vem, vem... E vem mesmo, ontem mesmo, eu tava aqui até de manhã, aí, chegou uma moça e falou assim: ai, eu tô de olho naquele rapaz, mas ele é carioca... sabe? Aí fica uma mistura danada, elas querem sair com os cariocas, os cariocas querem sair com elas, mas é... é bacana.

Com o criação do CLGTN, verifica-se não apenas a chegada de novos trabalhadores, mas também a mudança no tipo de público que antes freqüentava a Feira. Na visão de senhor Edilson, a presença de turistas remete a um público de um maior poder aquisitivo, em contraposição ao “povão” que antigamente freqüentava a Feira.

(...) vem um povo já dum... não é aquele povão, mas é um povo dum poder aquisitivo melhor, né? E tem muito turista, mermo turista nordestino mermo, o pessoal que ta pro Rio, é... essas empresas aí de turismo sempre tem restaurantes aí que ta sempre lotado, com... que já faz essa programação, traz o pessoal pra cá. É um ponto turístico aqui, né?

Se novos públicos chegam a todo momento, de diversas partes do Brasil e do mundo, há, no entanto, aqueles que freqüentam a Feira constantemente, inclusive freqüentando os mesmos lugares. Pergunto a Lina, dona de uma barraca nos arredores do Pavilhão, se muitas pessoas iriam ali:

Aqui nesse cantinho é sempre as mesmas caras. A mesma pessoa passa sexta, sábado e domingo.

E completa sua resposta com a seguinte afirmativa:

Sobre turistas o pessoal das ruas principais deve saber (...) Eles só ficam lá no centro, nas ruas principais (...)

Pergunto-lhe o porquê, no que obtenho a seguinte resposta:

Não sei, acho que é porque lá é mais chique, mais bonito, e aqui é mais simples, né...

Para esta trabalhadora, os turistas não fazem parte de seu universo, embora admita a existência dos mesmos. Em sua fala, a elegância e a estética de muitos estabelecimentos localizados nas áreas centrais se contrapõem à simplicidade e precariedade das instalações de seu restaurante e de quase todos os estabelecimentos do entorno, razão pela qual acredita que os turistas não costumem freqüentar as áreas aqui denominadas acentuadamente periféricas. Sua fala coincide em alguns aspectos com a fala de Cleonice, vendedora de balões, para a qual os turistas vão à feira apenas para comer, freqüentam geralmente os restaurantes centrais e possuem “nojo” dos demais estabelecimentos.

Ih menina, o turismo aqui agora tá fraco. Tá vindo mais gente aqui do Rio mesmo. Só quando é Natal, Ano Novo, que eles vêm mais... Mas também, eles não gastam nada não... Vêm, come e vai embora. Geralmente eles vão lá é no Baião de Dois, e depois vão embora. Nos outros restaurantes eles não vão não porque têm nojo... Eles olham mas têm nojo...

Apesar de os turistas geralmente não freqüentarem estas áreas mais periféricas, nem sempre eles são vistos de forma negativa. O depoimento de Fátima, dona de uma pequena loja de roupas infantis, traz à tona outros aspectos decorrentes destas interações. Ela nos conta com orgulho da época dos Jogos Pan-Americanos no Rio de Janeiro, quando a Feira então recebera uma quantidade enorme de turistas. Nestes dias, ela e sua amiga, também trabalhadora da Feira, puderam dançar, tirar fotos e conversar com os turistas, mesmo diante da impossibilidade de utilização da linguagem verbal.

É, eles ficam às vezes... fica meio admirado... de vê a gente, né? Do jeito que a gente fala, do jeito que a gente trabalha, entendeu?

Aquela Olimpíada que teve aqui... Foi o... foi o Pan. Foi muito bom... Aí tem até foto, gente que bateram foto. Tenho foto até lá fora, assim... Sei lá, foi... foi muito bom (...) Aí, tipo, tinha um ...aqui era uma casa de Cds, dançamos aqui, batemos foto. Muito bom... foi muito bom. E aí, é isso (...) Aí a gente não sabe falar inglês e tudo... tenta olhar nos lábios e tudo, e ver... então, mas é muito bom. E “tamo” aqui...

Se os turistas se impressionam com os modos de ser e agir dos trabalhadores, e se isto acaba sendo um atrativo a mais na Feira, a recíproca também é verdadeira. Para Renata, moradora do Rio de Janeiro, a falta de ritmo dos turistas holandeses ao dançarem o forró é ressaltada enquanto algo extremamente “bonitinho”. Esta apreciação, no entanto, não neutraliza sua preferência de que eles não estivessem no Brasil no período. Afinal, estávamos em plena Copa do Mundo e o Brasil disputaria uma partida justamente com a Holanda nas quartas de finais.

Não, já tem aquelas pessoas certas. Geralmente, assim, já vêm as pessoas que já vêm sempre. Mas também vêm pessoas novas, vêm de outros estados. Tem até de outros países. Outro dia tinha um... rapaz aí até... com a família... sabe, era da Holanda, aí eu falei: ai, cruz credo... E antes da Copa, né? Eu falei assim: meu Deus, esses holandeses vêm aqui só pra... urubuzar o Brasil, aí realmente... que ódio que me deu... Aí eles... pedindo pra dançar... eu falei: ah, tô tão cansada... aí chamei uma amiga minha aí eles, num sabem, tão bunitim eles dançando...

Quando perguntados sobre o que acham que as pessoas procuram, a culinária situa-se na lista dos maiores atrativos. Se para alguns a Feira é a possibilidade de comerem o que comiam em sua terra natal, para Renata, moradora do Rio, a Feira também estaria associada, no imaginário de muitos turistas, a uma ideia de autenticidade. Razão pela qual para turistas como a mencionada abaixo, ali encontra-se a “autêntica” culinária nordestina no Rio de Janeiro. Trata-se, pois, da construção de todo um imaginário em torno do local turístico.

Aí chegam aqui, já chegou um casal... aí o casal chegou pra mim e falou assim: poxa, eu adorava, quando eu morava lá eu comia muita... é... como é que fala... tapioca. Onde tem tapioca? Aí eu cheguei falei pra eles assim: por quê? E eles... aí a mulher, grávida, né, falou assim pra mim: poxa, aqui é o único lugar que a gente encontra a verdadeira tapioca... Porque tem gente que engana, aqui.

Aí mas, a maioria do pessoal vem pra cá pra conhecer a culinária mesmo, né, carne de sol, rabada, essas coisas... é, assim... o pessoal gosta mais da carne de sol, né? Não sei como... Já tá até enjoando... Carne de sol, “Baião de Dois”...

O artesanato também é ressaltado enquanto um dos grandes atrativos. No entanto, Solange, dona de uma loja do tipo, ele é visto de forma diferente pelos nordestinos e turistas (não-nordestinos).

(...) O nordestino vem pra comer, beber e dançar forró. São raros os que compra artesanato. Quem compra artesanato é o turista, e... as pessoas como eu te falei, da região serrana. O nordestino é raras exceções até porque eles vêm dum lugar que é rico em artesanato e tem um preço bem inferior do que vende aqui,

entendeu? Então eles não valorizam muito, não é nem, não é nem porque eles não valorizam muito. É porque eles já “tão” tão acostumado com essas coisa... O turista não, o americano ele se deslumbra, né! Com os nossos produto... O americano, o espanhol, eu atendo muito holandês, suecos... eles se deslumbram mesmo com nosso artesanato. Muita menina que tá fazendo faculdade aqui, que tá... essas coisa (...)

Segundo ela, muitos turistas já chegam procurando um tipo específico de artesanato:

Eles ficam enlouquecidos com o artesanato em madeira, com o artesanato em barro do Vale do Jequitinhonha, entendeu? E eles vêm... procurando um certo tipo de artesanato. Tipo assim, “você tem artesanato de Minas?” Entendeu?... Não sei se alguém dá dica ou de repente os hotéis que eles ficam porque... nesses hotéis na zona sul tem muito artesanato exposto, tem bonecas, namoradeira, e tal... então de repente eles perguntam lá no hotel, né? (...) Tipo assim, eles já sabem, eles odeiam coisa industrializada. Odeiam. Se as pessoas forem mostrar nem pegam... Eles se deslumbram, eles elogiam tá... Eu lembro que tinha uma imagem aqui com defeito e a esposa do rapaz falou assim: “ah não, isso aqui é um defeito”. Aí ele virou e falou: “pra mim isso aqui tudo é arte”... entendeu? Então, achei legal.

A este respeito vale mencionar um episódio interessante em relação a esta trabalhadora. Em certo momento da entrevista, quando comentava sobre como o artesanato brasileiro era valorizado no exterior, Vinícius informa-a sobre a possibilidade de colocar seus produtos à venda na internet, em sites como o E-bay<sup>40</sup>, por exemplo. Esta “dica” pareceu quebrar uma certa barreira, e, de certo modo, colocar-nos mais próximos, ao sentir que estávamos compartilhando possibilidades. Foi então que ela nos revelou, em segredo, uma situação ocorrida: ela possuía uma escultura muito bonita, grande, pela qual os turistas ficavam apaixonados. E que... *veio da China*. Certa vez um casal de turistas americanos ficou deslumbrado com a peça, e mandou entusiasmadamente embrulhar. Foi quando um deles, manuseando-a, percebeu uma etiqueta no fundo dela constando a seguinte inscrição: “*made in China*”. Imediatamente, demonstrando profundo descontentamento, cancelaram a compra e mostraram profunda aversão a produtos vindos deste país. Desde então, a dona da loja continua vendendo estas peças, porém, retira todas as etiquetas e... informa que eles são produzidos em algumas comunidades do Nordeste. Para alegria dos turistas, que saem com um “autêntico” artesanato nordestino-chinês.

Em uma outra linha de representações, a existência de turistas na Feira vêm associada à presença dos guias de viagem. Para Arízio, um jovem funcionário de uma

---

<sup>40</sup> Site internacional de vendas. Assemelha-se ao site brasileiro “Mercado Livre”. Disponível em: <<http://www.ebay.com/>>.

grande loja de artesanato próxima à Praça dos Repentistas, os guias são vistos de forma negativa, ao afirmar:

É, mas você sabe como é que é, os guias tudo querem roubar.

Segundo ele, muitos guias de turismo exigem comissões para levarem os turistas às lojas, prática considerada repreensível.

Adaílton, seu amigo, concorda com suas considerações, mas diz compreender o fato de muitos turistas irem à Feira apenas com os guias: o medo.

Vem muito turista aqui, de tudo quanto é lugar: EUA, Espanha, África... Eles vêm sempre com o guia, não vêm sozinho não. Porque você sabe como é que é, eles têm medo do Rio, o Rio pra eles é um lugar de morte. É essa imagem que eles têm, que você vai chegar no Rio e vão ser assaltado (...)

Para ele, no entanto, o imaginário destes turistas acerca do Rio não está muito distante da realidade. Embora em determinado momento Adaílton nos conte com orgulho o fato de conseguir se comunicar em inglês com os turistas, dando-nos exemplos, em um sotaque bem nordestinizado, de algumas frases em inglês que aprendera sozinho, em outro momento demonstra sua incompreensão diante do fato dos turistas, ao possuírem medo, escolherem visitar justamente a Feira de São Cristóvão:

Eu não sei o que eles vêm fazer aqui, tudo com medo. Tanto lugar bonito pra eles irem, vem pra cá pra ficar com medo. Mas eles não tão errado não. Presta atenção aonde a gente está: ali atrás tem o Vasco, do lado tem o Caju, cheio de mendigos em volta, assalto... eu não sei porque eles vêm. É porque eu não sei falar inglês, porque se eu soubesse eu ia perguntar pra eles: “por que vocês vêm aqui”?

No imaginário deste trabalhador, a ideia do lugar turístico estaria associada à beleza e estética das paisagens, principalmente às belezas naturais. Lugares já consagrados como atrativos turísticos do Rio de Janeiro, como as famosas praias de Copacabana e Ipanema, por exemplo, que alimentam uma série de imaginários acerca da cidade do Rio, encontram-se em uma relação hierárquica bem superior à Feira de São Cristóvão. Mesmo que ambas localizem-se em regiões cercadas por favelas e assaltos a turistas sejam extremamente comuns, o perigo, para este trabalhador, estaria associado mais à zona norte da cidade, em contraposição à zona sul, marcada por elementos como a bossa nova, o mar e a natureza exorbitante, representantes da legítima qualidade de vida da cidade maravilhosa.

Esta visão é contraposta por Darlan, que em julho de 2010 trabalhava como “Estátua Viva” na entrada da Feira. Para ele, a Zona Sul não é um bom lugar para artistas como ele trabalharem, pois os turistas ficam com medo de serem assaltados, e, logo, não abrem na orla a fim de contribuírem com seu trabalho.

Domingo aqui é ponto de encontro da família, domingo aqui é melhor (...) Em Copacabana não dá, os gringos ficam com medo de abrir a carteira na orla (...) Os nativos dão mais (...) Aqui na Feira vem mais turista do Brasil (...)

Sob este outro ângulo, temos a inversão da lógica anterior, estabelecida por Adailton. Agora, a Feira de São Cristóvão, considerada um ambiente mais familiar e seguro, se contrapõe à insegurança da Zona Sul, que, por ser uma área mais turística, estaria mais sujeita à violência.

Enfim, diversas são as representações acerca da Feira para os trabalhadores entrevistados. Vale ressaltar que dificilmente eles se limitavam a mencionar um aspecto apenas em suas falas. A realização de entrevistas em dois anos distintos, e com abordagens diferenciadas, nos possibilita a compreensão de uma série de dimensões da Feira de São Cristóvão. Quando o que está em jogo são os significados da Feira, e o que ela representa para seus trabalhadores, uma série de sentimentos são trazidos à tona, permitindo a centralidade de categorias como amigos, trabalho, luta, emoção e diversão. Quando, no entanto, fala-se sobre o dia a dia, abre-se espaço para assuntos que permeiam a vida cotidiana, como as mudanças decorrentes da transferência da Feira para dentro do Pavilhão, com a criação do Centro Luiz Gonzaga, os grandes shows que vêm sendo realizados, a ideia de tradição, da cultura nordestina e do turismo. Obviamente, estes dados são válidos para o conjunto de trabalhadores entrevistados. Não obstante, ajudam-nos a compreender melhor como uma série de aspectos se inter-relacionam.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tempo acabou. Talvez seja esta a melhor frase para se definir o que chamamos de o final de uma pesquisa. Afinal, pesquisas sempre podem ser mais exploradas. Nestes momentos em que redijo este texto, sou tomada por uma série de sensações relacionadas a tudo que não foi possível ser dito. Novos ganchos vêm à tona, e junto com eles uma gama de recentes informações. Eis aqui um dos grandes desafios da pesquisa nas sociedades urbanas: lidar com o dinamismo que lhes é característico. Estas últimas linhas, portanto, longe de apresentarem verdades absolutas, residem em um esforço de retomar alguns aspectos emergentes na presente etnografia.

Um longo caminho foi percorrido desde aquela primeira ida à Feira, em 2006, até os dias atuais. E, se este trabalho encontra-se influenciado por mim – meus olhares, questionamentos e percepções – eu também fora influenciada por esta jornada antropológica: este jogo de contrastes que nos coloca em contato direto com nós mesmos.

Propostas como o Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas, resultados de projetos maiores de requalificação urbana, encontram no turismo a possibilidade de se realizarem e conferirem novas funcionalidades a um dado espaço, através da agregação/criação de um valor simbólico ao lugar. No caso da Feira de São Cristóvão, este valor simbólico já existia para muitos nordestinos que ali constituíram parte de suas vidas. Com o turismo, agora, a Feira passa a ser tomada como um patrimônio da cidade do Rio de Janeiro, através da apropriação da mesma pelo poder público. Obviamente, há uma série de interesses envolvidos neste processo, e todos eles encontram-se presentes no CLGTN. A partir do momento em que o Estado se apropria, novas territorialidades são definidas. Novos atores sociais entram em cena e muitos antigos feirantes saem. Vão para Caxias?

Ao institucionalizar a organização do turismo para a recepção de visitantes, depara-se com o conflito entre preservação e comercialização,

e o turismo é identificado como um instrumento prioritário de reutilização de construções, do crescimento de parceiros públicos e privados em intervenções sobre um patrimônio cultural cuja noção se transforma e a função econômica se afirma. (Gagliardi, 2009, p.257).

No entanto, a Feira continua apresentando uma série de dimensões que dividem espaço com a dimensão econômica. Como reflexo da metrópole, que abriga, concentra e multiplica toda a complexidade da vida social, a Feira de São Cristóvão vai reproduzir em

seu interior parte da complexidade da cidade, nas esferas da economia, do poder, da organização social e da produção simbólica.

A Feira, assim como a cidade, não só admite e abriga grupos heterogêneos como também está fundada nesta heterogeneidade (Magnani, 1996). E, se a cidade pequena poucas vezes tolera a excentricidade (Park, 1916, p.67), na cidade grande ela é característica. Na Feira, portanto, há e sempre haverá espaço para Carrapetas, Zés da Onça, Gaúchos e Araquéns. Simplesmente porque ela (e muito antes de se tornar turística, está fundada nesta heterogeneidade).

Percorrer a Feira de São Cristóvão é vivenciar a coexistência de diversos mundos em um mesmo espaço físico. Neles, não só os equipamentos os diferenciam uns dos outros, mas principalmente os tipos de usos de cada um. Universos de vida pulsante, que são criados e recriados constantemente.

No que tange ao aspecto político, ela se mostra uma arena onde diversos atores disputam o poder. Estas disputas são veladas, apresentam-se de forma sutil, mas estão presentes a todo momento. O descaso do poder público para com a Feira durante anos agora converte-se em uma interferência que não apenas organiza como também adéqua-a aos fins que se quer. Não obstante, na medida em que investe-se na Feira de São Cristóvão enquanto uma “homenagem aos nordestinos” (e à cidade do Rio de Janeiro), ganha-se visibilidade diante de um eleitorado de grandes proporções.

A Festa é uma dimensão central. Afinal, a celebração acompanha a história da Feira. E, se com a criação do Centro Luiz Gonzaga institucionaliza-se a festa, através do estabelecimento de uma gama de atrações a serem exibidas, uma série de encontros e relações continuam a ser tecidas independentemente destas. Ao mesmo tempo em que um novo tipo de público passa a ir à Feira em função dos shows realizados, ou da fama que se alastra cada vez mais, há também aqueles que chegam a pagar um ingresso dez vezes mais caro em dias de shows, como presenciamos, para... irem para os mesmos lugares de sempre. Uma série de significados que merecem ser desvendados.

A ideia de tradição, que legitima a existência de um Centro de Tradições Nordestinas, ganha destaque não apenas nos discursos do poder público como também na fala dos trabalhadores entrevistados. Para estes, ela emerge ora associada a uma revolta pelas mudanças que estariam descaracterizando a Feira, ora a um sentimento de orgulho. Com relação a este último, ao exaltarem a Feira de São Cristóvão e a tradição nordestina, em depoimentos repletos de exageros como “o mundo inteiro curte a Feira” ou “todo

mundo fala que aqui é o melhor ponto”, os trabalhadores entrevistados, em sua maioria nordestinos, exaltam a si mesmos – e sentem-se “alguém” no anonimato da metrópole. É interessante observar que, com o turismo em cena, as mesmas características pelas quais os nordestinos eram (e ainda são) alvo de preconceitos na cidade do Rio de Janeiro (como as roupas, o sotaque, os hábitos alimentares e os gostos musicais, por exemplo), agora ganham destaque na arena turística como representantes legítimos da “autêntica” cultura nordestina. Em um jogo onde diversas identidades são assumidas a todo momento. O turismo, pois, ao eleger ícones identitários, aproxima cidadãos de suas próprias cidades (Gagliardi, 2009). Com o Centro Luiz Gonzaga, muitos cariocas que não conheciam a Feira passam a visitá-la, e, embora haja separações, há, em alguns termos, uma maior aproximação.

Na medida em que a criação do Centro Luiz Gonzaga ocasiona uma mudança no perfil da Feira, e muitos trabalhadores se adaptam para atender aos novos tipos de público, inclusive a partir da criação de diversos cenários, nem por isso constitui-se um processo rígido ou artificial. Pois, como Magnani nos mostra, longe de ser um conjunto de elementos físicos agrupados ou um palco que os atores já encontram montados para o desempenho de seus papéis, o cenário diz respeito “ao produto de práticas sociais anteriores, e em constante diálogo com as atuais favorecendo-as, dificultando-as e sendo continuamente transformado por elas”. (Magnani, 1936, p.37). Assim, por mais que tentem “nordestinizar” cada vez mais a Feira, ela será sempre definida pelos processos sociais de uso e apropriação simbólica de seus espaços. Como nos mostra Cardoso (2006), ao acompanhar uma barraca na Feira em três momentos distintos: 1) quando a Feira ainda era do lado de fora do Pavilhão; 2) no dia da inauguração do CLGTN; e 3) algum tempo depois. Segundo ele,

no primeiro, ainda na Feira do Paraíba, podemos perceber sua precária estrutura coberta com lonas, e observar que as mulheres estão vestidas de forma bem à vontade, sem qualquer exaltação ou mesmo padronização em suas indumentárias; no segundo momento, no dia da inauguração, a nova barraca, ainda que sem luxos, apresenta uma preocupação em se modernizar: no próprio letreiro se pintou o nome do estabelecimento e a indumentária das mulheres demonstra tentativa de formalização, através dos uniformes por elas usados; no terceiro momento, já em minha última visita ao CLGTN, pude observar que a barraca volta a tomar contato com características informais, as funcionárias deixam de usar uniformes e a arquitetura vai assemelhando-se aos botequins cariocas (...)

Os espaços, pois, são fruto das relações sociais nele estabelecidas, e encontram-se em constantes modificações.

Em novembro de 2010, uma nova informação vem à tona: “a nova Feira de São Cristóvão será mais nordestinizada”, a partir de um projeto que visa “resgatar e preservar a Cultura do Nordeste”. “Todo o design foi concebido em ambientado nas representações de ícones típicos, focando os elementos raízes: aqueles que pontuam e representam a Cultura regional”. Serão construídas arquibancadas

em torno do futuro Anfiteatro na Praça Catolé da Rocha, núcleo Cultural dos repentistas, bumba-meu-boi, tambor de crioula, maracatu, frevo, ciranda, baião, xote, xaxado e outras representações típicas do Nordeste. Na área externa o Pavilhão receberá grandes painéis com lonas que remetem às rendas típicas tradicionais. Na entrada serão colocados mastros com as bandeiras dos estados nordestinos, Rio de Janeiro e do Brasil. O projeto foi todo pensado a partir de referências e materiais típicos da região, visando resgatar e preservar a cultura do Nordeste. (Associação, 2010c, p.04).

A Feira, uma vez mais, passa por transformações. Que Nordeste é este que será apresentado, agora mais “nordestinizado”? Por que novos ícones identitários? Que novos atores entrarão em cena? Como o Estado vem demarcando espaço? As discussões se atualizam, afinal, falamos de um processo dinâmico.

Nesse sentido, na medida em que: 1) projetos como estes utilizam-se da cultura como elemento central, e se o turismo, enquanto prática cultural, possibilita esta utilização; e 2) que o que quer que seja chamado de turístico é sempre uma construção, uma seleção de narrativas a figurarem no imaginário coletivo, o que faz com que o olhar do turista seja mediado pelas coisas que ele vê, lê ou ouve sobre determinada atração – vale destacar que não se trata, sobremaneira, de um processo mecânico. Afinal, a partir de diferentes narrativas, cada um de nós constrói a sua própria, “seleccionando, manipulando e brincando com as imagens” que nos são oferecidas. E esta narrativa, na sua singularidade, pode ser considerada “verdadeira e autêntica”. (Castro, 2002, p.85). Cada um faz sua leitura da paisagem. Afinal, vivemos, utilizando aqui os termos de Siqueira (2008, p.07), “em um universo simbólico, de significados que são compartilhados, interpretados e negociados a todo instante”. Trabalhadores, turistas, e demais atores envolvidos no processo, portanto, agem e significam o que lhes é apresentado de forma diferente, atribuindo-lhes sentido ou não. A fala de Renata, para quem o Baião de Dois, um dos pratos mais famosos da Feira,

não passa daquilo que ela faz em casa quando está com pressa, nos elucida bem esta questão:

Eu não sei o que é “Baião de Dois”, eu to sabendo agora... Eu também não sei... Eu não sabia não... Quando eu comi, eu falei né: “Baião de Dois” é feijão com arroz, bacon no meio... sei lá, pra mim isso é o que eu faço em casa quando eu to com pressa de esquentar a comida... é, “Baião de Dois”... (risos). Tem que rir...

Chego procurando saber sobre o turismo. Afinal, ele está na gênese da criação do Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas. No entanto, o campo nos revelou uma série de outras questões. Há muitos aspectos em jogo, como afetos, saudades, trabalho, amigos, mudanças, conflitos e lutas, por exemplo. Eles emergem em uma série de representações que não deixam de apresentar suas complexidades e contradições. Lidamos, pois, com distintos planos e níveis de realidade socialmente construídos (Velho, 1994). Embora o turismo exista ali, até mesmo como pano de fundo das questões políticas e das modificações que vêm sendo efetuadas, ele não aparece, nos depoimentos dos trabalhadores entrevistados, como o elemento central. E, quando aparece, não deixa também de apresentar suas ambigüidades. Pode-se, pois, achar “bonitinho” a falta de ritmo dos turistas holandeses, e, ao mesmo tempo, preferir que eles não estivessem no Brasil em plena época de Copa do Mundo. Ou achar interessante a forma como valorizam o nosso artesanato, para, logo em seguida, vender-lhes uma peça da China. Tais fatos, junto aos diversos aspectos trazidos à tona, nos mostram a complexidade da vida social, e como os lugares turísticos são valiosos instrumentos de análise da sociedade contemporânea.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMBRÓSIO, Carmem Lygia Burgos; GUERRA, Nonete Barbosa e MANCINI FILHO, Jorge. Características de Identidade, **Qualidade e Estabilidade da Manteiga de Garrafa. Parte I – Características de Identidade e Qualidade.** Ciência e Tecnologia de Alimentos. [online]. 2001, vol.21, n.3, pp. 314-320. ISSN 1678-457X. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cta/v21n3/8549.pdf>>. Acesso em 08 de junho de 2010.

ARANTES, Antônio Augusto. Patrimônio Cultural e Cidade. In: FORTUNA, Carlos, LEITE, Rogério Proença (orgs.). **Plural de Cidade: Novos Léxicos Urbanos.** Coimbra, Ed. Almedina, 2009. p. 11-24.

ARTHUR NETO. **Carrapeta.** 2010. 1 fotografia, color. Disponível em: <<http://www.flickr.com/photos/arthurneto/4765731400/in/pool-61826480@N00>>. Acesso em: 15 jan. 2011.

ASSOCIAÇÃO dos Feirantes/CLGTN. **Site oficial.** Disponível em: <<http://www.feiradesaocristovao.org.br>>. Acesso em: 1º jul. 2010.

\_\_\_\_\_. Uma pizzaria com técnicas tradicionais mistura ingredientes nordestinos. **Jornal da Feira de Tradições Nordestinas do Campo de São Cristóvão/RJ: Informativo Oficial da Feira de São Cristóvão,** Rio de Janeiro, ano 6, v. 72, p. 7, jun. 2010a. Disponível em: <<http://pt.calameo.com/read/000233261780a880841af>>. Acesso em: 3 ago. 2010.

\_\_\_\_\_. Marcus Lucena canta e encanta: no Rio há mais de trinta anos, pelos quatro cantos da cidade. **Jornal da Feira de Tradições Nordestinas do Campo de São Cristóvão/RJ: Informativo Oficial da Feira de São Cristóvão,** Rio de Janeiro, ano 6, v. 72, p. 4-5, jun. 2010b. Disponível em: <<http://pt.calameo.com/read/000233261780a880841af>>. Acesso em: 3 ago. 2010.

\_\_\_\_\_. Em 2012, nascerá uma nova feira! **Jornal da Feira de Tradições Nordestinas do Campo de São Cristóvão/RJ: Informativo Oficial da Feira de São Cristóvão,** Rio de Janeiro, ano 7, v. 77, p. 4-5, nov. 2010c. Disponível em: <<http://pt.calameo.com/books/00023326167b4e8f23034>>. Acesso em: 3 ago. 2010.

BALCÃO. Repasse do ponto de duas barracas na Feira de São Cristóvão: R\$ 170.000. Anúncio online. Disponível em: <[http://www.balcao.com/anuncio-imoveis-passo\\_barraca\\_na\\_feira\\_de\\_sao\\_cristovao-rio\\_de\\_janeiro-det-3405322.aspx](http://www.balcao.com/anuncio-imoveis-passo_barraca_na_feira_de_sao_cristovao-rio_de_janeiro-det-3405322.aspx)>. Acesso em: 22 mar. 2010.

BECKER, Howard. S. De que lado estamos? **Uma Teoria da Ação Coletiva.** Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Revisão técnica de Gilberto Velho. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

BRASIL. Caixa Econômica Federal. **Reabilitação do Bairro de São Cristóvão: levantamento no espaço físico. Relatório: produto final, 2004. v. 1.** Disponível em: <[http://downloads.caixa.gov.br/\\_arquivos/desenvolvimento\\_urbano/gestao\\_urbana/Reabilitacao\\_Sao\\_Cristovao\\_VOL\\_1.pdf](http://downloads.caixa.gov.br/_arquivos/desenvolvimento_urbano/gestao_urbana/Reabilitacao_Sao_Cristovao_VOL_1.pdf)>. Acesso em: 14 mai. 2010.

\_\_\_\_\_. Governo Federal. Defesa e Governo do Rio firmam acordo para força de pacificação no Complexo do Alemão. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/noticias/arquivos/2010/12/22/defesa-e-governo-do-rio-firmam-acordo-para-forca-de-pacificacao-no-complexo-do-alemao>>. Acesso em 10 de janeiro de 2011.

\_\_\_\_\_. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Decreto nº 3551, de 4 de agosto de 2000. Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 5 ago. 2000. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=295>>. Acesso em: 14 mai. 2010.

CABRAL e Dilma visitam Feira de São Cristóvão. 2010. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/politica/5916690/cabral-e-dilma-visitam-feira-de-sao-cristovao>>. Acesso em: 5 nov. 2010.

CARDOSO, André L. C. **Arquitetura Encapsulando a Informalidade: da Feira dos Paraibás ao Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas.** Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

CARDOSO, André L. Carvalho. Arquitetura efêmera dos mercados populares: construções formais para eventos turísticos. In: SEMINÁRIO ESTUDOS URBANOS. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <[http://seu2007.saau.iscte.pt/Actas/Actas\\_SEU2007\\_files/Andre\\_Cardoso2.pdf](http://seu2007.saau.iscte.pt/Actas/Actas_SEU2007_files/Andre_Cardoso2.pdf)>. Acesso em: 4 mai. 2010.

CASTRO, Celso. Narrativas e imagens do turismo no Rio de Janeiro. In: VELHO, Gilberto (org). **Antropologia Urbana: Cultura e sociedade no Brasil e em Portugal.** 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002. p. 80-87.

CHAVES, Gilmar. **Feira de São Cristóvão: o Nordeste é aqui.** Rio de Janeiro: Relume Dumará: Prefeitura, 1999.

COSTA, Adailton Moreira. Relações de gênero, corpo e raça e geração em contextos de sociabilidade na cidade do Rio de Janeiro. Resumo. In: SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 2008, Rio de Janeiro. *Anais eletrônicos...* Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2008. Disponível em: <[http://www.puc-rio.br/pibic/relatorio\\_resumo2008/relatorios/ccs/soc/ada.pdf](http://www.puc-rio.br/pibic/relatorio_resumo2008/relatorios/ccs/soc/ada.pdf)>. Acesso em: 1º jul. 2010.

DA MATTA, ROBERTO. **Relativizando: uma introdução à antropologia social.** Petrópolis: Vozes, 1981. 248 p.

DILMA Rousseff na Feira de São Cristóvão em 26 de setembro de 2010. Vídeo online (7'35 min), color. Enviado pelo usuário *discobertaoblog*, 26 set. 2010. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=YJDNYHulZok>>. Acesso em: 3 ago. 2010.

DOCUMENTÁRIO "De olho no Rio": Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas (RJ). 2005. Trecho do documentário "De olho no Rio", gravado em 2005 no Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas, mostrando a culinária, os costumes, a música e os hábitos dos visitantes da tradicional Feira de São Cristóvão. Direção: Fábio Vizzoni. Assistente de direção: Cristiano Ayres. Reportagem: Uara Nunes e Shirley Souza. Imagens: Sergio Mota. Vídeo online (5'29 min), color. Enviado pelo usuário *culturacarioca*, 1º jan. 2009. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=NqcSek3Goq8>>. Acesso em: 24 jun. 2010.

DUMONT, Louis. A comunidade antropológica e a ideologia. **In: O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna.** Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1985. (p.

\_\_\_\_\_. Introdução. **In: Homo Hierarchicus: O Sistema das Castas e Suas Implicações.** Tradução de Carlos Alberto da Fonseca. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992. (p.49-66).

\_\_\_\_\_. Posfácio. **In: Homo Hierarchicus: O Sistema das Castas e Suas Implicações.** Tradução de Carlos Alberto da Fonseca. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992. (p.369-367).

DURHAM, Eunice R. A Pesquisa Antropológica com Populações Urbanas: Problemas e Perspectivas. In: CARDOSO, Ruth C. L (Org). **A Aventura Antropológica. Teoria e Pesquisa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

DURKHEIM, Emile. As representações sociais. In: **Sociologia e Filosofia.** Tradução Paulo J. B. San Martin. São Paulo: Ícone, 1994. p. 40-54.

\_\_\_\_\_. **As Formas Elementares da Vida Religiosa – O Sistema Totêmico na Austrália.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. **O Suicídio. Estudo de Sociologia.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_. **As Regras do Método Sociológico.** São Paulo: Martin Claret, 2007.

\_\_\_\_\_. **Le dualisme de la nature humaine et ses conditions sociales.** 1914. Un document produit en version numérique par Mme Marcelle Bergeron, bénévole, professeure à la retraite de l'École Dominique-Racine de Chicoutimi. Québec: Macintosh, 2002. Disponível em: <[http://classiques.uqac.ca/classiques/Durkheim\\_emile/sc\\_soc\\_et\\_action/texte\\_4\\_15/dualisme\\_nature\\_humaine.pdf](http://classiques.uqac.ca/classiques/Durkheim_emile/sc_soc_et_action/texte_4_15/dualisme_nature_humaine.pdf)>. Acesso em: 14 mar. 2009.

DURKHEIM, Émile; MAUSS, Marcel. Algumas formas primitivas de classificação. In: **Sociologia e Antropologia**. Tradução de Lamberto Puccinelli. São Paulo, EPU/EDUSP, vol.II. p. 399-455.

ENTREVISTA coletiva de Dilma no Rio de Janeiro (26 de setembro). Vídeo online (6'04 min), color. Enviado pelo usuário *dilmanaweb*, 26 set. 2010. Disponível em: <[http://www.youtube.com/watch?v=\\_jMtPPopOsw&feature=related](http://www.youtube.com/watch?v=_jMtPPopOsw&feature=related)>. Acesso em: 15 nov. 2010.

GAGLIARDI, Clarissa M. R. Turismo e Cidade. In: FORTUNA, Carlos, LEITE, Rogério Proença (orgs.). **Plural de Cidade: Novos Léxicos Urbanos**. Coimbra, Ed. Almedina, 2009. p. 245-263.

GASTAL, Suzana. **Turismo, imagens e imaginários**. São Paulo: Aleph, 2005.

GEERTZ, Clifford. Uma Descrição Densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura. In: **A interpretação das culturas**, Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989. (p. 03-24).

\_\_\_\_\_. Um jogo Absorvente: Notas sobre a Briga de Galos Balinesa. In: **A interpretação das culturas**, Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989. (p. 185-213).

\_\_\_\_\_. O Saber Local e alguns de seus limites. In: **Nova Luz sobre a Antropologia**. Tradução, Vera Ribeiro; Revisão Técnica, Maria Cláudia Pereira Coelho. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. Do Ponto de Vista dos Nativos: a Natureza do Entendimento Antropológico. In: **O Saber Local: Novos Ensaios em Antropologia Interpretativa**. Tradução de Vera de Mello Joscelyne. 9 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

\_\_\_\_\_. Introdução. In: **O Saber Local: Novos Ensaios em Antropologia Interpretativa**. Tradução de Vera de Mello Joscelyne. 9 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

\_\_\_\_\_. Como pensamos hoje: A caminho de uma etnografia do pensamento moderno. In: **O Saber Local: Novos Ensaios em Antropologia Interpretativa**. Tradução de Vera de Mello Joscelyne. 9 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

GIACOMINI, Sonia Maria. 2007. **Emoção “brega” e relações de gênero na Feira de São Cristóvão: corações, corpos e mentes em transbordamento emocional**. 31º Encontro Anual da ANPOCS, 22 a 26 de outubro de 2007, Caxambu-MG.

GIOLITO, Paula. Passaporte Nordeste: mais turistas para São Cristóvão. **Instituto Ideias: Instituto para o Desenvolvimento da Economia, do Indivíduo, do Ambiente e da Sociedade**. Rio de Janeiro, 30 out. 2010. Disponível em: <<http://www.ideias.org.br/informativo/passaporte-nordeste-mais-turistas-para-sao-cristovao>>. Acesso em: 15 nov. 2010.

GOLDEMBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 11ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

GRÜNEWALD, Rodrigo de Azevedo. Turismo e Etnicidade. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 9, n. 20, p. 141-159, outubro de 2003.

GUIA Rio de Janeiro. **Feira de São Cristóvão**. Rio de Janeiro, s/d. Disponível em: <<http://www.guiariodejaneiro.com.br/canais/turismo/feira-de-sao-cristovao>>. Acesso em: 1º jul. 2010.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. Tradução Marie-Agnès Chauvel; prefácio Maria Isaura Pereira de Queiroz. São Paulo: Brasiliense, 2007.

LÉVI-STRAUSS, Claude. A Crise moderna da antropologia. In: Revista de Antropologia. Volume 10, nº 01 e 02. Julho e dezembro de 1962.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Lugar da antropologia nas ciências sociais e problemas colocados por seu ensino. In: **Antropologia Estrutural**. Tradução de Chaim Samuel Katz e Eginardo Pires. Revisão etnológica de Júlio César Melatti. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.

LORETO, Valéria Mariz. **A Feira de São Cristóvão como espaço de resistência cultural para nordestinos**. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002.

MAFFESOLI, Michel. **A sombra de Dionísio - Contribuição a uma sociologia da orgia**. Rio de Janeiro, Graal, 1985.

MAGNANI, Guilherme Cantor. **Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole**. José Guilherme Cantor Magnani, Lilian de Lucca Torres (organizadores). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; FAPESP, 1996. p. 15-53.

\_\_\_\_\_. **Festa no Pedço: Cultura Popular e Lazer na Cidade**. São Paulo, Brasiliense, 1984.

MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. Prefácio e introdução. In: **Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia**. Prefácio de Sir James George Frazer, tradução de Anton P. Carr e Lígia Aparecida Cardieri Mendonça, revista por Eunice Ribeiro Durham. 3 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

MAUSS, Marcel. A Expressão Obrigatória dos Sentimentos (Rituais Oraís Funerários Australianos). In: **Ensaio de Sociologia**. Tradução de Luiz João Gaio e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2005. p. 325-335.

MENDOZA, Edgar Salvador Gutierrez. **Sociologia da antropologia urbana no Brasil: a década de 70**. Tese de Doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas, 2000.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O conceito das representações sociais dentro da sociologia clássica. In GUARESCHI, Pedrinho. JOVCHELOVITCH, Sandra (org). **Textos em representações sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MONNEYRON, Frédéric; RENARD, Jean-Bruno; LEGROS, Patrick; TACUSSEL, Patrick. **Sociologia do Imaginário**. Tradução de Eduardo Portanova Barros. Porto Alegre: Sulina, 2007.

MORALES, Lúcia Arraes. A Feira de São Cristóvão: Um Estudo de Identidade Regional. Tese para o Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS). Museu Nacional, Rio de Janeiro: 1993.

NOGUEIRA, Martha Carvalho. **Estado, Mercado e Cultura Popular no Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas**. 2004, Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade do estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

PANDOLFO, Maria Lúcia Martins. Feira de São Cristóvão: **A reconstrução do nordestino num mundo de paraíba e nortistas**. 1987. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Estudos Avançados em Educação, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro.

PAVILHÃO de São Cristóvão: 1969. 1 fotografia, color. Enviada pelo usuário *bernardodurco*, 22 ago. 2009a. Disponível em: <<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?p=41989058>>. Acesso em: 15 jan. 2011.

PAVILHÃO de São Cristóvão: começo dos anos 90. 1 fotografia, color. Enviada pelo usuário *bernardodurco*, 22 ago. 2009b. Disponível em: <<http://www.cesarmaia.com.br/2010/05/feira-de-sao-cristovao-centro-luiz-gonzaga-de-tradicoes-nordestinas/>>. Acesso em: 15 jan. 2011.

PEIXOTO, Paulo. Requalificação Urbana. In: FORTUNA, Carlos, LEITE, Rogério Proença (orgs.). **Plural de Cidade: Novos Léxicos Urbanos**. Coimbra, Ed. Almedina, 2009. p. 41-52.

PEREZ, Xerardo Pereiro. **Turismo Cultural. Uma visão antropológica**. El Sauzal (Tenerife. Espanha): ACA y PASOS, RTPC. 2009. 307p.

PROGRAMA Re-Vista: Feira de São Cristóvão – Leonardo. Parte 2. Vídeo online (9'51 min), color. Enviado pelo usuário *programarevista*, em 16 set. 2010. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=CzcFA-P6cGw>>. Acesso em: 3 ago. 2010.

RIBEIRO, Maria de F. (2004) - **Nem Feira dos Paraíba nem Shopping dos Nordestinos: um estudo sobre o Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas**. Tese. Programa de Engenharia de Produção. COPPE/UFRJ. Rio de Janeiro.

RIBEIRO, Maria de Fátima. ; SILVA, Luiza Rosângela da; FLAESHER, Gilson; JULIO, Roberto Wagner. **Levantamento estatístico em um Arranjo Produtivo Local: aspectos**

**metodológicos e alguns indicadores de trabalho e produção.** In: XII- SIMPEP Simpósio de Engenharia de Produção, 2005, Bauru. Relações de Trabalho no Contexto da Engenharia de Produção, 2005.

RIBEIRO, Maria de Fátima; SILVA, Luiza Rosângela da. **Inclusão social pelo trabalho: cooperação e solidariedade na formação de um arranjo produtivo local – APL - na região metropolitana do Rio de Janeiro.** In: III Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia - SEGET. Resende: SEGET, 2006. v.1.

RIBEIRO, Maria de Fátima; DA SILVA, Luisa Rosângela; BARTHOLO, Roberto dos Santos. **A alma do negócio: aspectos identitários nas iniciativas geradoras de trabalho e renda e na formação de arranjos produtivos locais.** XI Jornadas de Economia Crítica. Bilbao, de 27 à 29 de marzo de 2008. Título: Bienestar y Democracia Económica Global.

RIO DE JANEIRO. Estado. Rede de Museus do Estado do Rio de Janeiro. **Histórico do Bairro de São Cristóvão.** Rio de Janeiro, s/d. Disponível em: <<http://www.museusdoestado.rj.gov.br/mir/texto/HISTORICO%20DO%20BAIRRO%20DE%20SAO%20CRISTOVAO.pdf>>. Acesso em: 14 mai. 2010.

\_\_\_\_\_. Lei complementar nº 73, de 29 de julho de 2004. Institui o PEU São Cristóvão, Projeto de Estruturação Urbana dos bairros componentes da VII Região Administrativa São Cristóvão / UEP 05 (São Cristóvão, Mangueira, Benfica e Vasco da Gama) e dá outras providências. **Diário Oficial do Município do Rio de Janeiro**, Poder Executivo, Rio de Janeiro, RJ, 30 jul. 2004a. Disponível em: <[http://www2.rio.rj.gov.br/smu/imagens/doc/Lei\\_complementar\\_n73.pdf](http://www2.rio.rj.gov.br/smu/imagens/doc/Lei_complementar_n73.pdf)>. Acesso em: 24 jun. 2010.

\_\_\_\_\_. Município. Lei nº 2052, de 26 de novembro de 1993. Cria no Campo de São Cristóvão o Espaço Turístico e Cultural Rio/Nordeste. **Diário Oficial do Município do Rio de Janeiro**, Poder Executivo, Rio de Janeiro, RJ, 27 nov. 1993. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/273066/lei-2052-93-rio-de-janeiro-rj/>>. Acesso em: 1º jul. 2010.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Obras do Estado do Rio de Janeiro. **Modernização da Avenida Brasil.** Disponível em: <[http://obras.rio.rj.gov.br/index2.cfm?sqncl\\_publicacao=250](http://obras.rio.rj.gov.br/index2.cfm?sqncl_publicacao=250)>. Acesso em 05 ago. 2010.

\_\_\_\_\_. Secretaria Municipal de Urbanismo do Rio de Janeiro. **Projeto de Estruturação Urbana do Bairro de São Cristóvão.** Rio de Janeiro, 2004b. Disponível em: <[http://www2.rio.rj.gov.br/smu/paginas/PEU\\_saocristovao.asp](http://www2.rio.rj.gov.br/smu/paginas/PEU_saocristovao.asp)>. Acesso em: 24 jun. 2010.

\_\_\_\_\_. Secretaria Especial de Turismo do Rio de Janeiro. Feira de São Cristóvão: Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas. **Guia do Rio.** Rio de Janeiro: Riotur, s/d. Disponível em: <<http://www0.rio.rj.gov.br/riotur/pt/atracao/?CodAtr=3904>>. Acesso em: 24 jun. 2010.

ROSALDO, Renato. **Cultura y verdad, nueva propuesta de análisis social**. México: Grijalbo, 1991.

RUBINO, Silvana. Enobrecimento Urbano. In: FORTUNA, Carlos, LEITE, Rogério Proença (orgs.). **Plural de Cidade: Novos Léxicos Urbanos**. Coimbra, Ed. Almedina, 2009. p. 25-40.

SANTANA, Agustín. **Antropologia do turismo: analogias, encontros e relações**. Tradução de Eleonora Frenkel Barreto. São Paulo: Aleph, 2009. p. 09-54.

SANTOS, José João dos. **A Feira Nordestina – Foi assim que começou**. Literatura de Cordel. Editora Tupinanquim. Ceará. Brasil.

SIQUEIRA, Euler David de. **O Homem Total na Sociologia de Marcel Mauss**. Revista Humanas. Londrina. Vol. 02, nº 01. P. 07-32. Março 2000.

\_\_\_\_\_. **Ritual, turismo e cultura: o aeroporto do Galeão como lugar de passagem**. In: Congresso brasileiro de ciências da comunicação, XXIX; Anais da Intercom – Sociedade brasileira de estudos interdisciplinares da comunicação. De 07 a 09 de setembro de 2006, Campus da Universidade de Brasília. CD-ROM.

\_\_\_\_\_. **A nova maravilha do turismo: práticas simbólicas e narrativas identitárias na eleição do Cristo Redentor**. In: 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2008, Porto Seguro. Anais da 26ª Reunião Brasileira de Antropologia. Brasília: editora da ABA, 2008. V.01. P.1-19.

TRINDADE, Liana, LAPLANTINE, François. **O que é imaginário**. São Paulo: Brasiliense, 1997.

UOL VIAGEM. **Praia, música e Cultura fazem do Rio de Janeiro uma cidade verdadeiramente maravilhosa**. Disponível em: <<http://viagem.uol.com.br/guia/cidade/rio-de-janeiro.jhtm>>. Acesso em 05 ago. 2010.

VELHO, Gilberto. **Unidade e fragmentação em sociedades complexas**. In: Projeto e Metamorfose – Antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994. p. 11-30.

\_\_\_\_\_. **Visão de mundo e estilo de vida em camadas médias urbanas – algumas questões sobre o estudo de família**. In: Individualismo e Cultura – Notas para uma antropologia da Sociedade Contemporânea. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994. p. 111-120.

\_\_\_\_\_. **A Utopia Urbana – um estudo de antropologia social**. 6 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

## 8. ANEXO

- 1) Capa do Informativo Oficial da Feira de São Cristóvão. Rio de Janeiro/Rj. Ano 07. Edição 077. Novembro de 2010.

